

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Simone Santos Kuhn

**INICIAÇÃO ESPORTIVA TARDIA AO VOLEIBOL: ENSINO-APRENDIZAGEM DO
SISTEMA TÁTICO 5:1 POR MEIO DE JOGOS PARA COMPREENSÃO**

**Porto Alegre
2018**

Simone Santos Kuhn

**INICIAÇÃO ESPORTIVA TARDIA AO VOLEIBOL: ENSINO-APRENDIZAGEM DO
SISTEMA TÁTICO 5:1 POR MEIO DE JOGOS PARA COMPREENSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação
Física da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito para
obtenção do grau de Bacharela em
Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Guy Ginciene

Porto Alegre

2018

INICIAÇÃO ESPORTIVA TARDIA AO VOLEIBOL: ENSINO-APRENDIZAGEM DO
SISTEMA TÁTICO 5:1 POR MEIO DE JOGOS PARA COMPREENSÃO

Conceito Final:

Aprovado em de de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Leonardi – ESEFID/UFRGS

DEDICO ESTE TRABALHO

E a conclusão desta etapa da minha vida acadêmica aos excelentes professores e professoras que tive nas instituições públicas de ensino, nas quais realizei todas as etapas da minha escolarização, da Educação Básica ao Ensino Superior. Tive a honra de conviver e de aprender a pensar criticamente com profissionais criativos e dedicados que, apesar de não receberem da sociedade e dos gestores políticos os devidos cuidados e o reconhecimento tão merecido, sempre ofereceram o seu melhor aos seus alunos e alunas. Esses homens e mulheres são exemplos de investimento e de amor pela infância e juventude do seu país. Deixo aqui registrado o meu carinho e o meu reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Se eu fosse detalhar os agradecimentos da maneira que cada pessoa que será mencionada merece, certamente, ocupariam mais páginas do que o restante deste Trabalho de Conclusão de Curso. Por isso, tentarei ser breve, na medida do possível.

Agradeço a minha mãe, Rolina, que sempre esteve e sempre estará comigo, pois o tempo que tivemos juntas foi suficiente para construirmos uma relação eterna. Cada pedaço de mim, e tudo que faço, está repleto da sua presença. Mãe, obrigada por ter me ensinado com o teu exemplo tudo o que eu sei de melhor nessa vida. Por ter me ensinado a amar as pessoas e não as coisas. Se eu fosse escrever tudo que tenho para te agradecer, essa lista não teria fim, assim como não tem fim a saudade que sinto de ti.

Ao meu pai, Mauro, obrigada por estar sempre presente na minha vida, nos momentos bons e ruins, eu sei que sempre posso contar contigo. Obrigada por toda a tua luta e esforço para me proporcionar o que tu não tiveste. Sinto muito te dizer que, por mais que tentes esconder com o teu jeito sério e durão, é impossível não ver esse grande coração que tens no peito.

Laura, minha filha querida! Obrigada por ser essa filha companheira, carinhosa e compreensiva. Eu fico muito feliz ao ver a menina incrível que tu és. Obrigada por preencher os meus dias com a tua alegria, com o teu bom humor e com o teu sorriso lindo. Obrigada pelos abraços apertados e pelas massagens, e por me dizer quase todos os dias que me ama. Obrigada por estar sempre presente nas minhas aulas de voleibol, inclusive nas que fizeram parte da pesquisa deste TCC. Te amo!

Agradeço à minha irmã Silvana e aos meus sobrinhos, Stefany e Gabriel, que tanto amo, por torcerem por mim e pela compreensão das minhas ausências nos tradicionais almoços de domingo, e de não conseguir visitá-los tanto quanto gostaria nesse momento.

Ao meu amigo Fábio, obrigada pelo apoio, pelo chimarrão no final de semana, e, por diversas vezes cozinhar para mim enquanto eu escrevia este Trabalho. Embora ficasse dizendo o tempo todo que já cozinha melhor do que eu, não é mesmo? Mas tudo bem! Toda professora deve desejar que seus alunos a superem um dia, então fico feliz por isso. Parabéns! Aprendeu bem!

Agradeço às minhas alunas, atletas da equipe de voleibol, que participaram desta pesquisa, pelo carinho e pela confiança no meu trabalho. Certamente tenho aprendido muitas coisas com cada uma nesses dois anos de caminhada juntas. Obrigada pelas risadas garantidas nas quartas e sextas à noite. Vocês são mais do que alunas, admiro a dedicação de cada uma à equipe e as considero minhas parceiras e amigas.

Agradeço à minha grande amiga que o voleibol me deu. Que me retira da frente do computador e me diz: “Chega de estudar! Temos muito assunto para colocar em dia! E voleibol para jogar!” Obrigada Lidiane (Lidhy) por tornar meus dias mais engraçados e cheios de aventura, por equilibrar meu jeito “calmaria” com o teu jeito “furacão”. Obrigada pela tua presença nos treinos de voleibol, pelo teu apoio e parceria, mesmo nesse momento conturbado que a maternidade de primeira viagem te apresenta.

O que dizer ao professor Guy Ginciene, orientador desta pesquisa? Que recém-chegado à ESEFID/UFRGS aceitou se aventurar junto comigo nesse percurso. O professor estuda esportes de invasão e esportes com raquetes e a aluna pede para que ele oriente um trabalho sobre voleibol, sendo que ela nem sabe ao certo ainda o que quer fazer. Haja paciência! Poderia ter recusado, não é mesmo? Não faltariam motivos para isso. Eu compreenderia. Mas, como se não bastasse aceitar, me aguentou semanalmente por horas em sua sala discutindo voleibol. Por incrível que pareça, além de tudo se manteve atento o tempo todo, até quando eu mesma não me aguentava mais. Quando eu me perdia nas ideias, e nem entendia mais o que estava falando, ele entendia, e me ajudava a retomar o foco, com sua tranquilidade e inteligência. Guy, obrigada pelas nossas conversas, pela tua dedicação ao meu Trabalho, e por me ajudar a concluir essa etapa.

Agradeço ao professor Vicente Molina Neto e à professora Lisandra Oliveira e Silva pela orientação na iniciação científica. Molina, admiro a tua generosidade ao acolher cada professor(a)/estudante, e te agradeço por compartilhar da tua sabedoria construída ao longo de toda uma carreira dedicada à militância por uma Educação Física comprometida com a justiça social. Lisandra, tu és uma mulher e uma professora incrível, te admiro muito. Obrigada pela tua dedicação e apoio nos meus trabalhos. Obrigada por me abrir as portas da tua casa e por me convidar para participar de momentos importantes da tua vida familiar. Estendo os agradecimentos aos queridos professores do Grupo de Pesquisa F3P-EFICE, Denise Grosso da

Fonseca e Elisandro Schultz Wittizorecki, e aos demais colegas participantes do grupo. Tenho aprendido muito com todos(as) vocês.

Também agradeço à professora Lisiane Torres e Cardoso e aos colegas com quem compartilhei bons momentos durante dois anos no PIBID/UFRGS Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E aos demais colegas com quem convivi nesses cinco anos de ESEFID/UFRGS, em especial à minha parceira e grande amiga Cíntia Menezes Guimarães.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus pela vida que tenho e pela oportunidade de aprender com tantas pessoas admiráveis que tenho encontrado pelo caminho. Ninguém conquista nada sozinho(a). Obrigada a todos(as)!

RESUMO

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso é o ensino do voleibol no contexto da iniciação esportiva tardia. Na qualidade de treinadora de voleibol iniciante, venho passando por um processo reflexivo acerca da minha própria prática pedagógica, da compreensão do contexto no qual essa prática acontece, e da construção da minha identidade enquanto treinadora de voleibol. O conteúdo apresentado neste relatório final de pesquisa compõe esse processo. Com o propósito de ensinar o sistema tático 5:1 para uma equipe iniciante de voleibol máster feminino, me vi diante de um desafio que se configurou na questão de investigação que passou a orientar o processo desta pesquisa: **De que maneira é possível implementar o sistema tático 5:1 em uma equipe máster de voleibol feminino por meio da compreensão do jogo, considerando aspectos da sua lógica interna e externa?** A partir disso, a pesquisa buscou descrever e analisar o processo de implementação do sistema tático 5:1 em uma equipe máster de voleibol feminino por meio da compreensão da lógica interna e externa do jogo. Para isso, a pesquisa realizada foi de abordagem qualitativa, por meio do desenvolvimento de uma pesquisa-ação. Os instrumentos metodológicos escolhidos para auxiliar na construção dos conhecimentos foram: observação participante, diários de campo, reuniões de discussão e planejamento, análise de documentos. Os participantes da pesquisa foram a treinadora/pesquisadora, o amigo crítico/orientador da pesquisa, e a equipe de voleibol máster feminino. O capítulo de análise e discussão dos conhecimentos construídos com o processo da pesquisa foi organizado em três categorias. Na primeira, são apresentadas as considerações sobre o ensino com os objetivos de aprendizagem focados nas ações da levantadora. Na segunda, com os objetivos de aprendizagem voltados às ações da levantadora e das atacantes. E, por fim, na terceira categoria, são abordados elementos relativos à lógica externa do jogo, que não se relacionam diretamente aos conteúdos específicos do sistema tático 5:1, mas que estiveram presentes e permearam todo o processo de implementação, pois são inerentes ao contexto pesquisado. Assim, apresentamos de que maneira conseguimos ensinar o sistema tático 5:1 por meio de jogos, com o intento de contribuir como um exemplo de construção do ensino com base na compreensão das lógicas interna e externa do jogo, e, portanto, centrado na aprendizagem das alunas/atletas.

Palavras-chave: Voleibol; Ensino dos Esportes Coletivos; Sistema Tático 5:1; Iniciação Esportiva Tardia; Pesquisa-ação.

LISTA DE SIGLAS

APMs	Associações de Pais e Mestres
ESEFID	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
MED	Modelo de Educação Desportiva
MEJPC	Modelo de Ensino do Jogo para Compreensão
RS	Rio Grande do Sul
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Temas das reuniões de discussão e planejamento	43
Quadro 02	Agrupamento dos treinos em dois blocos de acordo com os objetivos de aprendizagem propostos	48
Quadro 03	Bloco 01: treinos de 01 a 05	50
Quadro 04	Plano do treino 01	51
Quadro 05	Plano do treino 02	60
Quadro 06	Plano do treino 03	68
Quadro 07	Plano do treino 04	72
Quadro 08	Plano do treino 05	78
Quadro 09	Bloco 02: treinos de 06 a 08	83
Quadro 10	Plano do treino 06	83
Quadro 11	Plano do treino 07	90
Quadro 12	Plano do treino 08	95

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	12
1 RETALHOS DA MINHA HISTÓRIA COM O VOLEIBOL	14
2 APROXIMAÇÃO À QUESTÃO DE PESQUISA	20
2.1 QUESTÃO DE PESQUISA	23
2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA	23
2.2.1 Objetivo Geral	23
2.2.2 Objetivos Específicos	23
3 VOLEIBOL: CARACTERÍSTICAS DA MODALIDADE, ENSINO E INICIAÇÃO ESPORTIVA TARDIA	24
4 ESTRATÉGIAS ESCOLHIDAS PARA O JOGO	34
4.1 O CAMPO DE PESQUISA	34
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	36
4.3 PROCEDIMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS	40
4.3.1 Observação Participante	40
4.3.1.2 Diários de Campo	41
4.3.2 Análise de Documentos	42
4.3.3 Reuniões de Discussão e Planejamento	43
5 SCOUT DO JOGO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS	45
5.1 PRIMEIRO SET	50
5.2 SEGUNDO SET	83
5.3 MAIS DO QUE VOLEIBOL	97
CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
APÊNDICES	112
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	113
APÊNDICE B – Mapa de conhecimentos	116
APÊNDICE C – Ficha de avaliação das ações táticas	117
ANEXOS	118
ANEXO I – Carta de Anuência	119
ANEXO II – Material Didático: posições em quadra e posições relativas das jogadoras no momento do saque	120

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O presente relatório trata de pesquisa relativa ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Bacharelado em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem como tema o ensino do voleibol em um contexto que pode ser considerado de iniciação esportiva tardia. Ao mesmo tempo em que buscou descrever e analisar aspectos do processo de ensino-aprendizagem de conteúdos específicos do sistema tático 5:1 do voleibol, esta pesquisa também buscou a construção de conhecimentos que contribuíssem para o aprimoramento da prática pedagógica no contexto em questão.

Na qualidade de treinadora de voleibol iniciante, venho passando por um processo reflexivo acerca da minha própria prática pedagógica, da compreensão do contexto no qual essa prática acontece, e da construção da minha identidade enquanto treinadora de voleibol. Nesse sentido, o conteúdo apresentado neste relatório final de pesquisa compõe esse processo, e está organizado em cinco capítulos com algumas subdivisões.

Assim, o primeiro capítulo consiste na narrativa de experiências pessoais com o voleibol, apresentando uma síntese de episódios selecionados com a intenção de contribuir para a compreensão das escolhas que têm direcionado a minha prática pedagógica no ensino dessa modalidade esportiva.

O segundo capítulo contextualiza de que maneira ocorreu a delimitação do objeto de estudo, até que fosse possível configurar a questão que orientou a investigação e os decorrentes objetivos da pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta alguns conceitos que são centrais para a compreensão de importantes aspectos abordados neste relatório de pesquisa. Neste capítulo, não há a pretensão de aprofundar esses conceitos no sentido de discutir seus diferentes usos ou interpretações de diversos autores sobre cada um deles. Ou seja, o objetivo é apenas explicar o que se entende por determinados termos para fins de compreensão desse relatório de pesquisa.

No quarto capítulo são detalhadas as decisões metodológicas da pesquisa. As subdivisões desse capítulo procuram dar conta de apresentar o campo de pesquisa e seus participantes, a caracterização do estudo, e os procedimentos escolhidos para a construção dos conhecimentos da pesquisa.

No quinto capítulo, os conhecimentos construídos durante o processo da pesquisa são analisados e discutidos em três categorias. As duas primeiras categorias são dedicadas aos elementos relativos, especificamente, ao processo de ensino-aprendizagem do sistema tático 5:1 no contexto pesquisado. A terceira categoria aborda elementos relativos à lógica externa do jogo, que não se relacionam diretamente a conteúdos táticos específicos, mas que estiveram presentes e permearam todo o processo da pesquisa, pois são inerentes ao contexto pesquisado.

Por fim, após esses cinco capítulos, são apresentadas as considerações transitórias sobre as aprendizagens da pesquisa, seguidas da lista de referências bibliográficas consultadas e dos elementos pós-textuais.

1 RETALHOS DA MINHA HISTÓRIA COM O VOLEIBOL

Considero um bom caminho, nas primeiras linhas deste texto, narrar de que maneira o voleibol esteve (e está) presente na minha trajetória de vida. Justifico a pertinência de iniciar a escrita desse modo por acreditar que os estudos científicos, assim como as práticas pedagógicas, são produzidos por indivíduos que carregam consigo suas bagagens existenciais, e, por isso, não estão isentos das suas subjetividades.

Ao leitor(a), talvez pareça estranha a presença da palavra retalhos no título deste capítulo, utilizada para me referir aos trechos selecionados da minha história com o voleibol que serão aqui relatados. Mas, para mim, a escolha dessa palavra não é nada estranha, devido ao meu envolvimento com técnicas de artesanato ao longo de praticamente toda a vida. Os retalhos são pedaços de tecidos ou de outros materiais com diferentes cores e formatos, que, em si mesmos, aparentemente, não são nada. Mas de onde vêm os retalhos? Geralmente, antes de se tornarem retalhos faziam parte de uma peça inteira que foi recortada para dar origem a alguma outra peça, ou, por algum motivo, simplesmente foi desmanchada e deixou de existir como era antes. E para que servem os retalhos? Esses pedacinhos, cada um com sua cor e forma, juntos, como se fossem peças de um grande quebra-cabeça, são capazes de fornecer matéria prima para a construção das mais variadas e belas peças artesanais. Podem dar origem a peças com fins utilitários e/ou decorativos, que expressam desde a criatividade individual até as identidades culturais. Esse processo de transformação de simples retalhos em peças inteiras, com sentido próprio, pode ser realizado por meio de uma infinidade de técnicas artesanais. No entanto, seja qual for a técnica escolhida, ao final do trabalho, eles (os retalhos), mesmo que não sejam mais percebidos como retalhos, ainda estarão lá, compondo o novo todo, que também será passível de modificações.

Wittizorecki et al. (2006), ao citarem outros autores, explicam que, quando um sujeito se narra, é sabido que há uma versão selecionada do que pretende narrar ou do que prefere mostrar aos outros. Em busca de dar sentido ao relato da própria experiência, e diante do distanciamento temporal do processo de ativação da memória, algumas experiências são apagadas enquanto outras são intensificadas, operando, assim, uma escolha dos fatos considerados dignos de serem divulgados. Assim, me arrisco a dizer que o sujeito escolhe os retalhos que melhor se adequam

ao que espera do produto final do seu artesanato. Essa seleção é um dos argumentos utilizados por alguns críticos da narrativa de histórias de vida como fonte de informações na pesquisa científica. Por esse motivo, os autores citados defendem que deve haver a articulação com outras fontes, sugerindo a adoção do procedimento de triangulação entre elas (WITTIZORECKI et al., 2006).

Na presente pesquisa, as histórias que foram sintetizadas neste capítulo não são as principais fontes de informações utilizadas. Mas, são apresentadas como complemento, com a intenção de contribuir para a compreensão das escolhas que têm direcionado a minha prática pedagógica no ensino do voleibol. Isto, devido ao potencial formativo do ato narrativo, ao proporcionar a atribuição de significados às vivências, e, dessa forma, constituindo experiências. Para Connelly e Clandinin (2011), experiências são as histórias que as pessoas vivem, e, ao contarem essas histórias, as pessoas se reafirmam, se modificam e criam novas histórias, que vividas e contadas educam, a si mesmas e aos outros.

Conheci o Voleibol no final da década de 1980, ainda criança, no bairro onde morava, na cidade de Porto Alegre. Cresci brincando em uma rua pouco movimentada, onde as principais atividades de lazer envolviam as famílias em torno de diversas práticas corporais: futebol, jogo de taco, cabo de guerra, brincadeiras com cordas, esconde-esconde, pega-pega, caçador (queimada), trilha, bobinho, três corta, voleibol, etc. Nos fins de tarde, principalmente nos meses do verão, adultos, jovens e crianças compartilhavam das mesmas brincadeiras e jogos de rua, com um clima descontraído e de muita diversão.

Dentre todas as atividades com as quais me envolvi nessa fase da vida, o voleibol conquistou meu interesse de maneira singular. Esse foi apenas o começo, mas até hoje me pego pensando sobre qual voleibol foi capaz de despertar a paixão que sinto por essa modalidade esportiva. A quadra era a rua de chão batido, com suas linhas demarcadas por riscos desenhados com pedaços de madeira ou com pedras. A rede era pendurada entre um poste de luz e a grade da casa dos vizinhos. As varandas das casas eram transformadas rapidamente em arquibancadas, de onde as pessoas contemplavam o jogo, entre uma cuia e outra de chimarrão. As regras do jogo não reproduziam rigorosamente as do esporte oficial, mas eram adaptadas às habilidades dos participantes.

Inicialmente, devido a pouca idade, minha participação nos jogos de voleibol se resumia a brincar de pega-pega com outras crianças em volta da quadra

improvisada (e por vezes atravessar no meio do jogo correndo) e a disputar a chance de buscar a bola para arriscar devolvê-la aos jogadores ensaiando um saque, um toque ou uma manchete. O desejo de crescer depressa para participar dos jogos se misturava com o ímpeto de aproximação, mesmo que, de vez em quando, me custasse levar uma bolada e voltar para casa chorando. Com um pouco mais de idade, já nos anos finais do Ensino Fundamental, passei a jogar voleibol na rua e também na escola, principalmente no horário do recreio, momento no qual a organização de diversos jogos esportivos ficava por conta dos próprios alunos.

O contexto da minha participação na prática do voleibol começou a mudar consideravelmente com a entrada no Ensino Médio. Nessa época, passei a estudar em uma escola com forte tradição esportiva. As aulas de Educação Física nessa escola eram separadas para os meninos e para as meninas, além de divididas por esporte. Havia, ainda, a possibilidade de participação em equipes de competição de diversas modalidades esportivas. Diante da necessidade de optar por um esporte para frequentar as aulas de Educação Física, obviamente, escolhi participar das aulas de voleibol. No primeiro dia de aula, ao observar os primeiros movimentos durante o jogo, a professora me entregou um bilhete, indicando que eu deveria levá-lo a outro professor que estava na seção de Educação Física da escola. Nesse momento, eu acabava de ser indicada para a equipe competitiva da escola, sem ter me dado conta disso.

Assim, sem experiências anteriores em escolinhas ou equipes competitivas, e sem nunca ter assistido a um jogo oficial na televisão, aos 14 anos de idade passei a frequentar os treinos de voleibol, que ocorriam em turno oposto ao dos estudos, três vezes por semana, quatro horas em cada dia. Não demorou muito para que me envolvesse completamente com os treinos e para que me tornasse a capitã da equipe. O treinamento esportivo e as competições nos fins de semana passaram a fazer parte da minha rotina durante todo o Ensino Médio. Esse fato me oportunizou (re)conhecer e experimentar a prática do voleibol sob outro ponto de vista. Se antes eu jogava porque gostava, apenas por diversão, no novo contexto havia pressão pelo bom desempenho e a busca por resultados. Apesar de ocorrer no ambiente escolar, a lógica que estruturava os treinos era a do rendimento esportivo, com o método de ensino tradicional, pautado na repetição constante de gestos técnicos, visando a reprodução de um padrão preestabelecido que deveria ser aplicado no jogo. Nessa fase, além da ênfase no desenvolvimento das habilidades técnicas do

voleibol, estive exposta a altas cargas de treinamento das capacidades físicas, o que resultou, rapidamente, em aprender a conviver e a jogar com dores e lesões frequentes.

Hoje, refletindo sobre os aspectos positivos que posso citar das minhas experiências com o voleibol na adolescência, identifico que estão mais atrelados ao desenvolvimento psicossocial do que propriamente à aprendizagem do esporte. No entanto, na época, os objetivos mais reforçados para as equipes esportivas, nos discursos por parte da escola e dos treinadores, estavam voltados para a obtenção de bons resultados nas competições, o que não ocorria com muita frequência. Sem dúvida, me fez bem pertencer a um grupo que era visto positivamente no ambiente escolar em questão, também me fez bem enfrentar situações de estresse nos treinos e nas competições para aprender a manter o foco e a exercitar a resiliência. Mas, e quanto ao voleibol propriamente? Será que eu aprendi a jogar melhor depois de quatro anos de treinamento contínuo e sistemático? Talvez tenha aprimorado um pouco as habilidades técnicas. Mas, e quanto à inteligência tática? Penso que não avancei tanto quanto poderia. E, ainda, se o modelo de treinamento fosse diferente eu teria me mantido no esporte após concluir o Ensino Médio?

Conforme pode ser observado no último questionamento exposto acima, eu desisti do voleibol após concluir o Ensino Médio. Ao sair da escola, abandonei por mais de uma década a prática esportiva. O principal motivo para essa decisão foi uma grave lesão no joelho e as fortes dores nas costas, provocadas pelos desequilíbrios musculares causados pelos gestos técnicos repetitivos.

Dessa maneira, minha vida passou a andar por outros caminhos, fiz escolhas que não envolveram de forma alguma a prática do voleibol, até que um dia, já adulta, fui parar novamente dentro de um ginásio, dessa vez assistindo a aulas de iniciação ao voleibol para crianças. Isso ocorreu quando minha filha, na época com dez anos de idade, teve a experiência de jogar voleibol nas aulas de Educação Física na escola, e, ao apreciar a prática, pediu para aprender mais sobre a modalidade. Na tentativa de proporcionar uma experiência diferente da que tive no passado, busquei uma escolinha oferecida em um clube de Porto Alegre sem muita tradição competitiva no voleibol, pois a intenção era que ela aprendesse sem a pressão por resultados, para que continuasse apreciando a modalidade e jogando, se assim desejasse.

Logo nos primeiros meses de aula, minha filha foi direcionada para a equipe mirim do clube, onde imediatamente foi colocada para jogar na posição de meio de rede (por ser mais alta do que as outras meninas da equipe), no sistema de jogo 5:1. Ao observar os treinos, percebi que o modelo de ensino utilizado, tanto na escolinha quanto na equipe mirim, seguiam o mesmo padrão ou era ainda mais rigoroso do que aquele que eu vivenciei na adolescência. Um receio que eu tinha ao consentir que ela participasse de uma equipe de voleibol se confirmou, pois constatei que, após se passarem vários anos, as crianças continuavam sendo ensinadas conforme os padrões do esporte de alto rendimento. E, nesse caso, com o agravante de que o treinador se permitia alterar o tom de voz e usar palavras ofensivas para corrigir as crianças. Ao tentar conversar com os outros pais, percebi que compartilhavam do entendimento de que era necessária uma postura mais “disciplinadora” nos treinos e nos jogos para estimular a concentração e a aprendizagem das crianças. Por esses motivos, retirei minha menina da equipe e optei por participar junto com ela de um grupo formado por algumas famílias que jogavam voleibol no clube uma noite por semana. Permanecemos nesse grupo por aproximadamente cinco anos, e, eu acabei me envolvendo com o voleibol novamente e recuperando o prazer de jogar.

Nesse mesmo período, aceitei um convite para compor uma equipe em formação, que se originava do desejo de algumas mulheres de voltar a treinar e a participar de campeonatos de voleibol. A equipe era composta por mulheres adultas da mesma faixa etária (em média trinta anos), que, por diversos motivos, haviam deixado a prática do voleibol já há algum tempo. No início as coisas deram certo, nos tornamos amigas, tínhamos prazer em acordar cedo para os treinos aos sábados, das 7h às 9h, pois era o único dia e horário compatível para todas, diante das responsabilidades impostas pela vida adulta. O treino e a organização da equipe aconteciam por nossa conta (algumas tinham formação em Educação Física), e tomávamos as decisões coletivamente, até que o vice-campeonato em uma competição tradicional de Porto Alegre fez com que algumas desejassem contratar um treinador para que o treinamento do time fosse “mais intenso e mais sério”. Apesar de algumas divergências, foi contratado um estudante de Bacharelado em Educação Física e ex-atleta das categorias de base de um renomado clube com tradição no voleibol em Porto Alegre. A partir desse momento, as decisões e os rumos da equipe passaram a ser centralizados pelo novo treinador.

Permaneci nessa equipe por dois anos, tempo suficiente para ver aspectos da lógica do esporte profissional sendo impostos em um contexto de esporte amador. Para solucionar as dificuldades e elevar o nível de jogo da equipe, pouco a pouco, o novo treinador foi afastando o objetivo que motivou a formação da mesma. A equipe de amigas que tinham prazer em treinar passou a agregar ex-atletas de clubes, meninas mais jovens, mais altas e mais fortes. O argumento do treinador, que passou a ser defendido inclusive por algumas das integrantes originais do time, era de que a equipe tinha como principais características a boa recepção de saque e a excelente defesa, mas devido à baixa estatura das jogadoras, ficava devendo nos quesitos bloqueio e potencial ofensivo de ataque.

Ao ler esse último relato, alguém poderia dizer que as coisas mudam, e que é assim mesmo, nada permanece igual diante do dinamismo da vida e das escolhas que as pessoas fazem constantemente. Realmente, a equipe mudou. Mas, penso que é importante refletir sobre os motivos pelos quais as mudanças ocorrem, e, nesse caso, foi para atingir um padrão preestabelecido que, para algumas pessoas envolvidas, nem sequer poderia ser questionado. No meu entendimento, a atitude de simplesmente substituir pessoas, em um projeto iniciado por elas próprias, é desconsiderar sua capacidade de aprender, e de encontrar soluções criativas para as dificuldades enfrentadas. Além de eximir o treinador da responsabilidade de ensinar, tornando-o apenas um reprodutor de modelos e um organizador de equipes prontas.

Depois dessa experiência, voltei a jogar voleibol apenas em momentos de lazer, eventualmente. Cheguei a frequentar os treinos de algumas equipes da categoria máster, mas sem o compromisso de participar das competições. E, atualmente, posso dizer que estou “jogando” o voleibol em uma posição que ainda não havia vivenciado: a de treinadora.

A necessidade de reflexão sobre essa nova experiência deu corpo a este TCC, e a maneira como iniciei no desafio da função de treinadora de voleibol está apresentada no capítulo a seguir, de aproximação à questão de pesquisa.

2 APROXIMAÇÃO À QUESTÃO DE PESQUISA

Ingressei no Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS no ano de 2013/2, e concluí em 2017/1. Durante todo o período da Licenciatura, estive envolvida em projetos de extensão e de pesquisa na área da Educação Física escolar, por considerar um campo de atuação profissional de grande relevância social, ao qual aprecio muito, apesar das grandes dificuldades impostas pelas políticas públicas educacionais no Brasil atualmente.

Minha permanência no Curso de Bacharelado em Educação Física¹, na mesma instituição de ensino superior, não foi algo que esteve nos meus planos desde o início da graduação. De modo geral, os espaços de atuação dos bacharéis em Educação Física não atraíam o meu interesse profissional. Apesar do meu envolvimento com o voleibol, em nenhum momento cogitei a possibilidade de atuar no treinamento dessa modalidade esportiva. Refletindo sobre isso, acredito que, em grande parte, devido às experiências frustrantes nos treinamentos que vivi. Porém, no final do ano de 2016, alguns acontecimentos me levaram a reavaliar a ideia.

A provocação teve início quando encontrei, por acaso, uma pessoa conhecida que há muito tempo não via. Entre vários assuntos que conversamos, ela me contou que estava treinando voleibol em uma equipe formada por algumas mães e professoras da escola na qual seus filhos estudavam. Apesar de ser uma equipe exclusiva para pessoas vinculadas à escola, ela me convidou para participar dos treinos, pois queria apresentar-me suas amigas. Depois de algumas semanas de insistência no convite, acabei indo treinar com elas em dois ou três sábados à tarde. Minhas impressões sobre os treinos foram de que não fugiam do padrão que costumava ver em outros lugares. Mesmo com muitas dificuldades de compreensão do jogo por parte de várias atletas, o treinador priorizava atividades voltadas para as habilidades técnicas, e, na tentativa de corrigir os gestos técnicos imprecisos, passava a maior parte do tempo dizendo e mostrando o que elas faziam de “errado”.

Passado algum tempo, recebi uma mensagem dizendo que as mulheres que participavam dessa equipe gostariam de ter uma conversa comigo, e perguntando

¹ Na ocasião do meu ingresso no Curso de Educação Física da UFRGS, em 2013/2, não havia a possibilidade de escolha entre os Cursos de Licenciatura ou Bacharelado. Todos os estudantes que ingressavam por meio do Concurso Vestibular deveriam cursar a Licenciatura. Aqueles que desejassem cursar o Bacharelado poderiam fazê-lo apenas após concluírem a Licenciatura, mediante um pedido formal de permanência.

se eu poderia comparecer à escola no horário do treino. Nessa conversa, soube que haviam dispensado o treinador devido a um episódio de desentendimento, ocasionado pela maneira que costumava tratar as jogadoras menos habilidosas. Em seguida, elas me fizeram uma proposta para que assumisse como treinadora da equipe. Mas, algo me incomodou durante essa conversa: a justificativa para o convite. Elas pensaram em mim porque, além da Graduação em Educação Física que estava prestes a concluir, eu sabia jogar e tinha alguma experiência em participar de equipes competitivas de voleibol. Com esses últimos fatores pesando mais do que o primeiro. Nesse momento, desconfiei que por trás daqueles convites para participar dos treinos havia a intenção de verificar se eu sabia jogar, pois, provavelmente, elas já estavam insatisfeitas com as atitudes do antigo treinador.

Meu primeiro impulso diante da situação foi de recusar a proposta, mas, para não ser precipitada, pedi um tempo para pensar no assunto. Combinamos que, enquanto isso, eu compareceria para ajudá-las nos próximos treinos, para que não ficassem sem treinar, pois temiam que o grupo se desfizesse, depois de 05 anos de esforços para mantê-lo. A partir disso, passei a pensar no que fazer.

Inicialmente, identifiquei vários motivos para não aceitar a proposta, justificando, principalmente, por não ser parte dos meus planos naquele momento. No entanto, com um olhar mais cuidadoso, percebi que estava fazendo uma análise muito superficial da situação, e, o quanto minhas experiências desgastantes com o voleibol estavam induzindo a minha decisão. A partir disso, passei a refletir de outra maneira, buscando encontrar aspectos que poderiam ser importantes caso aceitasse treinar a equipe.

Assim, compreendi que aceitar esse desafio seria uma oportunidade de tentar construir as coisas de um jeito diferente do tradicional, de tentar proporcionar a essas mulheres experiências diferentes das que eu vivi. Também percebi que poderia ser um meio de mostrar a importância da formação profissional em Educação Física, e que não basta saber jogar ou ser ex-atleta para ensinar esportes com qualidade. Por esse motivo aceitei a proposta, e decidi que não me limitaria a reproduzir o modelo que conhecia, mas que, pelo contrário, buscaria alternativas adequadas ao contexto e às pessoas para as quais passaria a ensinar o voleibol. Desde então, por dois anos, tenho procurado construir e refletir sobre a prática pedagógica no ensino do voleibol, ao mesmo tempo em que se dá o meu processo de desenvolvimento identitário enquanto treinadora.

Nesse sentido, justifico a relevância da pesquisa realizada para este TCC, que está vinculada ao Projeto de Pesquisa que vem sendo desenvolvido pelo professor Dr. Guy Ginciene (orientador deste TCC), cujo objetivo geral consiste em implementar as abordagens atuais de ensino dos esportes na prática pedagógica de professores/treinadores esportivos, identificando as particularidades desse processo. Para isso, os estudos serão realizados por meio da autoinvestigação da prática pedagógica de professores/treinadores de modalidades esportivas pertencentes aos esportes de invasão e aos esportes com rede divisória ou parede de rebote, conforme classificação de González (2006), que considera a lógica interna de cada esporte, na qual o Voleibol enquadra-se no conjunto dos esportes com rede divisória.

Tenho fundamentado minhas decisões metodológicas para o ensino/treino do voleibol na importância da compreensão das lógicas interna e externa do jogo por parte das atletas. Com essa intenção, tenho buscado promover um ambiente de ensino-aprendizagem colaborativo, no qual treinadora e atletas discutem juntas os objetivos para a equipe. Considero importante salientar que, nesse percurso, há uma busca constante de equilíbrio entre os conteúdos que identifiquei que preciso ensinar e os conteúdos que as atletas desejam aprender. Dito isso, passo a explicar de que forma ocorreu a delimitação da questão que norteou a presente pesquisa.

Quando iniciamos os treinos, no final do ano de 2016, a equipe jogava com o sistema tático 4:2. Porém, logo percebi que as atletas não compreendiam o sistema de jogo, e, que, estavam tentando decorar as posições em que deveriam estar no momento do saque e as movimentações necessárias em função das posições de jogo de cada atleta. Mesmo assim, uma das primeiras demandas que elas me apresentaram foi o desejo de aprender a jogar com um sistema mais elaborado, o sistema 5:1. Ao perceber o quanto isso era importante para elas, passei a planejar os treinos de forma a contemplar conhecimentos importantes para a compreensão da lógica interna do jogo, mas também enfatizando a compreensão do sistema tático que elas já jogavam, o 4:2. Assim, fomos progressivamente compreendendo o jogo e organizando a equipe, com o objetivo de fazermos uma transição gradativa de um sistema para o outro. Coincidentemente, o momento que consideramos adequado para que ocorresse essa transição ocorreu no mesmo período em que eu precisava definir o tema para a pesquisa deste TCC.

Desse modo, decidi realizar a presente pesquisa no meu próprio campo de prática pedagógica, e, após muitas conversas com o meu orientador, definições e redefinições quanto ao foco da pesquisa, chegamos à questão de pesquisa e aos objetivos apresentados a seguir.

2.1 QUESTÃO DE PESQUISA

A questão de pesquisa que orientou esta investigação ficou configurada da seguinte maneira:

De que forma é possível implementar o sistema tático 5:1 em uma equipe máster de voleibol feminino por meio da compreensão do jogo, considerando aspectos da sua lógica interna e externa?

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

Para compreender a questão de pesquisa apresentada, foram elaborados o objetivo geral e os objetivos específicos descritos a seguir.

2.2.1 Objetivo Geral

Descrever e analisar o processo de implementação do sistema tático 5:1 em uma equipe máster de voleibol feminino por meio da compreensão da lógica interna e externa do jogo.

2.2.2 Objetivos Específicos

O objetivo geral foi desdobrado nos seguintes objetivos específicos:

- (a)** Descrever o processo de planejamento pedagógico para a implementação do sistema tático 5:1 por meio da compreensão da lógica interna do jogo no contexto pesquisado.
- (b)** Analisar o processo de ensino-aprendizagem construído na prática da implementação do sistema tático 5:1 no contexto pesquisado.
- (c)** Identificar elementos da lógica externa do esporte que atravessam e interferem na prática pedagógica no contexto pesquisado.

3 VOLEIBOL: CARACTERÍSTICAS DA MODALIDADE, ENSINO E INICIAÇÃO ESPORTIVA TARDIA

Neste capítulo, me proponho a abordar alguns elementos importantes para a compreensão de conceitos que embasaram esta pesquisa. Não há aqui a pretensão de aprofundar ou de discutir seus diferentes usos ou interpretações de diversos autores sobre cada um deles, ou seja, o objetivo é apenas explicitar o que estou entendendo quando utilizo determinados termos neste relatório.

Conforme visto anteriormente, a questão que norteia esta pesquisa parte de reflexões sobre o ensino do voleibol para uma equipe de iniciação esportiva tardia. Essas reflexões passam por aspectos que englobam a busca por compreensão do contexto da prática pedagógica, e, por aspectos relativos ao ensino dessa modalidade esportiva de modo a superar o modelo de ensino/treino tradicional.

González e Bracht (2012) apontam que ao ensinarmos os esportes, pelo menos dois aspectos precisam ser analisados: (1) as características ou a natureza do que será ensinado; e (2) quais os conhecimentos desse fenômeno que serão convertidos em temas de ensino. Para tal análise, o olhar pode ser direcionado às características referentes ao contexto macrossocial, e/ou às características específicas da modalidade esportiva em questão. Nesse sentido, esses autores explicam os conceitos de lógica interna e de lógica externa dos esportes. Portanto, quando se fala em lógica interna,

[...] trata-se dos aspectos peculiares de uma modalidade que exigem aos jogadores atuarem de um jeito específico (desde o ponto de vista do movimento realizado) durante sua prática. E a lógica externa, por sua vez, refere-se às características e/ou significados sociais que uma prática esportiva apresenta ou adquire num determinado contexto histórico e cultural (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 18-19).

Assim, considerando a lógica externa, González e Bracht (2012) entendem que, como qualquer fenômeno social, o esporte é plural, dinâmico, paradoxal e controverso, e, por isso, difícil de compreender. O esporte é praticado a partir de diferentes sentidos, e os objetivos dos(as) praticantes são muito variados. Esses autores exemplificam que a prática do esporte pode estar relacionada com uma profissão, com a busca por saúde e prevenção de doenças, ou com divertimento (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Quanto à lógica interna, conhecê-la permite que os(as) professores(as)/treinadores(as) façam a leitura das características das diversas modalidades esportivas existentes com base nos desafios motores impostos aos participantes. Para auxiliar nessa compreensão, diversos autores têm elaborado diferentes propostas de classificação das modalidades esportivas (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012). González (2006), também propõe seu sistema de classificação dos esportes de acordo com a lógica interna, embasado em um conjunto de categorias amplamente utilizado por pesquisadores da área. Nesse sistema de classificação, o voleibol é considerado um esporte: (a) com interação entre adversários, pois ambas as equipes influenciam e são influenciadas pelas ações uma da outra; (b) coletivo, pois é disputado em equipes; e (c) de rede divisória, no que se refere ao tipo de esporte. Nessa classificação, os esportes de rede divisória fazem parte do grupo de esportes de rede divisória ou parede de rebote, cujo objetivo/lógica funcional consiste em “[...] arremessar/lançar um móvel em setores onde o(s) adversário(s) seja(m) incapaz(es) de alcançá-lo ou forçá-lo(s) para que cometa(m) um erro, servindo somente o tempo que o objeto está em movimento” (GONZÁLEZ, 2006, p. 117).

Assim, no voleibol há uma constante alternância entre as equipes adversárias nos papéis de ataque e de defesa, e, a velocidade do jogo torna necessária uma rápida e eficiente leitura da situação do jogo, que inclui observar os espaços vazios na quadra adversária, as posições dos companheiros de equipe, as posições dos adversários em quadra, a trajetória da bola, dentre outras (BORGES; DINIZ, 2014). Portanto, se faz necessário um rápido processo mental no qual o(a) jogador(a) precisa:

[...] captar/analisar todas as informações relevantes para sua ação, decidir o que fazer entre as várias alternativas e finalmente efetuar os gestos motores adequados para atuar de forma eficaz. Várias vezes esse processo acontece em milésimos de segundo (BORGES; DINIZ, 2014, p. 376).

Quando se fala em gestos motores adequados para realizar as ações táticas, trata-se da técnica para executar o saque, a manchete, o toque de dedos, a cortada, a largada/pingada, o bloqueio, o peixinho/mergulho, dentre outros. Para maior eficiência na prática do voleibol, a execução correta desses movimentos é muito importante. A característica de manter a bola no ar sem agarrá-la, condiciona a necessidade da execução proficiente dos gestos motores específicos da modalidade

(BORGES; DINIZ, 2014). Porém, de acordo com as abordagens atuais da pedagogia do esporte, é fundamental a compreensão de que a técnica correta para a execução dos gestos motores mencionados corresponda à última parte de um complexo processo cognitivo que a aprendizagem do voleibol envolve. Por esse motivo, dentre outros, é essencialmente recomendado que o ensino da técnica e das dimensões táticas não seja desvinculado, pois os gestos motores são realizados como respostas para os problemas que emergem durante o jogo. Dito de outra maneira, “os gestos motores são conseqüências de tomadas de decisões oriundas da dimensão tática e precisam estar ‘subordinados’ a ela” (BORGES; DINIZ, 2014, p.376).

No entanto, o que se verifica é que a complexidade do jogo no voleibol, e, o fato de não ser permitido reter a bola (e por isso ser necessário executar gestos técnicos bastante específicos da modalidade) têm justificado o método de ensino tradicional. Nessa maneira de conduzir o ensino, a aprendizagem da técnica na fase de iniciação tem sido priorizada, pois se entende que o aluno será capaz de jogar apenas quando houver domínio suficiente dos gestos motores. Essa ênfase nas habilidades técnicas na fase de iniciação ao voleibol pode ser observada nas pesquisas realizadas recentemente por Milistetd et al. (2010), Lima, Martins-Costa e Greco (2011) e Impolceto e Darido (2016).

Em seu estudo, Milistetd et al. (2010) contaram com a participação de 10 treinadores com média de 20 anos de experiência no ensino do voleibol. Seu objetivo foi examinar as principais concepções de treinadores brasileiros *experts* acerca das etapas do processo de formação desportiva em longo prazo de jogadores de voleibol. Foram identificadas três etapas de formação desportiva, de maneira que nas duas primeiras etapas, o desenvolvimento das habilidades técnicas foi mais enfatizado do que os demais componentes do treinamento. Na primeira etapa, os participantes da pesquisa justificaram essa ênfase devido à especificidade regulamentar e funcional da modalidade. Para eles, a impossibilidade de apreensão e de condução do objeto de jogo, o limite de três toques por equipe sem que haja dois toques consecutivos pelo mesmo jogador, e o fato de todo o espaço de jogo ser alvo para o adversário, exigem a aquisição de um repertório técnico para garantir a existência do fluxo de jogo. Na segunda etapa foi enfatizada a aprendizagem dos fundamentos da modalidade em particular, com maior especificidade, incluindo, além do toque de dedos e da manchete (iniciados na etapa anterior), as técnicas de

ataque e de bloqueio. Nessa etapa, os treinadores investigados salientaram a importância do aprimoramento técnico na edificação de competências motoras básicas para o desenvolvimento tático. Na terceira etapa, a característica predominante foi denominada pelos autores de treino integrado, pois os treinadores apontaram maior necessidade de desenvolver diversos componentes do treinamento esportivo. Porém, com maior importância atribuída ao componente físico, que teve primazia em relação aos componentes tático, técnico e psicológico (MILISTETD et al., 2010).

A pesquisa de Lima, Martins-Costa e Greco (2011) objetivou verificar em que medida o processo de ensino-aprendizagem-treinamento utilizado em uma equipe feminina de voleibol favoreceu o desenvolvimento do conhecimento tático declarativo das atletas (com idade aproximada de 14 anos) de um clube. Foram acompanhadas 17 sessões de treinos da equipe, que foram filmadas para posterior análise das suas características. No período observado, constatou-se que 57% do tempo dos treinos foram dedicados ao desenvolvimento de habilidades técnicas, e, que, em 29,9% do tempo foram realizadas atividades com características de aperfeiçoamento tático. A sequência de atividades seguia uma padronização, iniciando com os fundamentos individuais ou combinações de fundamentos, e terminando a sessão de treino com o jogo coletivo. Para avaliar o desenvolvimento do conhecimento tático declarativo, foi aplicado um teste no início e no final das sessões de treino registradas. Após o teste final, não foi verificado aumento em nenhuma das variáveis avaliadas, ou seja, o conhecimento tático declarativo das atletas não melhorou. A partir desse resultado, os autores concluíram que os treinos com maior atenção dedicada ao componente técnico, contemplado principalmente por atividades sem conexão com as situações de jogo, e focadas em fundamentos individuais ou em combinações desses fundamentos, não proporcionaram ganhos no nível de conhecimento tático declarativo no decorrer do período avaliado (LIMA; MARTINS-COSTA; GRECO, 2011).

Na revisão bibliográfica realizada por Impolceto e Darido (2016) houve um levantamento da produção acadêmica da área da Educação Física em relação ao voleibol e ao voleibol escolar. As autoras buscaram por livros, capítulos de livros, dissertações, teses e artigos de periódicos publicados de 2003 a 2012. Nos trabalhos encontrados, perceberam que a maior parte das obras segue uma perspectiva tradicional para o tratamento da modalidade, privilegiando o ensino dos

fundamentos técnicos e dos componentes táticos por partes. Apenas alguns trabalhos mais recentes propõem o ensino da modalidade a partir do jogo ou da compreensão de sua dinâmica antes da aprendizagem dos fundamentos técnicos e táticos (IMPOLCETO; DARIDO, 2016).

Os estudos supracitados demonstram o quanto a prática do ensino do voleibol permanece tradicional e contrastante com as perspectivas mais atuais da pedagogia do esporte. Mesquita (2017) aponta que, além de priorizar o ensino da técnica, no modelo tradicional o(a) professor(a)/treinador(a) assume um estilo autoritário, por acreditar que é fundamental indicar aos alunos(as)/atletas as tarefas que devem realizar, não havendo espaço (ou necessidade) para que questionem as razões de ser dessas tarefas. Assim, os(as) praticantes não participam da maioria das decisões, e raramente realizam atividades que exigem iniciativa pessoal, ou seja, o desenvolvimento da autonomia e da cooperação entre os(as) alunos(as)/atletas não é priorizado (MESQUITA, 2017).

Em confronto ao modelo de ensino tradicional, caracterizado por Mesquita (2017) como diretivo, centrado no(a) professor(a), com ensino explícito, decomposto em partes, com progressão da aprendizagem definida e altamente monitorada, estão os modelos de ensino não diretivos, centrados nos(as) alunos(as)/atletas. Essas abordagens,

[...] ao filiarem-se nas ideias construtivistas, fazem apelo, sobretudo, ao acoplamento cognição-ação e à motivação pela prática desportiva, colocando o aluno/atleta enquanto elemento central de todo o processo de ensino-aprendizagem (MESQUITA, 2017, p. 80).

Dois modelos de ensino dos esportes são apresentados por Mesquita (2017) como exemplos de abordagem centrada nos(as) alunos(as)/atletas, o Modelo de Educação Desportiva (MED) e o Modelo de Ensino do Jogo para a Compreensão (MEJPC). O MED tem na sua gênese a ideia de democratização do esporte e da valorização da formação pessoal e social dos praticantes. Esse modelo se sustenta na aprendizagem cooperativa, privilegia a adoção de estratégias mais implícitas e menos formais no processo de ensino-aprendizagem (MESQUITA, 2017). O MEJPC tem o seu enfoque na compreensão do jogo e na tomada de decisões. Nesse modelo, a ênfase tradicionalmente conferida ao ensino das técnicas isoladas é deslocada para o desenvolvimento da capacidade de jogo, através da sua

compreensão tática. Assim, “subordina o ensino da técnica ao ensino da tática, não a anulando, mas contextualizando-a, face às prerrogativas impostas pelo jogo” (MESQUITA, 2017, p. 74). A capacidade de entendimento dos problemas táticos do jogo faz com que os(as) alunos(as)/atletas tenham interesse e percebam a necessidade de aprender as habilidades técnicas, e, isso é conquistado por meio da progressão das formas de jogo (MESQUITA, 2017).

González e Bracht (2012) destacam elementos do desempenho esportivo de caráter individual (técnica, tática individual, capacidade física e capacidade volitiva), de caráter coletivo (tática de grupo ou combinações táticas, e tática coletiva ou sistemas de jogo), e de caráter individual e coletivo simultaneamente (estratégia de jogo).

Segundo González (2014), os conhecimentos mais importantes para o bom desempenho no jogo na etapa de iniciação esportiva são a tática individual e a habilidade técnica. A tática individual é o conhecimento que permite boas escolhas sobre “o que fazer” e “quando fazer” durante o jogo. Dito de outra maneira, é o “discernimento para adaptar-se de forma consciente diante de situações nas quais os sujeitos têm que escolher entre as diferentes alternativas, em função de seus adversários” (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 35). Além disso, o(a) jogador(a) precisa conseguir realizar o que pretende, e, para isso, desenvolver a habilidade técnica, ou seja, “como fazer” os movimentos do esporte (GONZÁLEZ, 2014). No entendimento desse autor, as dificuldades que mais comprometem o desempenho dos(as) alunos(as)/atletas nos jogos dizem respeito a equívocos na tomada de decisão e não à execução dos movimentos (GONZÁLEZ, 2014).

Nesse sentido, considerando os conhecimentos táticos individuais, González e Bracht (2012, p.35) definem o conceito de intenções táticas individuais, salientando que são as “normas básicas do conhecimento tático do jogo, que definem as condições e os elementos a serem considerados para que a ação seja eficaz”.

Moya (1997, p.17) afirma que, geralmente, a tática individual é definida como “o uso inteligente da técnica”, ou seja, a capacidade de escolher o gesto técnico apropriado de acordo com cada momento do jogo. Considerando algumas definições gerais sobre o tipo de tática que os(as) jogadores(as) precisam utilizar individualmente, esse autor aponta três fatores condicionantes do desempenho: (1) a capacidade de desempenho adversário; (2) as próprias capacidades; e (3) as

condições externas. Assim, dependendo das ações do(a) seu(ua) oponente direto(a), o(a) jogador(a) deverá escolher o gesto técnico mais apropriado para reagir. Também, ao conhecer as próprias capacidades e pontos fortes, deverá tentar direcionar o jogo para que consiga tirar vantagens disso. O desempenho do(a) atleta nesses fatores é influenciado por condições externas, que, por exemplo, dizem respeito ao tipo de competição na qual está participando e como a equipe lida com os seus erros (MOYA, 1997).

Conforme Moya (1997), as intenções táticas coincidem com os objetivos da ação, enquanto as respostas técnicas são aquelas escolhidas ou elaboradas como soluções diante das situações enfrentadas, a fim de dar-lhes respostas motoras adequadas. Em cada situação, os(as) jogadores(as) precisam ser capazes de responder 'onde, quando e como' para implementar as habilidades motoras no espaço e no tempo. Desse modo, as intenções táticas respondem aos diferentes objetivos de ação que o mecanismo decisório deve propor, passando de um jogo instintivo a um jogo intencional baseado na antecipação (MOYA, 1997).

O Ensino do voleibol no contexto apresentado na presente pesquisa corresponde à iniciação esportiva na idade adulta, processo denominado de iniciação esportiva tardia. O termo "tardia" tem sido utilizado porque geralmente a aprendizagem das modalidades esportivas ocorre nas fases da infância e da adolescência. Esse pode ser um dos motivos para o fato de encontramos na literatura muitos trabalhos abordando a iniciação esportiva para crianças e adolescentes, e, o mesmo não ocorrer com a iniciação esportiva para adultos. No caso específico do voleibol, não foi encontrado nenhum trabalho sobre o tema.

Conforme Pimentel, Galatti e Paes (2010), até o momento, são poucas as pesquisas que têm contribuído para o ingresso de adultos na prática de uma nova modalidade esportiva. Em estudo que aborda o tema da iniciação esportiva tardia no basquetebol, esses autores definem iniciação esportiva tardia como:

[...] o acesso de jovens, adultos ou idosos a um processo de ensino, vivência e aprendizagem de uma modalidade esportiva em um contexto institucionalizado e orientado por um responsável competente (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010, p. 02).

No mesmo trabalho, os autores afirmam que essas pessoas encontram dificuldades para iniciarem a prática esportiva, e, atribuem esse fator à carência de oferta de grupos de iniciação esportiva em idade tardia. Dentre outros fatores,

relacionam essa carência à falta de publicações que orientem organizações promotoras e profissionais no trato com esse público enquanto iniciantes nas práticas esportivas (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010).

No que se refere ao processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva tardia, são apresentadas contribuições importantes para a compreensão da prática pedagógica nesse contexto. Pimentel, Galatti e Paes (2010), embasados em pesquisadores do desenvolvimento motor, como Gallahue e Ozman (2003) e Tani (1988), verificam que, apesar dos padrões motores fundamentais serem pouco alterados depois que atingem o estágio maduro de desenvolvimento motor, a aprendizagem motora ocorre por toda a vida (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010). Portanto, mesmo que pessoas adultas não apresentem um amplo repertório motor, por não ter sido bem desenvolvido nas fases consideradas ótimas para a aquisição das diversas habilidades motoras, ainda assim, dentro das suas possibilidades individuais, são capazes de aprender com novas experiências motoras. Além disso, considerando que a aprendizagem motora não está atrelada unicamente à idade cronológica, mas, também, à maturação do sistema nervoso, essa pode ser uma das vantagens para a aprendizagem esportiva na idade adulta. Assim,

[...] o aprendizado de uma modalidade em uma fase tardia pode ser concretizado, em especial, por meio de métodos de ensino, vivência, aprendizagem e procedimentos pedagógicos adequados, sendo aproveitada a conclusão dos estágios de maturação da idade adulta e melhor condição de compreensão dos sistemas táticos e das necessidades técnicas que destes emergem (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010, p. 02).

Desse modo, os autores supracitados sinalizam as situações de jogo e o jogo propriamente dito como estratégias centrais no processo de iniciação esportiva tardia. A compreensão da lógica tático-técnica dos jogos é apontada como ponto de partida para o estabelecimento de pressupostos pedagógicos para o processo de ensino-aprendizagem na iniciação esportiva tardia em modalidades esportivas coletivas. Sem negar a importância das atividades coordenativas, dos exercícios e dos jogos voltados para o desenvolvimento da técnica específica de cada modalidade, sugerem que se dê maior ênfase em trabalhos que privilegiam a compreensão tática do jogo, desde o início do processo (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010). Visto que,

[...] na idade adulta é possível que seja mais lento o aprendizado de habilidades motoras específicas, por outro lado, as condições cognitivas dos alunos de compreensão do jogo serão maiores, assim como a captação de informação com relação às atividades (PIMENTEL; GALATTI; PAES, 2010, p.07).

Diante das considerações apresentadas até o momento neste capítulo, penso que é apropriado retomar que os objetivos da presente pesquisa envolvem a descrição e a análise da prática pedagógica durante o processo de planejamento e de implementação de um novo sistema tático na equipe colaboradora da pesquisa, o sistema 5:1. Assim, torna-se importante destacar algumas características desse sistema tático do voleibol.

O sistema de jogo diz respeito à organização do posicionamento dos(as) jogadores(as) em quadra para atacar (sistema tático ofensivo) ou para defender (sistema tático defensivo). Para González e Bracht (2012), o sistema de jogo:

[...] é a estrutura que organiza a coordenação de todos os jogadores de uma equipe, que tem como missão manter uma estrutura de jogo em ataque, em defesa ou em transição (contra-ataque/retorno defensivo) (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.36).

Assim, pressupõe conhecimentos por parte do(a) aluno(a)/atleta sobre:

[...] regras de organização do jogo, relacionadas com a lógica da atividade, especificamente associada às dimensões da área de jogo, à distribuição dos jogadores no campo, com designação de papéis e alguns dos preceitos simples de organização (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.36).

No voleibol, alguns sistemas com diferentes níveis de complexidade têm sido utilizados, de acordo com o contexto e com as características das equipes. Os sistemas táticos ofensivos citados na literatura consultada são: 3:3; 6:0 ou 6:6; 4:2 simples ou pelo meio; 4:2 pela ponta; 4:2 invertido ou com infiltração; e 5:1 (MACHADO, 2006; SANTINI; LIMA, 2008; BOJIKIAN; BOJIKIAN, 2012; BORGES, DINIZ, 2014). Onde o primeiro número refere-se ao número de atacantes, e o segundo número refere-se ao número de levantadores(as) em quadra.

Dentre os sistemas táticos ofensivos do voleibol, o sistema 5:1 é um sistema mais elaborado, sendo o mais utilizado atualmente pelas equipes com nível de jogo mais avançado. Com apenas um(a) levantador(a), os(as) demais jogadores(as) ficam liberados para ações de ataque, o que proporciona que seja um dos sistemas

mais ofensivos do voleibol, com ataques realizados próximos à rede e também da zona de trás da quadra (BORGES; DINIZ, 2014).

O(a) levantador(a) de um time que adota o sistema 5:1 assume grande responsabilidade diante da equipe, pois centraliza a função do levantamento em praticamente todas as situações de construção do ataque. O(a) levantador(a) deverá infiltrar-se na zona da frente da quadra sempre que estiver em qualquer posição da zona de trás da quadra, e, quando estiver na zona da frente, fará as trocas necessárias para tomar a posição para o levantamento (MACHADO, 2006).

No sistema 5:1 haverá constantes trocas e infiltrações, devido ao número de atacantes e de levantadores(as). Sempre há a troca entre dois(uas) ou mais jogadores(as) para que ocupem os melhores espaços de acordo com suas funções no jogo (MACHADO, 2006). Esse sistema é altamente dinâmico, com muita movimentação por parte de todos(as) os(as) jogadores(as), e permite muitas combinações de ataque, confundindo o sistema de marcação de bloqueio da equipe adversária (SANTINI; LIMA, 2008).

Assim, a seguir, apresento de que maneira foi realizada a presente pesquisa, para dar conta de registrar como foi conduzido o desafio de ensinar o sistema tático 5:1 do voleibol por meio de jogos para a compreensão tática no contexto de iniciação esportiva tardia.

4 ESTRATÉGIAS ESCOLHIDAS PARA O JOGO

Neste capítulo, apresento o campo e os participantes da pesquisa, discorro sobre as características do estudo, e, descrevo os procedimentos metodológicos para construção dos conhecimentos que foram escolhidos e realizados.

4.1 O CAMPO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O campo de pesquisa é a minha própria prática pedagógica como treinadora de uma equipe máster feminina de voleibol, que chamarei pelo nome fictício de equipe *Match Point*.

Comecei a treinar a equipe *Match Point* em 2016. Atualmente, ela é composta por mulheres com idades acima de 30 anos, e é vinculada à Associação de Pais e Mestres de uma escola da Rede Particular de Ensino do Rio Grande do Sul (RS), localizada na cidade de Porto Alegre. Os treinos acontecem duas vezes por semana, com duração de duas horas, nas dependências da escola.

Quando conheci essa equipe, ela já existia há cinco anos, e, no último ano, havia passado pela experiência (mencionada anteriormente no capítulo de aproximação ao problema de pesquisa) de treinar de maneira mais sistematizada, com outro treinador. O motivo para a formação dessa equipe foi o desejo de participar de um campeonato esportivo anual que congrega pais, professores e funcionários de várias escolas da mesma rede confessional à qual a escola pertence. A insatisfação com o desempenho nesse campeonato fez com que as atletas da equipe *Match Point* desejassem treinar durante todo o ano, e não apenas nas vésperas dos jogos, conforme faziam anteriormente.

A heterogeneidade da equipe é um grande desafio que se apresenta para o treinamento. Algumas atletas nunca haviam jogado voleibol, outras haviam jogado apenas nas aulas de Educação Física na época de escola, algumas nunca haviam participado de campeonatos esportivos, enquanto outras já haviam participado e até jogaram ou ainda jogam em outras equipes de voleibol. Assim, os níveis de conhecimentos e de habilidades entre as atletas são diversos, e, ao mesmo tempo em que a equipe necessita de treinos com características de iniciação esportiva, tem objetivos que envolvem a participação em competições. Diante disso, me vejo constantemente desafiada a buscar estratégias de ensino que consigam dar conta

das demandas existentes, pois, desde o início, assumi o compromisso, comigo mesma e com a equipe, de ensinar voleibol para proporcionar que todas consigam jogar e se mantenham praticando.

Nesse cenário, os treinos são atravessados por questões que envolvem a aprendizagem do voleibol, mas, também, por outras que envolvem o processo de compreensão do contexto da prática, a busca por desenvolver uma identidade enquanto grupo (o que passa por adaptações constantes para incluir as pessoas que desejam participar), e a necessidade de criar novos espaços de participação.

A partir desse contexto, que considero de iniciação esportiva tardia, no qual tenho me constituído treinadora de voleibol, se originou o desejo de investigar e de compreender a minha prática pedagógica. Para isso, os participantes da pesquisa foram as atletas da equipe *Match Point*, eu, que me identifico neste relatório como treinadora/pesquisadora, e o professor orientador deste TCC, identificado pelo termo “amigo crítico”.

Apesar de o objeto de estudo ser a minha própria prática pedagógica, as atletas também participaram ativamente da pesquisa. Por isso, lhes apresentei e expliquei pessoalmente o Projeto de Pesquisa, e, em seguida, lhes convidei para participarem. Após aceitarem o convite, 12 atletas assinaram, individualmente, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Nesse sentido, também solicitei uma carta de anuência da Associação de Pais e Mestres da escola (ANEXO I), pois a equipe é vinculada a essa Associação.

O termo “amigo crítico”, utilizado para denominar a participação do professor orientador como colaborador na pesquisa, foi inspirado na pesquisa de Luguetti et al. (2018). Nesse estudo, os autores se utilizaram de um autoestudo colaborativo (*self study*) com o objetivo de analisar o desenvolvimento das próprias identidades pedagógicas enquanto professores de Educação Física que estavam aprendendo a aplicar no Ensino Médio (*High School*) uma abordagem de ensino centrada no aluno. Para isso, quatro professores/pesquisadores formaram uma comunidade de prática, e a orientadora da pesquisa atuou como amiga crítica, com o papel de mediadora das discussões sobre a prática pedagógica.

Segundo Souza e Fernandes (2014), o autoestudo tem a sua gênese nos fundamentos subjacentes à prática reflexiva e à investigação-ação, remetendo para a necessidade de estudar e compreender o ensino sobre o ensino, envolvendo formadores de professores. Nesse tipo de trabalho, o amigo crítico representa um

conceito central, pois apesar de consistir na autoinvestigação da prática pedagógica, não é um processo meramente individual. Assim, mesmo escolhendo outro delineamento metodológico (outra forma de investigação-ação, e por isso com semelhanças), que entendemos como mais adequado para o nosso estudo, consideramos apropriado utilizarmos o termo “amigo crítico”.

Portanto, o processo de construção da presente pesquisa contou com a colaboração atletas/treinadora/amigo crítico, e, os procedimentos descritos a seguir foram adotados para a construção dos conhecimentos.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa realizada para a construção deste TCC se insere no contexto da pesquisa qualitativa, no qual os conhecimentos que são produzidos no decorrer do processo de investigação têm a finalidade de buscar significados próprios do contexto estudado, sem a pretensão de se fazer generalizações (NEGRINI, 2010).

Tendo em vista a questão de pesquisa que orientou esta investigação, consideramos adequado percorrer este percurso por meio da pesquisa-ação. Thiollent (2011) define pesquisa-ação como um

[...] tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p.20).

Segundo o autor, além da participação, a pesquisa-ação “supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro”, com a intenção de facilitar a busca por “solução de problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído” (THIOLLENT, 2011, p.14). Os temas abordados e os problemas apresentados são próprios do contexto da pesquisa com base empírica, “voltada para a descrição de situações concretas e para a intervenção ou ação orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas” (THIOLLENT, 2011, p.15).

Assim, tínhamos a demanda de ensinar o sistema tático 5:1, desejávamos fazê-lo de modo a superar o modelo de ensino tradicional, de forma que as atletas compreendessem em vez de decorarem o que deveriam fazer. Para isso,

precisávamos construir nosso próprio percurso, sem contarmos com exemplos de outros trabalhos similares nos quais pudéssemos nos embasar. Seria necessário planejarmos as ações pedagógicas e criarmos os nossos próprios recursos, com o propósito de realizarmos uma **intervenção prática**. Portanto, desenvolver uma **pesquisa** sobre essa intervenção implicaria na reflexão sobre todo o processo envolvido e no registro dos conhecimentos produzidos. Por isso, entendemos que o nosso foco principal deveria ser o processo da pesquisa, a busca por soluções, e não o produto da mudança gerada pela ação da pesquisa, isto é, pelas soluções encontradas. Embora esses dois elementos, indissolúvelmente, estariam presentes no processo de implementação que seria realizado.

Para Bracht et al. (2005), a pesquisa-ação:

[...] pretende superar a falsa neutralidade política da pesquisa tradicional e, principalmente, aproximar a produção teórica da prática, na medida que envolve na pesquisa os agentes sociais afetados na condição de sujeitos do conhecimento (BRACHT et al., 2005, p. 72).

Os mesmos autores apresentam como característica dessa postura metodológica a busca por “vincular o conhecimento da realidade, da própria prática, com a ação”, e, afirmam que “os sujeitos que na pesquisa ‘tradicional’ participam meramente como informantes, aqui atuam também como sujeitos pesquisadores de sua prática” (BRACHT et.al., 2005, p. 71).

Kawashima e Moreira (2016) entendem que na pesquisa-ação as pessoas envolvidas têm algo a dizer, de modo que os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. Para esses autores,

[...] a imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado, o que, de alguma forma, anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias da pesquisa (KAWASHIMA; MOREIRA, 2016, p. 640).

Nesse sentido, Thiollent (2011) aponta para uma flexibilidade do planejamento de uma pesquisa-ação, enfatizando que não há como seguir fases rígidas e ordenadas. Afirma que, pelo contrário:

[...] há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de

pesquisadores no seu relacionamento com a situação pesquisada (THIOLLENT, 2011, p. 55).

Tripp (2005) defende que a pesquisa-ação seja encarada como uma das diferentes formas de investigação-ação, a qual define como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática. Conforme esse autor, a maioria dos processos de aprimoramento segue o mesmo ciclo: “a identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia” (TRIPP, 2005, p. 446). No entanto, o processo que será utilizado e como ele será utilizado dependem dos objetivos e das circunstâncias, pois pessoas diferentes têm diferentes habilidades, intenções, cronogramas, níveis de apoio, modos de colaboração, etc. E, todos esses fatores afetarão tanto os processos quanto os seus resultados.

Para exemplificar algumas características da pesquisa-ação prática, Tripp (2005) a compara com as ações de um artífice. Explica que, este pode receber uma tarefa, mas, o modo como alcança o resultado desejado fica por sua conta, de suas experiências e de suas ideias. Os artífices estabelecem seus próprios critérios para qualidade, beleza, eficácia, durabilidade e assim por diante. De modo semelhante, isso ocorre com o pesquisador da própria prática. As decisões tomadas sobre o quê, como e quando fazer são embasadas por suas concepções profissionais e pelo que considera ser o melhor para o seu grupo. É nesse sentido que o pesquisador escolhe ou projeta as mudanças realizadas (TRIPP, 2005).

Desse modo, a pesquisa-ação pode ser considerada um método ou uma estratégia de pesquisa que visa informar as ações que se decide tomar para melhorar a prática. E, que, para isso, agrega outros métodos de pesquisa social. Isso, buscando estabelecer estruturas coletivas, participativas e ativas que possam contribuir com a captação de informações (TRIPP, 2005; THIOLLENT, 2011).

Compreendendo que as escolhas relativas ao método de ensino do voleibol no contexto pesquisado são fortemente influenciadas pelas experiências da pesquisadora/treinadora com essa modalidade esportiva, em alguns momentos recorreremos a elementos da narrativa autobiográfica como auxílio na construção dos conhecimentos apresentados na presente pesquisa. Apesar dos objetivos enfatizarem a construção do processo de implementação do sistema tático 5:1, durante esse processo, relatos de experiências do passado estiveram presentes e foram utilizados como fontes de informações. Essas experiências anteriores à

pesquisa influenciam as escolhas metodológicas atuais, levam à reflexão sobre a prática pedagógica, e contribuem com a busca dos sentidos que envolvem a ação de ensinar voleibol no contexto em questão. Tais experiências foram registradas por meio de narrativas orais ou escritas, em diferentes momentos da pesquisa, e vinculadas aos procedimentos metodológicos escolhidos e utilizados.

Além disso, podemos considerar que as descrições, as análises e as discussões apresentadas nesse relatório de pesquisa são uma forma de narração da experiência no processo de construção do conhecimento por meio da pesquisa-ação realizada. Ou seja, também são narrativas com características biográficas, na medida em que falam de sentimentos, de decisões e de ações das pessoas envolvidas.

No campo da Educação Física, as narrativas ainda são pouco aplicadas e pouco reconhecidas. Porém, há algum tempo, nas ciências sociais, escrever sobre o que se faz e sobre o que se sente tornou-se um recurso de pesquisa para analisar o cotidiano e a prática profissional. Para Molina e Molina Neto (2010):

[...] produzir narrativas de nossas experiências nos faz viver um processo profundamente pedagógico, no qual nossa condição existencial é o ponto de partida para a construção do nosso desempenho presente e futuro. É por meio do exercício da narrativa que podemos identificar, organizar e nomear os significados que atribuímos a inúmeros fatos que vivemos mediante os quais podemos reconstruir as diversas compreensões que temos sobre nós mesmos. É um valioso instrumento para qualificar nossas reflexões de modo contextualizado e, como resultado, temos a possibilidade de ressignificar o vivido (MOLINA; MOLINA NETO, 2010, p. 168).

Um fator interessante na narrativa diz respeito à possibilidade que temos de reconstruir nossas experiências dando uma sequência a fatos que, no contexto social, estão desconectados ou circulam em desordem ou em sequência não linear (MOLINA; MOLINA NETO, 2010). Ou seja, é um meio que favorece organizar o pensamento acerca da atuação profissional e da própria história de vida, uma vez que é impossível isolar as experiências e os saberes pessoais dos profissionais (WITTIZORECKI et al., 2006). E mais do que isso, “a capacidade de narrar a si mesmo, além de envolver a capacidade de refletir sobre a experiência vivida, pode ajudar a entender e a organizar a realidade social e, dessa forma, oferecer melhores condições para que os sujeitos possam transformar a própria realidade” (WITTIZORECKI et al., 2006, p. 23).

Ao examinarmos uma narrativa, entramos em contato não apenas com a subjetividade de quem narra, mas, também, identificamos muitos aspectos do mundo no qual a sua prática profissional está inserida. Quando alguém narra suas trajetórias, sua construção, suas decisões, provavelmente, revela conteúdos e discursos que são influenciados por marcas culturais. Portanto,

[...] a narrativa vai além de lembrar os acontecimentos vividos no cotidiano, pois tem a influência tanto da dimensão coletiva quanto da individual. Escrever a respeito de si, além de envolver a reflexão da experiência vivida no processo coletivo pode nos levar a conhecer a multiplicidade da realidade social e nossa relação com essa realidade. Nesse sentido, as experiências individuais são as expressões de uma realidade social que o sujeito organizou e das quais se apropriou (WITTIZORECKI et al., 2006, p. 23).

Assim, compartilhando do entendimento de que “os estudos que usam como instrumento a narrativa e as histórias de vida são, ao mesmo tempo, investigação e formação” (WITTIZORECKI et al., 2006, p. 23), as narrativas de experiências pessoais se somaram às narrativas do processo da pesquisa-ação realizada, complementando a busca por sentidos, e por compreender e melhorar a prática pedagógica no ensino do voleibol no contexto pesquisado.

4.3 PROCEDIMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Os conhecimentos foram construídos na presente pesquisa por meio da observação participante, dos diários de campo, da análise de documentos, e das reuniões de discussão e planejamento. Procedimentos que serão descritos a seguir.

4.3.1 Observação Participante

A observação é apresentada por Negrine (2010) como um procedimento de obtenção e de organização das informações que deve ser realizado no contexto real, onde as pessoas observadas desenvolvem cotidianamente suas atividades. As observações precisam ser contínuas, sistemáticas e realizadas até que o pesquisador possua elementos suficientes para analisar, interpretar e discutir o material construído com o trabalho de campo. A qualidade das informações obtidas depende da profundidade das observações realizadas e da capacidade de perceber elementos significativos de determinadas situações (NEGRINE, 2010).

Para que a observação tenha objetividade, do ponto de vista científico, é necessário que seja realizada com objetivos determinados e guiada por um corpo de conhecimentos (NEGRINE, 2010).

As observações realizadas foram dos 08 treinos de voleibol da equipe *Match Point*, nos quais foi ensinado o sistema tático 5:1, e dos quais participei como treinadora. Para cada treino houve um planejamento prévio e uma discussão posterior, para identificação dos problemas de aprendizagem que precisavam ser solucionados, definição de objetivos de aprendizagem, elaboração de atividades e escolha das estratégias pedagógicas que seriam utilizadas. Nesse sentido, considerando que estávamos construindo nosso próprio método para o ensino do sistema 5:1, o foco das observações esteve na identificação de como ocorreriam na implementação prática os elementos que haviam sido planejados e discutidos.

4.3.1.2 Diários de campo

O diário de campo consiste em registros e anotações pessoais sobre os acontecimentos observados no campo de pesquisa. Ele deve registrar de forma descritiva o que é observado, assim como sentimentos, percepções e dificuldades encontradas pelo pesquisador. Por esse motivo, é possível dizer que o diário é a sistematização das observações realizadas no campo (SILVA, 2007).

O diário de campo possui fortes características reflexivas, e proporciona um diálogo interno sobre as dúvidas e os achados que o campo de pesquisa apresenta. Para Silva (2007):

Partindo do entendimento que estamos em constante aprendizagem e o campo é um espaço que propicia esse processo, o diário se torna uma forma de pensar sobre o trabalho que estamos realizando, sobre as escolhas metodológicas, o referencial teórico, além de que, muitas das construções teóricas e metodológicas, em pesquisa qualitativa, acontecem no próprio campo, como a definição e redefinição do problema e do objeto de estudo, e, sem dúvida, o diário torna-se fundamental nesse processo (SILVA, 2007, p.81).

No caso da presente pesquisa, a inserção no ambiente pesquisado foi anterior ao início do TCC, pois foi o próprio ambiente de prática que suscitou o desejo de investigá-lo. Desse modo, já havia o hábito de registro dos acontecimentos após os treinos, campeonatos e outros eventos que envolviam a equipe de voleibol em questão. No entanto, para dar conta de compreender a

questão que norteia esta pesquisa, foram considerados como diários de campo apenas os registros dos elementos observados durante os treinos que ocorreram no período de implementação do sistema tático 5:1. Assim, ao todo foram elaborados 08 diários de campo, referentes aos 08 treinos realizados para a implementação do sistema tático 5:1, que ocorreram no segundo semestre de 2018, com a frequência de duas vezes por semana.

Nos diários de campo também foram escritos relatos de experiências pessoais da pesquisadora/treinadora com o voleibol, conforme os acontecimentos dos treinos registrados remetiam a essas experiências passadas como jogadora ou como expectadora do processo de ensino-aprendizagem da modalidade. Alguns desses registros, além de contribuírem para a análise e discussão dos conhecimentos construídos com o processo da pesquisa, se somaram aos relatos apresentados no primeiro capítulo deste TCC (Retalhos da Minha História com o Voleibol).

4.3.2 Análise de Documentos

Os Documentos analisados foram os 08 planos dos treinos realizados durante o processo de implementação do sistema tático 5:1, e o regulamento de 2018 da principal competição anual que a equipe participa, que chamarei de Jogos das APMS (Associações de Pais e Mestres).

Os planos dos treinos foram elaborados semanalmente durante as reuniões de discussão e planejamento, e de acordo com o andamento do processo de implementação do sistema tático 5:1. O capítulo 05 deste relatório de pesquisa, que trata da análise e discussão dos conhecimentos construídos, foi estruturado a partir da apresentação desses planos, que podem ser vistos na íntegra.

O regulamento da principal competição que a equipe participa foi analisado com o intuito de compreender o contexto que originou a equipe e sua inserção em atividades competitivas. Pois, foi através dessa experiência que a equipe *Match Point* encontrou motivação para participar de outras competições. Convém destacar que o desejo de participar desse campeonato, além de ter originado a equipe, proporciona toda a estrutura disponibilizada para os treinos na escola onde eles acontecem.

A 28ª e mais recente edição dos Jogos das APMs ocorreu em abril de 2018, em Santa Maria/RS, e incluiu as modalidades: futebol de campo masculino (11 equipes), futsal masculino (10 equipes), voleibol masculino (06 equipes), voleibol feminino (09 equipes) e voleibol misto (03 equipes). Segundo o regulamento, os objetivos que envolvem a realização dos jogos são: (a) congregar os associados das APMs pertencentes à mesma Rede escolar no RS através do esporte; (b) proporcionar momentos de convivência e de cultivo dos valores da filosofia da Rede escolar; e (c) estimular a prática esportiva como fator de bem-estar, desenvolvendo na comunidade escolar o companheirismo e o espírito de solidariedade através do exemplo dos pais e dos educadores.

4.3.3 Reuniões de Discussão e Planejamento

Tivemos um total de 06 reuniões de discussão e planejamento, que ocorreram semanalmente, entre pesquisadora/treinadora e orientador/amigo crítico. Essas reuniões foram gravadas em áudios, por meio de um *smartphone*, para posterior análise e transcrição dos elementos que estão abordados no próximo capítulo deste relatório de pesquisa. O quadro abaixo (Quadro 01) indica o tempo de duração das gravações e sintetiza os temas que foram discutidos em cada reunião:

Reunião	Áudio	Tema
01	01:28:15	Discussão e definição do que ensinar e elaboração do mapa de conhecimentos.
02	00:42:17	Identificação das estratégias pedagógicas que poderiam ser utilizadas nos treinos; elaboração do plano do treino 01.
03	00:37:37	Relatos da prática do treino 01; discussão sobre possibilidades para a progressão dos conteúdos nos próximos treinos; elaboração dos planos dos treinos 02 e 03.
04	00:34:35	Relatos das práticas dos treinos 02 e 03; discussão e elaboração dos planos dos treinos 04 e 05.
05	01:12:57	Relatos das práticas dos treinos 04 e 05; discussão e elaboração dos planos dos treinos 06 e 07.
06	00:56:19	Relatos das práticas dos treinos 06 e 07; discussão e elaboração do plano do treino 08.

Quadro 01 – Temas das reuniões de discussão e planejamento

Conforme pode ser observado, na primeira reunião discutimos de que forma organizaríamos o processo de implementação do sistema tático 5:1, identificando o que deveria ser ensinado nesse primeiro momento, o que resultou na construção de um mapa de conhecimentos (Apêndice B). Nas reuniões seguintes planejamos os treinos e discutimos como se deu a prática das atividades elaboradas. Para isso, partíamos da narração dos acontecimentos dos treinos que já haviam acontecido, identificando os ajustes que foram necessários, com base nas anotações dos diários de campo. Na sequência, iniciávamos o planejamento colaborativo (entre treinadora e amigo crítico) dos treinos seguintes, buscando criar atividades com potencial para atingirmos os objetivos que havíamos proposto e para estimularmos as atletas a solucionarem os problemas de aprendizagem que emergiam dos próprios treinos.

Não predefinimos quantas reuniões teríamos ou quantos treinos comporiam o processo de implementação do sistema 5:1, pois entendemos que seria necessário respeitarmos o ritmo de aprendizagem da equipe, principalmente devido ao objetivo prioritário de que todas as atletas compreendessem e fossem capazes de jogar com o novo sistema. No entanto, por tratar-se de uma pesquisa vinculada a um TCC, e, por isso, estar sujeita a alguns prazos, acordamos que construiríamos este relatório de pesquisa com base nos treinos realizados no limite de até dois meses (equivalentes a 16 treinos). Caso a equipe não compreendesse o sistema por completo nesse tempo, o processo de implementação continuaria, mesmo que não fosse possível apresentá-lo na íntegra neste relatório final. Outro motivo para fixar esse limite de dois meses foi uma estimativa baseada em experiências anteriores da treinadora com a equipe *Match Point* e com a complexidade do sistema 5:1. Porém, a compreensão do sistema 5:1 por parte das atletas se deu em apenas 08 treinos, ou seja, na metade do tempo estimado.

Assim, apresentados os procedimentos metodológicos realizados, no capítulo a seguir, analisamos e discutimos os conhecimentos construídos através dos documentos analisados, das observações participantes, dos diários de campo e dos áudios das reuniões de discussão e planejamento, dialogando com o referencial teórico consultado.

5 SCOUT DO JOGO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS

Conforme mencionado anteriormente, para darmos início ao planejamento, construímos um mapa de conhecimentos (Apêndice B), que orientou a organização inicial do processo de ensino, conforme sugestão de González (2014). A construção desse mapa esteve baseada na seguinte questão: “*O que você está querendo ensinar nesse primeiro momento? É isso que precisamos entender*” (Amigo crítico, Áudio da Reunião 01). Portanto, foi a partir dessa pergunta que estruturamos o mapa de conhecimentos, identificando as situações e os princípios operacionais do jogo que deveriam compor o processo de ensino-aprendizagem do sistema tático 5:1.

Assim, para compreendermos o que precisava ser ensinado, foi necessário discutirmos a regra oficial do voleibol referente às posições em quadra e às posições relativas das jogadoras no momento do saque² (Áudio da Reunião 01). Independentemente do sistema tático de jogo utilizado pelas equipes de voleibol, no momento do saque (tanto da própria equipe quanto da equipe adversária) as jogadoras precisam estar posicionadas em quadra respeitando essa regra, mas, também, de forma que favoreça os deslocamentos de acordo com suas funções no jogo.

Ao tratarem da regra das relações entre as posições em quadra no voleibol, Santini e Lima (2008) salientam que:

É importante que esses conceitos sejam de domínio por parte de **professores, técnicos e acadêmicos** que trabalham com voleibol, possibilitando assim um desenvolvimento maior das táticas de jogo, um dos aspectos importantes por onde passa a discussão evolutiva do voleibol (SANTINI; LIMA, 2008, p. 110) [grifo nosso].

Diante da obrigatoriedade de organizar os sistemas táticos de forma a respeitar essa regra, os autores colocam o trecho supracitado destacado em seu texto. No entanto, podemos observar que na lista das pessoas que precisam dominar a compreensão desse conhecimento não constam os(as) alunos(as)/atletas,

² Esta regra pode ser consultada no documento da Federação Internacional de Voleibol que divulga as Regras Oficiais do Voleibol 2017 - 2020. Disponível em: <<http://2018.cbv.com.br/pdf/regulamento/quadra/REGRAS-DE-QUADRA-2017-2020.pdf>> Acesso em: 14 out. 2018.

mas, apenas os professores, treinadores e acadêmicos que trabalham com o voleibol. Essa concepção denota um modelo de ensino centrado no(a) professor(a)/treinador(a), onde este(a), a partir dos seus conhecimentos, faz as escolhas e organiza a equipe taticamente transmitindo para os(as) alunos(as)/atletas o que devem fazer.

Em contraposição, quando o ensino é centrado nos(as) alunos(as)/atletas, é fundamental que estes(as) compreendam as regras e suas implicações nas ações táticas, e que sejam capazes de criar e de contribuir com as discussões sobre a própria prática esportiva. Conforme visto no capítulo 03 deste relatório de pesquisa, González e Bracht (2012), ao tratarem do tema sistemas de jogo nos esportes coletivos, evidenciam a importância de que os(as) alunos(as)/atletas conheçam:

[...] as regras de organização do jogo, relacionadas com a lógica da atividade, especificamente associada às dimensões da área de jogo, à distribuição dos jogadores no campo, com designação de papéis e alguns dos preceitos simples de organização (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.36).

Por esse motivo, anteriormente à implementação do sistema 5:1, ao buscarmos a compreensão do sistema tático 4:2 por parte da equipe *Match Point*, já havíamos trabalhado com esta regra nos treinos. Porém, considerando a chegada de novas atletas, que não estavam presentes nessas ocasiões, percebemos que seria fundamental a retomada desse conteúdo antes de iniciarmos a implementação do sistema tático 5:1.

Por esse motivo, houve a necessidade de uma espécie de treino preparatório para a implementação do 5:1, onde a regra foi retomada na prática, com atividades em que a treinadora apresentava situações nas quais posicionava a equipe no momento do saque, e as atletas precisavam dizer se estava certo ou errado. Depois, definia onde determinadas jogadoras deveriam ficar posicionadas e a equipe precisava organizar as demais jogadoras, posicionando de diversas formas possíveis, desde que a regra permanecesse atendida. Após esse treino, todas as atletas receberam (algumas novamente e outras pela primeira vez) um material didático complementar, elaborado pela treinadora na tentativa de explicar teoricamente a regra de maneira simplificada (Anexo II).

As atletas novatas na equipe *Match Point* já haviam jogado voleibol em outras equipes, mas não sabiam por que a numeração das posições da quadra se dá em

sentido contrário ao da rotação. Também não sabiam da existência da regra sobre as relações entre essas posições e que os sistemas de jogo precisavam ser organizados levando em consideração a obrigatoriedade de manter essas relações nos momentos dos saques. Ou seja, não tinham um conhecimento básico elementar que orienta as decisões sobre organização tomadas em todo e qualquer sistema tático do voleibol, o que é apontado por González e Bracht (2012) como fundamental para que os(as) alunos(as)/atletas compreendam os sistemas táticos de jogo. As atletas que estão há mais tempo na equipe demonstraram que compreenderam bem essa regra, pois conseguiram identificar todas as vezes se a proposta estava certa ou errada, e conseguiram propor várias soluções para posicionar a equipe sem infração da regra.

Ainda durante a elaboração do mapa de conhecimentos, identificamos o início do caminho que decidimos seguir para a implementação do sistema 5:1. Por tratar-se de uma transição do sistema tático 4:2 (com duas levantadoras em quadra) para o sistema 5:1 (com apenas uma levantadora em quadra), após compararmos as semelhanças e as diferenças entre os dois sistemas, optamos por iniciar com o foco do processo de ensino/aprendizagem voltado às ações da levantadora. Isso, devido à centralidade assumida pela levantadora no sistema 5:1, e por suas ações sofrerem mudanças consideráveis em relação ao sistema 4:2, principalmente quando esta jogadora encontra-se na zona de trás da quadra. Assim, consideramos adequado partirmos das situações do jogo nas quais a levantadora está posicionada na zona de trás da quadra, avançando, progressivamente, para suas ações na zona da frente da quadra, e, nesse primeiro momento, realizando as trocas de posições em quadra apenas em função da levantadora. Somente depois disso, introduziríamos as trocas de posições necessárias para o desempenho das funções das atacantes, construindo, assim, o sistema de jogo completo.

Desse modo, após revisarmos os planos dos treinos, os diários de campo e os áudios das reuniões, percebemos que, considerando a progressão dos elementos táticos que foram trabalhados, os 08 treinos construídos durante o processo de implementação do sistema 5:1 poderiam ser agrupados em dois blocos, de acordo com os objetivos de aprendizagem que foram estabelecidos. São eles:

- BLOCO 01: composto pelos treinos 01, 02, 03, 04 e 05, cujos objetivos de aprendizagem estiveram focados principalmente nas ações da levantadora;

- BLOCO 02: composto pelos treinos 06, 07 e 08, nos quais os objetivos de aprendizagem do bloco 01 foram acrescidos de objetivos relativos às ações das atacantes.

Em ambos os blocos, ou seja, em todos os treinos, as ações das jogadoras no sistema 5:1 precisavam ser compreendidas pelas atletas de forma que aprendessem a organizar a equipe nas seguintes situações de jogo:

- Situações de bola parada: no momento da recepção do saque adversário e no momento do saque da equipe;
- Situações com a bola em jogo: deslocamentos e trocas de posições necessárias de acordo com as funções de cada jogadora em quadra.

O quadro 02 demonstra como ocorreu a distribuição dos conteúdos dos treinos nesses dois blocos, de acordo com os objetivos de aprendizagem propostos, e com a progressão da aprendizagem das ações da levantadora, passando para as ações das atacantes, até a compreensão do sistema 5:1 por completo.

BLOCO 01				BLOCO 02			
Objetivos de aprendizagem focados nas ações da levantadora: <ul style="list-style-type: none"> ➤ No momento da recepção do saque adversário ➤ No momento do saque da equipe ➤ Com a bola em jogo 				Objetivos de aprendizagem voltados às ações da levantadora e das atacantes: <ul style="list-style-type: none"> ➤ No momento da recepção do saque adversário ➤ No momento do saque da equipe ➤ Com a bola em jogo 			
Ações da levantadora na zona de trás da quadra				Ações da levantadora nas zonas de trás e da frente da quadra	Ações das atacantes quando a levantadora está na zona de trás da quadra	Ações das atacantes quando a levantadora está nas zonas de trás e da frente da quadra	
Treino 01	Treino 02	Treino 03	Treino 04	Treino 05	Treino 06	Treino 07	Treino 08

Quadro 02 – Agrupamento dos treinos em dois blocos de acordo com os objetivos de aprendizagem propostos.

Convém salientar que o objetivo maior desse processo de implementação consistiu em que todas as atletas compreendessem o sistema tático 5:1 e que fossem capazes de jogar de forma autônoma. Diante disso, entendemos que seria importante que todas as atletas experimentassem jogar em todas as funções de jogo, independentemente das funções que já desempenhavam anteriormente na equipe.

Outro fator que levamos em consideração foi que a implementação do sistema tático 5:1 não foi realizada de forma isolada apenas para fins de realizarmos a pesquisa, mas, que já fazia parte dos objetivos almejados e construídos pela equipe há algum tempo. Portanto, o ideal seria conseguirmos realizá-la sem que perdêssemos outras aprendizagens que a equipe vinha desenvolvendo anteriormente. Assim, após discutirmos essa situação, definimos que o foco principal das nossas ações seria a aprendizagem do sistema 5:1, no entanto, buscaríamos encontrar maneiras para agregarmos, de forma transversal, alguns outros conhecimentos táticos. Dentre esses conhecimentos, seria importante mantermos o sistema de defesa (que já vinha sendo organizado para jogar em combinação com o sistema tático ofensivo 5:1), e, principalmente, elementos relativos à fase ofensiva do jogo, visando tirar vantagens em relação à equipe adversária: (a) sacando com intenção de dificultar as ações da levantadora adversária; (b) sacando na direção da adversária com maior dificuldade no passe; (c) não sacando na direção da melhor passadora adversária; e (d) olhando para a quadra adversária antes de atacar, buscando colocar a bola nos espaços vazios.

Além dos conteúdos táticos, que fazem parte da lógica interna do esporte, desenvolvidos nos dois blocos de treinos citados, alguns aspectos importantes para a compreensão da lógica externa do esporte também estiveram presentes, permeando todo o processo de implementação do sistema 5:1.

A partir disso, constatamos que este capítulo, de análise e discussão dos conhecimentos construídos na pesquisa, poderia ser subdividido em três categorias. Na primeira categoria (*Primeiro Set*), apresentamos as aprendizagens provenientes dos treinos do bloco 01, cujos objetivos de ensino-aprendizagem estiveram focados nas ações da levantadora. Na segunda (*Segundo Set*), discorremos sobre as aprendizagens provenientes dos treinos do bloco 02, com objetivos de ensino-aprendizagem voltados às ações da levantadora e das atacantes. E, por fim, na terceira categoria (*Mais do que Voleibol*), consideramos pertinente abordarmos

alguns elementos da lógica externa do jogo, que não se relacionam diretamente aos conteúdos táticos específicos do sistema 5:1, mas que estiveram presentes e permearam todo o processo de implementação, pois são inerentes ao contexto pesquisado.

5.1 PRIMEIRO SET

Nesta categoria de análise e discussão abordamos os conhecimentos construídos a partir dos treinos de 01 a 05, que compõem o bloco 01 (Quadro 03), com objetivos de aprendizagem focados nas ações da levantadora.

BLOCO 01				
Objetivos de aprendizagem focados nas ações da levantadora: no momento da recepção do saque adversário, no momento do saque da equipe e com a bola em jogo.				
Ações da levantadora na zona de trás da quadra				Ações da levantadora nas zonas de trás e da frente da quadra
Treino 01	Treino 02	Treino 03	Treino 04	Treino 05

Quadro 03 – Bloco 01: treinos de 01 a 05

Ao organizarmos a apresentação desses conhecimentos, entendemos que seria apropriado estruturá-la de forma que também contribuísse para elucidar o processo de reflexão/ação da pesquisa. Assim, partimos da apresentação dos planos de cada treino, seguida da análise e da discussão proporcionada pelo planejamento e pela prática de cada um deles. Isso, de forma semelhante ao que ocorreu durante a construção do processo de implementação do sistema tático 5:1 na equipe *Match Point*.

Portanto, passamos ao plano do treino 01, que foi elaborado na segunda reunião de discussão e planejamento, e pode ser visto no quadro 04.

Treino 01

Objetivo Geral:

- Compreender as ações da levantadora quando está na zona de trás da quadra.

Objetivos Específicos:

- Compreender as funções e a movimentação da levantadora quando está na posição 01, no momento do saque da equipe, do saque da equipe adversária e com a bola em jogo.

Atividade 01: Jogo 06x06

- Expectativas de Aprendizagem:

- Ataque: marcar o ponto jogando a bola em quem estiver usando o colete na equipe adversária;

- Defesa: proteger quem estiver usando o colete para não receber a primeira bola

- Desenvolvimento:

O jogo consistirá em tentar marcar pontos fazendo com que a bola caia na quadra adversária ou provocando o erro adversário, semelhante ao jogo formal de voleibol, mas com algumas regras adaptadas; serão obrigatórios três contatos com a bola antes de jogá-la para a quadra adversária; uma jogadora em cada equipe deverá estar usando um colete (alternar quem estará de colete durante o jogo); o segundo contato com a bola deverá ser, necessariamente, realizado por quem estiver usando colete; as equipes farão rotações cada vez que marcarem um ponto, modificando, assim, mais rapidamente a posição em quadra da jogadora com colete.

Atividade 02: Jogo 06x04 com a levantadora na posição 01

Equipe A: 06 pessoas

Equipe B: 04 pessoas

Demais atletas na função de observadoras

- Expectativas de Aprendizagem:

Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora no momento da

RECEPÇÃO DO SAQUE adversário e com a bola em jogo:

- Esconder-se atrás de quem estiver na posição 02 no momento do saque adversário;
- Após o saque adversário, deslocar-se para a posição de levantamento (entre as posições 02 e 03);
- Após o levantamento, retornar para a posição 01 para a defesa do ataque adversário.

Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora no momento do SAQUE DA EQUIPE e com a bola em jogo:

- Sacar e permanecer na posição 01 para a defesa do ataque adversário;
- Após a defesa do ataque adversário, deslocar-se para a posição de levantamento (entre as posições 02 e 03);
- Após o levantamento, deslocamento para a posição 01 para a defesa do ataque adversário.

Identificar o que fazer quando a levantadora defender o ataque adversário (passar a bola para a jogadora de meio ou para a líbero realizar o levantamento).**➤ Desenvolvimento:**

O jogo ocorrerá em combinações de 02 sets até 15 pontos cada; no primeiro *set* o saque será sempre da equipe B; no segundo *set* o saque será sempre da equipe A; na equipe A, quem estiver na posição 01 usará um colete para identificação e desempenhará a função de levantadora; o levantamento deverá ser realizado entre as posições 02 e 03; a cada rotação, na equipe A, quem assumir a posição 01 desempenhará a função de levantadora.

Repetir até que todas as atletas tenham jogado na equipe A e na equipe B, e tenham passado pela função de observar o jogo.

Atividade 03: Jogo 03x03

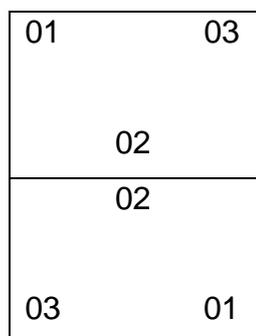
Esta atividade será realizada para solucionar os problemas emergentes do jogo anterior em um ambiente reduzido;

➤ Expectativas de Aprendizagem:

- Conscientização tática: necessidade de esconder a levantadora no momento da recepção do saque adversário; sacar e atacar na direção da levantadora adversária;

➤ Desenvolvimento:

O jogo ocorrerá com a quadra reduzida; adaptar as posições da quadra para apenas 03 posições (01, 02, 03); quem estiver na posição 01 deverá levantar, e sua posição de defesa será a posição 01;



Possíveis progressões da atividade: estabelecer que o levantamento ocorra na posição 02 e que a levantadora defenda na 01; aumentar para 04x04 com levantamento na posição 02.

Atividade 04

Retornar à atividade 02, mas com as duas equipes sacando, durante um *set* até 15 pontos.

Quadro 04 – Plano do treino 01

Em reunião anterior, havíamos definido que iniciáramos o processo de ensino-aprendizagem pelas ações da levantadora quando está na zona de trás da quadra, ou seja, com o foco nos deslocamentos ligados à infiltração dessa jogadora.

Para definirmos os objetivos do primeiro treino e elaborar as atividades a fim de atingi-los, buscamos responder a seguinte pergunta: “*o que queremos que as atletas compreendam e que saibam fazer conscientemente?*” (Amigo crítico, Áudio da Reunião 02). Assim, identificamos que deveriam compreender que a levantadora precisaria defender o ataque adversário na posição 01 e realizar o levantamento entre as posições 02 e 03, o que implicaria que ela tivesse que transitar entre essas posições constantemente enquanto a bola estivesse em jogo. Além disso, seria

necessário que nos momentos de bola parada (saque da equipe adversária e saque da equipe), enquanto a sacadora não tocasse na bola, colocando-a em jogo, as jogadoras permanecessem nos seus locais do rodízio, respeitando a regra das relações entre as posições em quadra. Nesses momentos de bola parada, a equipe precisaria posicionar sua levantadora de forma que conseguisse chegar rapidamente ao local do levantamento. No caso da recepção do saque adversário, de forma que não precisasse passar a primeira bola, ficando liberada para a segunda bola (levantamento), e, no caso do saque da equipe, sacando e permanecendo na posição 01 para defender o ataque adversário, infiltrando para realizar o levantamento apenas após a defesa. Se acontecesse da levantadora defender, deveria passar a bola para a jogadora de meio ou para a líbero realizar o levantamento (Áudio da Reunião 02).

Iniciamos o processo de ensino-aprendizagem das ações da levantadora quando está na zona de trás da quadra pelo momento em que essa jogadora encontra-se na posição 01. Isso, por ser a posição na qual geralmente ela inicia a partida de voleibol, a fim de começar o jogo permanecendo por mais tempo com o maior número de atacantes próximas à rede.

As estratégias de ensino escolhidas para este primeiro treino foram: (a) iniciar com um jogo para conscientização tática (atividade 01); (b) progredir para um jogo com regras específicas, a fim de provocar problemas a solucionar, e com as atletas se revezando na função de observar o jogo (atividade 02); (c) realizar um jogo adaptado com a tarefa de solucionar os problemas que emergissem do jogo anterior (atividade 03); e (d) retornar ao jogo anterior (atividade 02) para colocar em prática as soluções encontradas. Entre uma atividade e outra, seria fundamental:

[...] reunir e fazer uma espécie de conscientização tática, um momento de compartilhar o que aconteceu, quais foram as dificuldades, o que elas sentiram, e, induzir o diálogo na direção do que você está querendo ensinar primeiro. Porque há dois elementos que precisam partir desse treino, elas têm que chegar a essas respostas a partir das suas perguntas: elas têm que saber que precisam esconder a levantadora, e, as ações que a levantadora precisa fazer para defender sempre na posição 01 e construir o ataque entre as posições 02 e 03. Elas têm que chegar nessas respostas pelo menos verbalmente no final desse treino (Amigo crítico, Áudio da Reunião 02).

Supomos que um dos problemas de aprendizagem que poderiam emergir nesse treino seria não esconder a levantadora no melhor local para que chegasse

rapidamente à posição para o levantamento, na situação de recepção do saque adversário. Para realizarmos essa ação repetidamente, proporcionando mais tempo de prática e de reflexão sobre a mesma situação, elaboramos a atividade 02 de forma que o saque permanecesse na mesma equipe durante todo um *set*, passando para a outra equipe apenas no *set* seguinte.

Outro problema que acreditávamos que poderia acontecer, e esse talvez com maior probabilidade do que o primeiro, seria a dificuldade de realizar os deslocamentos necessários com a bola em jogo, para que a levantadora transitasse entre as fases de defender o ataque adversário e construir o ataque. Isso, principalmente, pelo fato de que todas as jogadoras passariam pela função de levantadora, independentemente de terem ou não jogado nessa posição anteriormente. Conforme pode ser observado no trecho do áudio transcrito a seguir:

Se for apenas saque-recepção-levantamento e pára, acredito que elas não terão dificuldades, mas, se dermos continuidade aos rallys, é possível que a levantadora tenha dificuldades para manter os deslocamentos, transitando entre a defesa na posição 01 e o levantamento entre as posições 02 e 03. Porque mesmo quem não é levantadora estará passando por essa função, e talvez precise de mais tempo para compreender, além da dificuldade técnica para realizar o levantamento (Treinadora, Áudio da Reunião 02).

A partir dessa fala, também percebemos a importância de criarmos atividades que proporcionassem que a bola permanecesse em jogo, ou seja, que sempre houvesse *rallys* durante as atividades que seriam propostas, justamente para induzir a ocorrência de problemas que necessitariam de soluções por parte das jogadoras. Quanto às dificuldades com as habilidades técnicas para realizar o levantamento, para evitar frustrações, consideramos importante enfatizar na conversa inicial que o objetivo do treino não seria realizar bons levantamentos, mas sim que as atletas compreendessem as ações da levantadora, e, que, para isso, os treinos seriam bastante dialogados (Áudio da Reunião 02).

As respostas das atletas seriam determinantes para o tempo que permaneceríamos em cada atividade, para a decisão de realizarmos ou não todas as atividades planejadas (pois não seria necessário propor tarefas para ações que as atletas já realizassem intuitivamente), e para verificarmos se seria possível darmos atenção aos temas transversais que pretendíamos continuar trabalhando (Áudio da Reunião 02).

González e Bracht (2012, p.83), ao tratarem das estratégias de ensino dos esportes coletivos, abordam formas de proceder para ensinar e facilitar a aprendizagem das regras de ação, para que os(as) alunos(as)/atletas “melhorem suas possibilidades de atuação levando em conta o que acontece no jogo”. Para que isso aconteça, precisa haver uma combinação entre “as tarefas motoras e a intervenção do professor, de onde surge o papel do aluno” (GONZÁLEZ; BRACHT 2012, p.83). Segundo esses autores, na prática, cada professor(a)/treinador(a) cria formas específicas para combinar esses elementos, ou seja, há uma diversidade de métodos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p.83). No entanto, afirmam que apesar das diferenças entre as propostas de ensino das intenções táticas encontradas na literatura, é possível identificar semelhanças em pelo menos três dimensões referentes à forma como o processo de ensino-aprendizagem pode ser desenvolvido. São elas:

[...] (a) o uso privilegiado de tarefas com interação entre adversários; (b) o incentivo à reflexão e à verbalização dos alunos sobre o que fazer e quando fazer o que se tem para fazer no jogo (intervenção que favorece a indagação); e (c) o protagonismo dos alunos na resolução dos desafios colocados pelo jogo, por meio da busca, negociação e testagem de hipóteses sobre as ações de jogo (papel ativo) (GONZÁLEZ E BRACHT, 2012, p.83).

Assim, iniciamos o treino 01 com uma breve explicação dos objetivos, salientando a importância de que, durante as atividades, as atletas buscassem jogar de forma intencional, no sentido de dificultar ao máximo o jogo para a equipe adversária.

A primeira atividade foi criada com a intenção de promover a conscientização tática de que a equipe deveria proteger/esconder a jogadora com a responsabilidade de realizar o levantamento, independentemente da posição em quadra que ela estivesse, de forma que ela não fosse acionada para recepcionar a primeira bola, ficando liberada para sua principal função no jogo. Ao mesmo tempo, a equipe deveria buscar dificultar essa mesma ação na equipe adversária, jogando a primeira bola na direção da jogadora que estivesse com o colete. Depois disso, passaríamos para a segunda atividade, na qual estabeleceríamos a regra específica de que essa jogadora deveria estar na posição 01 nas situações de bola parada, e transitar entre as posições desejáveis nas fases de defesa do ataque adversário e de construção do ataque, quando a bola estivesse em jogo.

Considerando que essa primeira atividade foi inspirada em outra atividade³ realizada anteriormente com a equipe *Match Point*, e, que, portanto, já haviam realizado algo bastante semelhante, a expectativa era que as atletas não encontrassem dificuldades e chegassem rapidamente às soluções esperadas. Mas, não foi assim que aconteceu. Demorou um bom tempo (uns 15 minutos) para que começassem a jogar a bola intencionalmente em quem estava com o colete. Quando uma das equipes começou a fazer isso, o jogo foi interrompido pela treinadora para perguntar se elas haviam percebido que uma das equipes estava dificultando o jogo para as adversárias mais do que a outra equipe. Durante a conversa, as atletas identificaram o que estava ocorrendo, dizendo que algumas pessoas estavam jogando a bola na levantadora. Após discutirmos e constatarmos as vantagens dessa ação, as duas equipes passaram a tentar jogar a primeira bola na levantadora. Somente depois dessa intervenção, ficou evidente a necessidade de esconder as levantadoras (Diário de Campo 01).

A partir disso, podemos identificar aspectos que se apresentam para a treinadora como alguns dos desafios enfrentados para ensinar voleibol por meio de jogos para compreensão tática: (a) a necessidade de controlar o ímpeto de dar as respostas para a equipe; (b) saber esperar que as atletas cheguem por conta própria à solução dos problemas que emergem do jogo; (c) conseguir perceber quando será necessária uma intervenção por meio de perguntas indutivas, e qual o momento certo para fazer isso; e (d) escolher as perguntas adequadas para levar as atletas a encontrarem a melhor solução dos problemas.

Ao passarmos para a segunda atividade do treino 01, como as atletas já haviam percebido a vantagem de jogar a primeira bola na levantadora adversária, a equipe com 04 pessoas explorou muito bem essa estratégia. Houve muitos ataques em direção à posição 01, e também várias tentativas de sacar com a nítida intenção

³ Na ocasião, tínhamos um jogo contra uma equipe que jogava com o sistema tático 5:1. Como preparação, uma das atividades que foi realizada tinha a intenção de identificar as funções das jogadoras adversárias em quadra com a finalidade de atrapalhar suas ações. Nessa atividade, duas jogadoras de cada equipe ficaram destacadas com coletes de cores diferentes, uma delas teria a função de realizar o levantamento e a outra estava identificada por ser a melhor passadora. Assim, as atletas deveriam chegar na compreensão de que seria apropriado atrapalhar a equipe adversária jogando a primeira bola na jogadora responsável pelo levantamento, e evitando ao máximo sacar ou atacar na direção da melhor passadora. Cada vez que conseguissem realizar uma dessas ações marcariam 02 pontos para sua equipe, independentemente de quem tivesse vencido o *rally*. A partir desse jogo, as atletas começaram a esconder suas levantadoras no momento do saque adversário, o que foi interpretado pela treinadora como um indicativo de que talvez um jogo semelhante, com algumas adaptações nessas regras poderia iniciar o processo de ensino-aprendizagem do sistema tático 5:1.

de atrapalhar o deslocamento da levantadora. As atletas perceberam e verbalizaram o quanto a função da levantadora é difícil e ao mesmo tempo crucial no jogo, e, que, por essa razão, é importante buscar atrapalhar ao máximo suas ações na equipe adversária. A partir disso, combinaram de sempre responsabilizar uma das jogadoras em quadra com a tarefa de ajudar a equipe a observar esse elemento, avisando quando a levantadora adversária está na zona de trás da quadra (Diário de Campo 01).

O jogo da atividade 02 foi muito positivo, todas as atletas estavam conseguindo realizar os deslocamentos e compreendendo as funções da levantadora quando está na posição 01. Por esse motivo, não passamos para a terceira atividade que estava planejada (que seria para auxiliar na compreensão dos problemas da atividade anterior de forma simplificada) permanecendo mais tempo no mesmo jogo, de forma que todas as atletas experimentassem por mais vezes as funções da levantadora. O bom desempenho e o sucesso atingido na atividade 02 fez com que as atletas permanecessem entusiasmadas durante todo o treino, mesmo permanecendo a maior parte do tempo na mesma atividade, apenas com a mudança da equipe com a posse do saque, e depois alternando o saque entre as duas equipes. (Diário de Campo 01).

Ao final do treino, além de atingir os objetivos propostos, a equipe percebeu que, indiretamente, todas as jogadoras acabaram jogando em todas as posições do sistema 5:1, pois com exceção de quando estavam na função de levantadora, cada uma jogou na posição na qual se encontrava no rodízio, e ninguém teve problemas com isso, todas conseguiram jogar bem. Esse fato contribuiu para elevar a autoestima da equipe e para que iniciassem um processo de superar aos poucos a insegurança quanto à capacidade de todas aprenderem a jogar com o novo sistema tático. Isso, porque apesar de aprender a jogar com o sistema 5:1 ser um desejo da equipe, várias jogadoras não acreditavam que seria possível, diante da heterogeneidade da equipe quanto às habilidades do jogo (Diário de Campo 01).

Outras duas aprendizagens importantes emergiram desse treino, mesmo não estando entre os objetivos de aprendizagem para esse momento. As jogadoras perceberam, sem nenhuma intervenção da treinadora nesse sentido, que a levantadora não deveria permanecer na posição 01 para ajudar a passar bolas fáceis de defender, e que essa ação deveria ser assumida pela jogadora que

estivesse na posição 06, a fim de liberar a levantadora para infiltrar e efetuar o segundo contato com a bola (Diário de Campo 01).

De maneira semelhante, encontraram uma solução para lidar com a dificuldade de recepcionar os saques mais difíceis. Inicialmente, definiram que a jogadora que estivesse na posição 03 deveria ajudar com o levantamento nesses momentos. Porém, ela não estava conseguindo reagir a tempo de realizar o levantamento diante do passe errado. Portanto, identificaram que uma boa solução do problema seria já colocar a jogadora da posição 03 preparada para o levantamento, em vez de ter que reagir apenas após o passe sair para o local errado. Assim, elas dividiram a tarefa de levantar entre duas jogadoras nesse momento, semelhantemente ao que faziam quando jogavam com o sistema tático 4:2. Diante da espontânea e boa solução para esse problema, conversamos e reforçamos a ideia de que nos momentos difíceis dos jogos contra outras equipes, deve haver o esforço no sentido de resolver o problema que se apresenta naquele momento, em vez de ficar tentando fazer algo que seria o ideal, mas que a equipe não está conseguindo fazer. Nesse caso, a solução do problema seria conseguir realizar um levantamento e marcar o ponto, para tirar o saque difícil da equipe adversária, em vez de ficar tentando um bom passe para a levantadora e sofrendo vários pontos, talvez impossíveis de reverter até o final do set (Diário de Campo 01).

No segundo treino (Quadro 05), precisávamos lidar com a situação de algumas atletas que não estiveram presentes no treino 01, e, por esse motivo, algumas estratégias foram pensadas para darmos conta disso. Decidimos começar o treino pelo jogo adaptado que não realizamos no treino anterior, já que essas atletas não haviam passado pela primeira atividade de conscientização tática. Assim, entendemos que seria melhor começarem a compreender as ações da levantadora por meio de um jogo simplificado. Também percebemos a necessidade de que elas experimentassem as ações da levantadora na posição 01 com as 06 jogadoras em quadra, o que aproveitaríamos para abordar como uma revisão das aprendizagens do treino passado com as demais atletas. Para isso, solicitaríamos que as próprias colegas lhes explicassem o jogo. Essas e outras atividades estão descritas no quadro a seguir.

Treino 02

Objetivo geral:

- Compreender as ações da levantadora quando está na zona de trás da quadra.

Objetivos Específicos:

- Compreender as funções e a movimentação da levantadora quando está na posição 06, no momento do saque da equipe, do saque da equipe adversária e com a bola em jogo.

Atividade 01 - Jogo 03x03

- Revisar os conteúdos vistos no treino anterior (levantadora na posição 01);
- Repetir a atividade 03 do treino 01;
- Realizar uma progressão na atividade: estabelecer que o levantamento ocorra na posição 02, para provocar a necessidade de a levantadora realizar a movimentação necessária entre as ações de levantamento e de defesa do ataque adversário.

Atividade 02 - Jogo 06x04 com levantadora na posição 01

- Proporcionar que as jogadoras que não estavam presentes no treino anterior vivenciem as ações da levantadora na posição 01;
- Aproveitar esse momento para a equipe lembrar o que foi visto no último treino.
- Repetir o exercício 02 do treino anterior apenas com quem não esteve presente jogando como levantadora na posição 01; e depois passar às ações da levantadora na posição 06, com todas as jogadoras passando pela função de levantadora.

Atividade 03 - Jogo 06x04 com a levantadora na posição 06

Equipe A: 06 pessoas

Equipe B: 04 pessoas

Demais atletas na função de observadoras

- Expectativas de Aprendizagem:

Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora no momento da RECEPÇÃO DO SAQUE adversário e com a bola em jogo:

- Posicionar-se atrás de quem estiver na posição 03 no momento do saque

adversário, já bastante próxima ao local do levantamento;

- Após o saque adversário, pequeno ajuste para a posição do levantamento;
- Após o levantamento, deslocamento para a posição 01 para a defesa do ataque adversário;
- Será necessário que a jogadora que estiver na posição 01 assuma a posição 06 para a defesa (troque de lugar com a levantadora).

Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora no momento do SAQUE DA EQUIPE e com a bola em jogo:

- Imediatamente após o saque, deslocar-se para a posição 01 para a defesa do ataque adversário; após sacar, quem estiver na posição 01 deslocar-se para a posição 06 (trocar de lugar com a levantadora);
- Após a defesa do ataque adversário, deslocar-se para a posição de levantamento (entre as posições 02 e 03);
- Após o levantamento, deslocar-se para a posição 01 para a defesa do ataque adversário.

➤ Desenvolvimento

O jogo ocorrerá em 02 sets até 15 pontos cada; no primeiro *set* o saque será sempre da equipe B; no segundo *set* o saque será sempre da equipe A; na equipe A, quem estiver na posição 06 usará um colete para identificação e desempenhará a função de levantadora; a cada rotação, na equipe A, quem assumir a posição 06 desempenhará a função de levantadora.

Repetir até que todas as atletas tenham jogado na equipe A e na equipe B, e tenham passado pela função de observar o jogo.

Atividade 04

Varição da atividade 03;

Se houver tempo, continuar o jogo 06x04, mas com os dois times sacando.

Quadro 05 – Plano do treino 02

A atividade 01 (jogo 03x03) tinha a proposta de adaptar a regra das posições em quadra para que as atletas precisassem esconder a levantadora. Inicialmente

não seria determinado o local onde o levantamento deveria acontecer, mas, apenas que a levantadora seria a jogadora que estivesse na posição 01. De acordo com a resposta da equipe à proposta do jogo faríamos uma progressão, determinando o local do levantamento e onde a levantadora deveria defender o ataque adversário, com a intenção de induzir aos deslocamentos próprios da função dessa jogadora (Áudio da Reunião 02).

Durante esse jogo (03x03), a atenção aos jogos simultâneos e a capacidade de observação da treinadora seriam fundamentais, conforme pode ser constatado na seguinte fala do amigo crítico:

[...] você terá um papel crucial de observar esses minijogos e ir fazendo pequenas conscientizações táticas. Você verá o que não estará acontecendo, e se for um problema comum que estiver se repetindo nos diferentes lugares, você reunirá todas as atletas e fará algumas perguntas. Por exemplo: o que essa jogadora pode fazer? Que dificuldade está acontecendo? O que a levantadora tem que fazer nesse caso? (Amigo crítico, Áudio da Reunião 02).

O jogo teve início conforme havia sido planejado, apenas com a regra de que seria responsável pelo levantamento quem estivesse na posição 01. No entanto, as próprias atletas tomaram a iniciativa de determinar o local para o levantamento (na posição 02). Depois de algum tempo, houve a intervenção da treinadora perguntando em qual lugar da quadra as levantadoras estavam defendendo o ataque adversário, e, onde deveriam posicioná-las nessa fase do jogo, considerando que estar na posição 01 significa estar também na zona de trás da quadra, não sendo permitido participar do bloqueio conforme estavam fazendo. As perguntas realizadas para induzir as respostas adequadas foram: “Onde a levantadora está defendendo? Quando a levantadora está na posição 01 ela pode bloquear? Então onde é melhor ela defender nessa situação?” (Treinadora, Áudio da Reunião 04). A partir disso, o jogo passou a englobar as duas progressões que estavam previstas para esse momento: levantamento na posição 02 e levantadora defendendo o ataque adversário na posição 01 (Diário de Campo 02).

Considerando a imprevisibilidade do jogo, não há como traçar um plano pré-determinado para antecipar os eventos. Por conta disso, Grehaigne, Caty e Godbout (2010) afirmam que os(as) jogadores(as) precisam desenvolver a inteligência tática, de forma que consigam agir diante das diferentes formas de jogadas e de configurações do jogo. Logo, um modelo didático adequado precisa oferecer

aproximação suficientemente boa para que seja operacional em relação a uma dada categoria de problemas e às maneiras pelas quais os alunos(as)/atletas buscam resolvê-los. E, isso envolve processos cognitivos, com a compreensão desempenhando um importante papel nesse processo, pois a aprendizagem da solução de problemas e a construção de conhecimento pessoal requerem reflexões por parte dos(as) alunos(as) (GREHAIGNE; CATY; GODBOUT, 2010).

Assim, Grehaigne, Caty e Godbout (2010) sugerem que jogos de aprendizagem por meio da compreensão representam a melhor alternativa para o ensino dos esportes coletivos. Nessa abordagem, que é centrada nos(as) alunos(as), cada elemento deve ganhar sentido ao ser relacionado com conhecimentos anteriores, e isso de forma colaborativa com os colegas, por meio do diálogo e de debates sustentados. Isso evidencia um objetivo importante para a prática pedagógica, que é desenvolver “praticantes reflexivos”, o que implica um envolvimento muito mais profundo e significativo por parte dos(as) alunos(as), e com o professor(a)/treinador(a) desempenhando um papel fundamental na condução de todo o processo (GREHAIGNE; CATY; GODBOUT, 2010).

Ainda na primeira atividade, as atletas que não estiveram no treino anterior demoraram um pouco mais para acertarem a transição da levantadora entre as fases de defender o ataque adversário e de construir o ataque, mas, ao final da atividade conseguiram compreender (Diário de Campo 02). Esse foi um aspecto positivo da decisão de iniciarmos o treino revisando os conteúdos por meio do jogo adaptado. Pois, possivelmente, conforme o previsto, essas atletas encontrariam maiores dificuldades para compreenderem as ações da levantadora na posição 01 direto na situação com 06 jogadoras em quadra.

Dessa forma, a revisão das ações da levantadora quando está na posição 01 com as 06 jogadoras em quadra ocorreu sem complicações (atividade 02). No entanto, como estavam presentes no treino exatamente 12 atletas, modificamos o formato do jogo para 06x06 em vez de 06x04, e retiramos o papel de observação do jogo por parte das atletas. Essa decisão objetivou reduzir o tempo necessário para proporcionar que as 04 atletas que precisavam passar pela função de levantadora nessa situação o fizessem. Mantivemos, pelo mesmo motivo, o formato de jogo 06x06 na atividade seguinte (Diário de Campo 02).

Considerando que no treino anterior, ao abordarmos as ações da levantadora quando está na posição 01, foi possível trabalhar os temas transversais (saque

intencional, ataque na posição 01), pensamos que seria possível mantê-los nesse segundo treino, aproveitando o momento em que as atletas estariam compreendendo o sistema 5:1 para identificarem de que forma seria possível atrapalhar a equipe adversária (Áudio da Reunião 03). Porém, não foi assim que ocorreu. Tais intenções táticas diminuíram consideravelmente, em comparação ao jogo similar do treino anterior (Diário de Campo 02).

Refletindo sobre esse fato, procuramos identificar possíveis motivos para sua ocorrência. Então, percebemos que o fato do jogo ter ocorrido no formato 06x06 fez com que todas as participantes estivessem todo o tempo com a atenção focada em compreender as ações da levantadora. Já no outro formato, 06x04 com algumas observadoras, enquanto as atletas jogavam na equipe com 04 pessoas tinham mais tranquilidade para pensar nas intencionalidades táticas ao sacar ou atacar a equipe adversária. Este último, configurando-se, portanto, como um formato mais vantajoso para incluir os conhecimentos transversais desejados.

Em relação ao que a equipe vinha aprendendo até o momento, a passagem para a atividade 03 (jogo 06x06 com a levantadora na posição 06) modificaria as ações da levantadora nas situações de bola parada (recepção do saque da equipe adversária e saque da equipe), mas, manteria praticamente as mesmas ações com a bola em jogo. A equipe precisaria posicionar a levantadora nos momentos de bola parada de forma que se mantivesse atrás da jogadora da posição 03 e entre as jogadoras das posições 01 e 05. E quando a bola fosse colocada em jogo, precisaria realizar uma troca de posição entre a levantadora e outra jogadora da zona de trás da quadra (a que estivesse na posição 01) de forma a permitir que a levantadora defendesse o ataque adversário na posição 01.

Durante o planejamento da atividade para introduzirmos as ações da levantadora quando está na posição 06, uma dúvida que foi discutida produziu algumas respostas que acabaram mais adiante norteando o encadeamento dos objetivos dos treinos seguintes. Até então, não sabíamos exatamente qual seria o momento mais adequado para acrescentarmos as ações das atacantes e como faríamos isso. Buscamos encontrar a melhor resposta para a seguinte questão:

[...] o fato de não definirmos as funções das atacantes nesse primeiro momento, e, de não realizarmos as trocas de posições necessárias para que atuem nos locais adequados de acordo com essas funções, influenciará onde as atletas escolherão posicionar a levantadora no momento da recepção do saque adversário. Isso não poderá prejudicar que elas

encontrem as soluções adequadas para os problemas propostos?
(Treinadora, Áudio da Reunião 03).

Diante disso, passamos a examinar as possíveis soluções que as atletas encontrariam para posicionar a levantadora, mesmo ignorando alguns detalhes relacionados aos papéis das atacantes no jogo, que ainda não havíamos abordado. Após diversas considerações, entendemos que seria melhor mantermos os treinos focados somente nas ações da levantadora até que fossem compreendidas suas ações nas posições da zona de trás da quadra (01, 06 e 05), e depois nas posições da zona da frente da quadra (04, 03 e 02), que seriam iguais às do sistema tático 4:2, já conhecidas pela equipe. Então, apenas depois de compreendidas todas essas ações, acrescentaríamos as ações das atacantes. E, estas sim, precisariam ser introduzidas todas ao mesmo tempo, devido à sua total interdependência para fins de posicionamento da equipe no momento da recepção do saque adversário.

Entendemos, ainda, que desejávamos construir um caminho com os conhecimentos que a equipe fosse adquirindo. Portanto, as possíveis soluções “erradas” que encontrassem seriam praticadas por um curto período de tempo, e não prejudicariam o processo de aprendizagem do sistema 5:1 como um todo. Sobre isso, Borges e Diniz (2017) explicam que durante a conscientização tática, os(as) professores(as)/treinadores(as) precisam ter perspicácia para aproveitarem as respostas dos alunos(as)/atletas, dando sequência ao diálogo. Quando surgem respostas que não são as mais adequadas, essas também devem ser valorizadas, havendo uma condução à reflexão para alcançar as respostas desejadas (BORGES; DINIZ, 2017).

Nesse momento de “calibragem” da progressão do processo pedagógico, novamente aflorou a já mencionada preocupação com o desafio de equilibrar o tempo de espera pelas soluções por parte das atletas e a percepção da necessidade de intervenção. Isso ficou muito evidente no trecho abaixo, extraído do diálogo entre treinadora e amigo crítico:

Treinadora: Eu acho que será mais fácil assim [...] mas eu terei que controlar a minha ansiedade para não falar algumas coisas na hora e não atropelar o processo.

Amigo crítico: Sim! Você precisa ter claro isso, que não dá para fazer tudo ao mesmo tempo. Então, terá que esperar, pois elas precisam absorver esses conhecimentos. Por mais que elas estejam recebendo bem, não convém acelerar.

Treinadora: Mas, mesmo trabalhando apenas com as ações em função da levantadora, eu terei que dizer que elas têm que colocar a levantadora no local mais próximo possível de onde ela tem que chegar para levantar.

Amigo crítico: Por que você terá que dizer isso?

Treinadora: Porque isso determina onde posicionar a levantadora, e, inclusive com algumas atacantes ficando fora do passe no momento da recepção do saque.

Amigo crítico: Mas deixe-as descobrirem! Se elas não chegarem nessa solução, esse poderá ser o desafio. Você provocará a equipe para pensarem juntas, da mesma forma que elas estão se organizando coletivamente para buscarem como podem, pela regra, tirar vantagens das diferentes situações (Áudio da Reunião 03).

Refletindo sobre esse aspecto, é possível identificar alguns elementos, não com a intenção de apontá-los como causas, mas talvez como possíveis influências para essas inquietações quanto à prática pedagógica. Não podemos esquecer que o modelo tradicional de ensino, embora criticado em muitos aspectos, foi (e continua sendo) amplamente utilizado, e, os(as) atuais professores(as)/treinadores(as), provavelmente, foram ensinados segundo este modelo, inclusive nos cursos de formação. Assim, como é o caso da treinadora em questão, para que possam ensinar por meio de novas abordagens, precisam ao mesmo tempo aprender a utilizá-las. E, no caso do voleibol, sem muitas referências nas quais possam se apoiar. Nesse sentido, mesmo com a convicção sobre o caminho mais adequado para o processo de ensino-aprendizagem, se faz necessária a reflexão constante sobre a prática, procurando perceber até que ponto a construção da identidade pedagógica não está sob influência de questões culturais e das experiências pessoais anteriores.

Na conversa final do treino 02, ao retomarmos verbalmente o que havíamos aprendido até o momento, uma das atletas⁴ fez uma importante consideração. Ao tomar a palavra, expressou que é muito mais difícil aprender a jogar sem compreender, e, que foi assim que ela aprendeu, sem compreender, simplesmente com as pessoas dizendo onde deveria ficar e para onde deveria ir. Muitas vezes gritando para que fosse ao encontro da bola “que era dela”. Completou dizendo que apenas agora, com a participação nos treinos de implementação do sistema 5:1 na equipe *Match Point*, estava compreendendo “os motivos das coisas”, e que isso

⁴ Essa atleta também joga voleibol em outra equipe adulta de um clube de Porto Alegre. Nessa outra equipe, ela joga na função de levantadora com o sistema tático 5:1.

estava fazendo muita diferença nas suas decisões durante o jogo (Diário de Campo 02).

Esse relato vai ao encontro das experiências pessoais que moveram a treinadora a buscar compreender o ensino do voleibol de forma diferente do tradicional. Pois, também aprendeu a jogar com o sistema 5:1 dessa forma, com seu treinador, na época, dizendo onde cada jogadora deveria se posicionar e para onde deveria ir. O mesmo observou em diversas situações em que teve oportunidade de assistir os sistemas táticos de jogo no voleibol sendo transmitidos e decorados em vez de ensinados e aprendidos (Diário de Campo 02).

O que a atleta verbalizou como “*o motivo das coisas*” pode ser considerado o ponto-chave das abordagens de ensino que visam a compreensão do jogo por parte dos(as) alunos(as)/atletas. Belli et al. (2017, p. 423) explicam que “compreender o jogo nada mais é do que entender ‘o que’ se deve fazer antes do ‘como’ fazer”. Isso, de modo que os(as) alunos(as)/atletas busquem o conhecimento por meio de um processo de solução de problemas guiados pelo próprio jogo, desenvolvendo ao mesmo tempo as intenções táticas e as habilidades técnicas necessárias para realizar as tarefas. Nesse sentido, o papel do(a) professor(a)/treinador(a) é conduzir esse processo em vez de dizer o que deve ser feito (BELLI et.al., 2017). Portanto, o importante é que se mantenha o foco no contexto do jogo, a fim de se tomar boas decisões sobre o que fazer em cada situação, buscando obter vantagens para si e criar problemas para os(as) adversários(as) (BELLI et.al., 2017).

Ainda na reflexão final do mesmo treino, emergiu outro tema que se configurou como um importante desafio a ser enfrentado ao ensinarmos voleibol por meio de jogos para compreensão tática. A saber: lidar com os reflexos do imediatismo próprio da sociedade atual. Isso, tanto no que diz respeito às expectativas das atletas quanto às da treinadora. Nesse contexto, esperar por resultados em médio e longo prazo, muitas vezes, causa a impressão de que se está percorrendo o caminho mais difícil, e que nada está dando certo. Por isso, esses momentos de reflexão são importantes para além de auxiliarem na fixação dos conhecimentos aprendidos nos treinos. Mas, também, para a compreensão de todas as pessoas envolvidas de que uma proposta de construção da aprendizagem que procura desenvolver a inteligência e a criatividade no jogo, buscando chegar à autonomia de quem aprende, leva tempo (Diário de Campo 02).

No planejamento do treino 03 (Quadro 06) seguimos com o mesmo formato dos treinos anteriores, mas, agora, com as ações da levantadora quando se encontra na posição 05.

Treino 03																		
<p>Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender as ações da levantadora quando está na zona de trás da quadra. <p>Objetivos Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora quando está na posição 05, no momento do saque da equipe, do saque da equipe adversária e com a bola em jogo. 																		
<p>Atividade 01 - Jogo 04x04</p> <ul style="list-style-type: none"> - Revisar os conteúdos vistos no treino anterior (levantadora na posição 06); - Repetir a atividade 03 do treino 01; - Manter a regra de que o levantamento deverá ser realizado na posição 02; - Realizar a próxima progressão na atividade: 4x4; - Adaptar as posições da quadra para apenas 04 posições (01, 02, 03 e 04); <div style="text-align: center; margin: 20px 0;"> <table border="1" style="border-collapse: collapse; width: 150px; height: 150px;"> <tr> <td style="width: 50px;"></td> <td style="width: 50px; text-align: center;">04</td> <td style="width: 50px;"></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">01</td> <td></td> <td style="text-align: center;">03</td> </tr> <tr> <td style="width: 50px;"></td> <td style="text-align: center;">02</td> <td style="width: 50px;"></td> </tr> <tr> <td style="border-top: 1px solid black;"></td> <td style="border-top: 1px solid black; text-align: center;">02</td> <td style="border-top: 1px solid black;"></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">03</td> <td></td> <td style="text-align: center;">01</td> </tr> <tr> <td style="width: 50px;"></td> <td style="text-align: center;">04</td> <td style="width: 50px;"></td> </tr> </table> </div> <ul style="list-style-type: none"> - Quem estiver na posição 04 deverá levantar; e sua posição de defesa será a posição 01; - No momento do saque, deverá ser respeitada a regra referente às relações entre as posições em quadra; 		04		01		03		02			02		03		01		04	
	04																	
01		03																
	02																	
	02																	
03		01																
	04																	

Atividade 02 - Jogo 06x04 com a levantadora na posição 06

- Proporcionar que as jogadoras que não estavam presentes no treino anterior vivenciem as ações da levantadora na posição 06;
- Aproveitar esse momento para a equipe relembrar o que foi visto no último treino.
- Repetir o exercício 02 do treino anterior apenas com quem não esteve presente jogando como levantadora na posição 06.

Atividade 03 - Jogo 06x04 com a levantadora na posição 05

Equipe A: 06 pessoas

Equipe B: 04 pessoas

Demais pessoas na função de observadoras

➤ Expectativas de Aprendizagem:

Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora no momento da RECEPÇÃO DO SAQUE adversário e com a bola em jogo:

- Posicionar-se próximo à rede, observando as seguintes relações: atrás de quem estiver na posição 04 e à esquerda de quem estiver na posição 06;
- Após o saque adversário, deslocar-se para a posição do levantamento (entre as posições 02 e 03);
- Após o levantamento, deslocar-se para a posição 01 para a defesa do ataque adversário;
- Será necessário que a jogadora que estiver na posição 01 assuma a posição 05 para a defesa (troque de lugar com a levantadora).

Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora no momento do SAQUE DA EQUIPE e com a bola em jogo:

- Imediatamente após o saque, deslocar-se para a posição 01 para a defesa do ataque adversário; após sacar, quem estiver na posição 01 deslocar-se para a posição 05 (trocar de lugar com a levantadora);
- Após a defesa do ataque adversário, deslocar-se para a posição de levantamento (entre as posições 02 e 03);
- Após o levantamento, deslocar-se para a posição 01 para a defesa do ataque adversário.

➤ Desenvolvimento:

O jogo ocorrerá em 02 sets até 15 pontos cada; no primeiro *set* o saque será sempre da equipe B; no segundo *set* o saque será sempre da equipe A; na equipe A, quem estiver na posição 05 usará um colete para identificação e desempenhará a função de levantadora; a cada rotação, na equipe A, quem assumir a posição 05 desempenhará a função de levantadora.

Repetir até que todas as atletas tenham jogado na equipe A e na equipe B, e tenham passado pela função de observar o jogo.

Quadro 06 – Plano do treino 03

O jogo adaptado entrou no plano novamente com a intenção de resgatar as aprendizagens do treino anterior, visto que se apresentou como uma boa estratégia para essa finalidade. No entanto, foi necessário que uma nova progressão desse jogo fosse utilizada. Em vez de 03x03, optamos pelo formato 04x04, com a intenção de reproduzirmos a situação da levantadora na posição 06, pois, desse modo, nos momentos dos saques, ela precisaria ficar posicionada atrás de uma jogadora da zona da frente da quadra e entre duas jogadoras da zona de trás da quadra (Áudio da Reunião 03).

Por estarem presentes 12 atletas no treino, foi possível formar 03 equipes com 04 pessoas cada. Por esse motivo, organizamos o jogo por disputas ponto a ponto, de forma que quem marcava o ponto permanecia em quadra e quem sofria o ponto dava lugar para a entrada da outra equipe na disputa. Essa forma de organização foi interessante porque quando as equipes estavam aguardando fora da quadra, as atletas aproveitavam para discutir entre si sobre qual seria a melhor maneira de cumprir a regra das posições em quadra e de, ao mesmo tempo, favorecer o levantamento.

No início, como a levantadora seria a jogadora que estivesse na posição 04, optaram por escondê-la próxima a linha de fundo da quadra, recuando a jogadora da posição 02 para esconder a levantadora e ajudar no passe, ou seja, não conseguiram de imediato aplicar os conhecimentos do treino anterior. Porém, quando relembramos a regra de que o levantamento deveria ocorrer na posição 02, elas perceberam que seria mais vantajoso aproximar a levantadora da rede, mesmo que isso implicasse em retirar a jogadora da posição 02 do passe. Desse modo,

percebemos novamente a importância da estratégia de retomarmos, como forma de revisão, os conteúdos do treino anterior antes de avançarmos para os objetivos específicos de cada treino (Diário de Campo 03).

Na segunda atividade do treino 03 houve necessidade de adaptação no momento da prática. Ela foi planejada para ocorrer no formato 06x04 com algumas atletas na função de observadoras. No entanto, devido à baixa temperatura naquela noite, seria muito desconfortável manter pessoas paradas fora do jogo, o que também poderia aumentar o risco de lesões, diante da perda rápida do aquecimento. Por esse mesmo motivo, novamente, mantivemos o formato 06x06 na atividade seguinte, conseqüentemente, retirando a função de algumas observadoras durante o jogo (Diário de Campo 03).

Na atividade 03, avançamos para as ações da levantadora quando está na posição 05. Dessa vez, desde o início do jogo com as equipes alternando o direito de sacar. Essa modificação na ideia original da atividade ocorreu porque as atletas não encontraram muitas dificuldades que justificassem a necessidade de realizarmos separadamente cada momento de bola parada (recepção do saque adversário e saque da equipe) (Diário de Campo 03).

Nesse treino, pela primeira vez desde o início do processo de implementação do sistema 5:1, houve uma situação de desentendimento entre as atletas de uma das equipes durante a atividade 03. Uma das atletas, que já havia jogado com o sistema 5:1 anteriormente em outra equipe, em alguns momentos, acabava querendo posicionar as atacantes como deve ser no sistema completo, não permitindo que as colegas de equipe chegassem às soluções passo a passo, e, de certa forma, tentando antecipar etapas do processo. Nessa circunstância, foi possível perceber que ela estava com dificuldade para se adaptar ao jogo que, naquele momento, não estava com as atletas posicionadas exatamente como seria o ideal. Então, como ela sabia as posições de forma decorada, em alguns momentos, tentava impor onde as companheiras deveriam se posicionar, mesmo sem compreenderem (Diário de Campo 03).

Diante do ocorrido, mesmo tendo retomado durante as atividades que o objetivo maior era que todas aprendessem a jogar compreendendo o sistema 5:1, não importando quanto tempo levaria, foi necessário dedicarmos mais tempo à conversa final do treino para tratarmos desse assunto. Nessa conversa, a atleta da equipe *Match Point* que teve mais experiências anteriores com o voleibol, e, que,

notavelmente, apresenta um excelente nível técnico, nos falou algo muito relevante. Ela relatou que desconhecia a regra referente às posições em quadra e suas relações, apesar de ter treinado voleibol em um renomado clube da cidade onde morava (no interior do RS) durante boa parte da infância, toda a adolescência e início da idade adulta. Explicou que apenas foi ensinada onde deveria ficar, mas não sabia os motivos. Contou-nos que, nos campeonatos, quando os árbitros apitavam erros de rotação, ela nunca sabia qual era o erro e o que havia acontecido. E, concluiu com um exemplo de certa vez que foi solicitada para auxiliar na arbitragem de um campeonato e não sabia cuidar as posições das jogadoras em quadra nos momentos dos saques (Diário de Campo 03).

Considerando as experiências e os conhecimentos construídos nos três primeiros treinos, e, que, já havíamos visto as ações da levantadora nas três posições da zona de trás da quadra (01, 06 e 05), passamos a discutir simultaneamente os planos dos treinos 04 (Quadro 07) e 05 (Quadro 08).

Treino 04
<p>Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender as ações da levantadora quando está na zona de trás da quadra. <p>Objetivos Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora quando está nas posições 01, 06 e 05, no momento do saque da equipe, do saque da equipe adversária e com a bola em jogo. ➤ Desenvolver a habilidade tático-técnica de realizar passes altos para a levantadora.
<p>Atividade 01 - Jogos 02x02 ou 03x03</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Expectativa de aprendizagem: <ul style="list-style-type: none"> - Recepcionar o saque com passes altos para a levantadora. - A intenção é estimular a compreensão tática de que o passe precisa ser alto para que dê tempo de realizar os deslocamentos necessários para que as jogadoras assumam suas posições de acordo com suas funções no jogo; e ao mesmo tempo desenvolver as habilidades técnicas para isso.

➤ **Desenvolvimento:**

O jogo acontecerá com uma equipe de cada lado da quadra; e ao lado de cada equipe (fora da quadra) ficará posicionado outra equipe na espera; a equipe que estiver em quadra fará a recepção do saque e sairá da quadra para que a equipe que estiver ao lado assuma a sequência da jogada (realizando o levantamento e o ataque e dando sequência ao jogo até que seja marcado o ponto);

Realizar os primeiros movimentos lançando a bola com as duas mãos para que compreendam o jogo antes de utilizar os gestos técnicos do voleibol.

Atividade 02 - Jogo 04x04

- Revisar os conteúdos vistos no treino anterior (levantadora na posição 05);
- Repetir a atividade 01 do treino 03;
- Mas agora quem estiver na posição 03 deverá levantar na posição 02 e sua posição de defesa será a posição 01;
- No momento do saque, deverá ser respeitada a regra referente às relações entre as posições em quadra.

Atividade 03 - Jogo 06x04 com a levantadora passando pelas posições 01, 06 e 05

Equipe A: 06 pessoas

Equipe B: 04 pessoas

Demais pessoas na função de observadoras, preenchendo a planilha de avaliação das ações táticas.

➤ **Expectativas de Aprendizagem:**

Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo:

- Compreender os posicionamentos e os deslocamentos da levantadora em relação às demais jogadoras quando estiver nas posições 01, 06 e 05, respeitando a regra das relações entre as posições, conforme visto nos treinos anteriores.

➤ **Desenvolvimento:**

O jogo ocorrerá em 02 sets até 25 pontos cada; no primeiro set o saque será sempre

da equipe B; no segundo set o saque será sempre da equipe A; na equipe A, as levantadoras da equipe se revezarão nessa função após passarem pelas três posições na zona de trás da quadra (01, 06 e 05); uma posição de cada vez. Depois repetir o exercício, mas com cada levantadora passando direto pelas três posições na zona de trás em sequência.

Quadro 07 – Plano do treino 04

No treino 04, mantivemos o jogo adaptado 04x04 (atividade02) para lembrarmos as ações da levantadora quando está na posição 05. Nesse treino, entendemos que não seria necessário retomarmos essas ações na situação com 06 jogadoras em quadra (como vínhamos fazendo até então), pois todas as atletas haviam estado presentes no treino anterior. Sendo assim, optamos por realizar apenas o jogo reduzido para a revisão. No entanto, percebemos que esse jogo já havia cumprido o seu papel, e que essa seria a última vez que o realizaríamos durante o processo de implementação do sistema tático 5:1. Alguns motivos para essa decisão podem ser identificados na fala abaixo:

[...] para que mude um pouco, e não fique maçante fazerem sempre o mesmo jogo. Não acho que tenhamos que agradar sempre, mas também não dá para deixar muito maçante. E também a exigência cognitiva dos treinos está bem intensa, precisamos desligar um pouco da solução do problema para conseguirem encontrar soluções melhores (Amigo crítico, Áudio da Reunião 04).

Nesse sentido, observamos alguns aspectos que diferenciam o ensino por meio dos jogos do modelo tradicional. No modelo tradicional é possível variar mais as atividades em um mesmo treino e nos diferentes treinos. Como as atividades são baseadas na repetição contínua dos gestos técnicos específicos, cada uma delas pode ser realizada de forma mais rápida, o que resulta em tempo para realizar diversas tarefas. Já na abordagem de ensino por meio dos jogos para compreensão tática, é preciso permanecer por mais tempo realizando cada atividade, e, muitas vezes, é necessário resgatar as mesmas atividades diversas vezes. Isso, porque as pessoas precisam de tempo para familiarização com as regras dos jogos adaptados e para compreenderem o que está sendo proposto. Esses fatores podem levar à ideia de que o treino tradicional é mais variado e mais dinâmico, tendo em vista que a cada treino podem ser realizadas atividades diferentes (Áudio da Reunião 04).

Com o entendimento de que seria adequado modificarmos um pouco os estímulos dos próximos treinos, precisávamos em algum momento retirar brevemente o foco do problema central dos treinos (que estava completamente direcionado para as ações em função das posições em quadra). Ao refletirmos sobre isso, percebemos que uma possibilidade seria abordarmos conteúdos tático-técnicos nos primeiros movimentos dos treinos.

Assim, passamos a criar alguns jogos com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento de habilidades necessárias ao passe para a levantadora. A escolha do passe como elemento central desses jogos foi decorrente da percepção da sua importância no sistema de jogo 5:1, que, a partir dos erros cometidos, foi discutida diversas vezes nos treinos por iniciativa das próprias atletas. Houve a conscientização de que é muito difícil jogar com o sistema tático 5:1 se a equipe não tiver um bom passe (Áudio da Reunião 04).

O primeiro jogo com a finalidade de melhorar o passe para a levantadora (atividade 01) foi elaborado com inspiração em atividades utilizadas para o ensino do tênis de campo. Por tratar-se de uma atividade nova, a única instrução dada foi que a equipe que estivesse em quadra e recepcionasse o saque adversário, após essa ação, deveria sair da quadra para a entrada da outra equipe que estivesse na espera, que deveria dar continuidade à jogada. Com isso, a intenção foi permitir que as atletas se organizassem e encontrassem por conta própria as soluções para as situações do jogo, facilitando as próprias ações com a utilização inteligente do passe.

Desse modo, as soluções encontradas foram: (a) comunicação constante para que uma equipe saísse da quadra e a outra entrasse sem que se chocassem, e, também para que as jogadoras que estivessem entrando em quadra soubessem onde deveriam se posicionar para dar continuidade ao jogo; (b) realizar passes altos para que houvesse tempo de uma equipe sair e a outra entrar em quadra; (c) realizar o passe na direção de onde a levantadora da outra equipe estivesse entrando em quadra; e (d) manter contato visual com a bola e com as adversárias constantemente, para adiantar a defesa, facilitando a execução dos passes altos o suficiente para a chegada da levantadora (Diário de Campo 04).

Durante essa atividade, acatamos uma alteração na regra do jogo que foi proposta pelas próprias atletas: a troca da equipe que recepcionava o saque pela equipe que deveria dar continuidade à jogada ocorreria a cada passe realizado e

não apenas no momento da recepção do saque. Quando o jogo foi realizado desse modo, aparentemente, ficou melhor. Isso, por tornar-se mais intenso, com as trocas acontecendo todas as vezes que a bola passava de um lado da quadra para o outro. No entanto, avaliando com mais cuidado, percebemos que a alteração realizada retirou um elemento importante do jogo, pois as equipes não precisavam permanecer atentas ao momento certo de entrar e sair da quadra. Ou seja, ao entrarem e saírem sempre da quadra, passaram a jogar “no modo automático” (Diário de campo 04).

Apesar de a treinadora ter percebido, ainda enquanto o jogo estava acontecendo, que seria melhor realizá-lo da maneira como foi elaborado originalmente, optou por não corrigir a sugestão das atletas naquele momento, por não ser algo tão prejudicial para a aprendizagem. Isso, devido ao entendimento de que deve haver cuidado para que as iniciativas das atletas não sejam tolhidas. Em momento oportuno, o jogo poderia ser realizado novamente com a regra original, sem a necessidade de dar a entender que a proposta de alteração das atletas foi ruim (Diário de Campo 04).

No que diz respeito ao objetivo principal do treino 04, elaboramos a atividade 03 com a ideia de proporcionarmos que a equipe realizasse novamente as ações da levantadora nas três posições da zona de trás da quadra, que haviam sido trabalhadas separadamente até o momento. Precisávamos ter segurança de que a equipe havia compreendido os conteúdos trabalhados até o momento, antes de avançarmos com o processo de ensino-aprendizagem para as ações da levantadora na zona da frente da quadra. Tendo em vista o tempo disponível em um único treino, e, que precisaríamos retomar três posições com a exigência de tomadas de decisões diferentes, percebemos que não seria possível que todas as atletas passassem pela função da levantadora. Para solucionarmos tal situação, priorizamos que as atletas que já eram responsáveis por essa função na equipe *Match Point* realizassem as ações da levantadora nessa atividade. Assim, realizaríamos as ações com todas as levantadoras passando primeiro pela posição 01, depois pela posição 06, e, por fim, pela posição 05 (Áudio da Reunião 04).

Nesse momento, retomariamos a estratégia de observação do jogo por parte das atletas, que havia sido deixada de lado nos treinos anteriores. Mas, dessa vez, introduziríamos um novo instrumento para complementá-la. Considerando que todas as atletas já haviam realizado as ações da levantadora quando está na zona de trás

da quadra, seriam convidadas a avaliarem o jogo por meio da observação e do preenchimento de uma ficha de avaliação das ações táticas (Apêndice C). Essa ficha foi adaptada de um exemplo sugerido por González e Bracht (2012) para a avaliação do desempenho técnico-tático individual no Basquetebol escolar. Segundo esses autores,

[...] uma forma simples de montar um instrumento de avaliação é utilizando uma lista de verificação. Consiste basicamente em uma tabela de aspectos a serem avaliados (intenções táticas ou regras de ação, por exemplo), em que se faz uma marca (“ok”, ou um “x”, segundo o comportamento do jogador, o esperado ou não, por exemplo), ou se associa uma pontuação, nota ou conceito. Seu nome em inglês é *check list*, e é entendida principalmente como uma ferramenta de constatação (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012, p. 98).

Com a ficha de avaliação, pretendíamos direcionar a atenção das atletas para o que precisava ser observado, de acordo com o que já haviam aprendido. Não se tratou de uma ficha para a avaliação do desempenho individual conforme o modelo original de González e Bracht (2012). As atletas deveriam identificar em qual posição a levantadora se encontrava em quadra, e, em seguida, assinalar as respostas sim ou não para 09 perguntas, cada vez que observassem a ocorrência de algumas ações durante o jogo, levando em consideração a equipe como um todo. As 09 perguntas abordavam os elementos táticos trabalhados até o momento no processo de implementação do sistema 5:1, e também os temas transversais que estiveram presentes nos treinos (Áudio da Reunião 04).

Algo semelhante já vinha sendo realizado com a equipe *Match Point* antes de iniciarmos a implementação do sistema tático 5:1. Nos jogos amistosos contra outras equipes, enquanto parte das atletas aguardavam no banco de reservas, realizavam anotações em uma espécie de *scout* simplificado, com poucos elementos, bastante específicos, que a equipe tinha como objetivo colocar em prática nos jogos. Nessas ocasiões, as atletas relataram que a observação e o registro dos aspectos salientados no instrumento contribuíam para que conseguissem perceber algumas situações que de dentro da quadra não conseguiam perceber. E, isso auxiliava a tomada de consciência dessas situações quando entravam em quadra, de forma que tentavam agir de acordo com o esperado quando ocorriam situações semelhantes às que haviam observado.

Nesse sentido, no treino 04, mesmo que as atletas não tenham conseguido registrar todas as situações do jogo (atividade 03) a ficha de avaliação das ações táticas contribuiu para a tomada de consciência das ações durante o jogo, além de auxiliar na identificação de algumas situações nas quais a equipe enfrentava maiores problemas.

O treino 04 foi um treino atípico, no qual o tempo que tínhamos disponível ficou bastante reduzido. Demoramos muito para começarmos em função de um assunto que as atletas precisavam conversar. No final de semana anterior ao treino, houve a festa de aniversário de uma delas, e algumas fotos foram colocadas no grupo de *Whatsapp* da equipe. As colegas que não estiveram na festa quiseram saber os detalhes do que viram nessas imagens, o que provocou muita agitação, gargalhadas e um clima de descontração geral no início do treino. Foi necessário esperar que elas conversassem e rissem o suficiente, pois, caso contrário, a concentração no treino ficaria comprometida. Provavelmente, se não tivessem esse tempo, elas conversariam durante e nos intervalos das atividades, tornando tudo ainda mais demorado (Diário de Campo 04).

Por esse legítimo motivo, não foi possível realizarmos a passagem das levantadoras pelas três posições da zona de trás da quadra, mas, apenas pela posição 01. Assim, o plano do treino 05 (Quadro 08), que já estava previamente elaborado, precisou ser modificado para darmos conta dos objetivos que não conseguimos atingir no treino 04.

Treino 05

Objetivo Geral:

- Compreender as ações da levantadora quando está na zona de trás da quadra e na zona da frente da quadra.

Objetivos específicos:

- Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora quando está nas posições 01, 06 e 05, no momento da recepção do saque da equipe adversária, do saque da equipe e com a bola em jogo.
- Compreender as funções e os deslocamentos da levantadora quando está nas posições 04, 03 e 02, no momento da recepção do saque da equipe adversária, do saque da equipe e com a bola em jogo.

<p>➤ Desenvolver a habilidade tático-técnica de realizar passes altos para a levantadora.</p>
<p>Atividade 01</p> <p>- Repetir a atividade 01 do treino 04 da maneira como foi elaborada originalmente.</p>
<p>Atividade 02 - Jogo 06x04 com a levantadora passando pelas posições 01, 06 e 05</p> <p>- Repetir a atividade 03 do treino 04;</p>
<p>Atividade 03 - Jogo 06x04 com a levantadora passando por todas as posições</p> <p>- Equipe A: 06 pessoas - Equipe B: 04 pessoas</p> <p>Demais pessoas na função de observadoras preenchendo a ficha de avaliação das ações táticas.</p> <p>➤ Expectativas de Aprendizagem:</p> <p>Compreender funções e os deslocamentos da levantadora no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo:</p> <p>- Compreender o posicionamento e os deslocamentos da levantadora em relação às demais jogadoras quando estiver nas posições da zona de trás da quadra (01, 06 e 05) e da zona da frente da quadra (02, 03 e 04), respeitando a regra das relações entre as posições, conforme visto nos treinos anteriores.</p> <p>➤ Desenvolvimento:</p> <p>O jogo ocorrerá em 02 sets até 25 pontos cada; no primeiro <i>set</i> o saque será sempre da equipe B; no segundo <i>set</i> o saque será sempre da equipe A; na equipe A, as levantadoras da equipe se revezarão nessa função após passarem por todas as posições em quadra (zonas de trás e da frente).</p>

Quadro 08 – Plano do treino 05

A primeira atividade planejada para o treino 05 foi a retomada do jogo criado para desenvolver habilidades tático-técnicas para o passe, pois não foi realizado conforme a ideia original no treino 04. Com a regra original, de que uma equipe sairia da quadra apenas após a recepção do saque adversário para que a outra

equipe assumisse a sequência da jogada, o jogo ficou menos intenso. No entanto, conforme o previsto, as atletas se mantiveram mais atentas, prestando atenção no momento em que precisavam sair ou entrar em quadra, o que favoreceu o raciocínio e as tomadas de decisões mais acertadas durante o jogo. A equipe conseguiu colocar em prática as mesmas soluções que conquistou com essa atividade no treino anterior, porém com mais qualidade (Diário de Campo 05).

Diante do imprevisto ocorrido no treino anterior, não conseguimos avançar tanto quanto gostaríamos naquele momento. Por não termos revisado todas as ações da levantadora quando está nas posições da zona de trás da quadra, tínhamos dúvidas sobre se deveríamos progredir às ações de quando esta jogadora está na zona da frente da quadra. Assim, pretendíamos retomar esses conteúdos com cada levantadora passando pelas posições 01, 06 e 05, uma de cada vez (atividade 02), para depois passarmos por essas posições em sequência e finalmente acrescentarmos as posições da zona da frente da quadra (atividade 03). Caso a equipe encontrasse muitas dificuldades, voltaríamos à atividade 02, talvez apenas progredindo para a passagem das levantadoras pelas posições 01, 06 e 05 em sequência (Áudio da reunião 04).

No entanto, ao iniciarmos o treino 05, houve uma mudança de ideia provocada pelos seguintes fatores: (a) ainda precisávamos ver as ações da levantadora nas três posições da zona da frente da quadra; (b) precisávamos acrescentar as ações das atacantes, e não sabíamos quanto tempo seria necessário para isso; (c) as atletas estavam começando a apresentar certa ansiedade para aprenderem logo quais seriam suas ações de acordo com as funções específicas no jogo, visto que estavam jogando apenas com a definição das funções da levantadora; e (d) tínhamos um prazo para finalizarmos este TCC, que apresentaria um relatório mais completo se conseguíssemos abordar o processo da implementação do sistema 5:1 por inteiro (Diário de Campo 05).

Considerando as justificativas supracitadas, decidimos arriscar e avançamos direto para a atividade 03, com a levantadora fazendo a rotação completa e em sequência, ou seja, realizando as ações de quando está nas zonas de trás e da frente da quadra. Essa mudança de plano foi dialogada entre treinadora e atletas, e coletivamente entendemos que faríamos a tentativa de avançarmos um pouco mais rápido nesse treino. Caso fosse necessário, voltaríamos ao plano inicial (Diário de Campo 05).

Para que todas as atletas permanecessem por mais tempo realizando a atividade na equipe com 06 jogadoras, modificamos o formato de 06x04 para 06x06. E por isso não preenchemos a ficha de avaliação das ações táticas nesse dia. Como as atletas presentes estavam em número de 11, pela primeira vez durante a implementação do sistema 5:1, a treinadora entrou no jogo para completar uma das equipes. Esse fator deu um ânimo diferente ao jogo, pois as atletas apreciam quando a treinadora joga junto com elas (Diário de Campo 05).

Durante o jogo, as atletas conseguiram realizar as ações da levantadora em todas as posições da quadra sem grandes dificuldades. Apesar de estar em quadra, participando do jogo, a treinadora não interferiu nas decisões das atletas, aguardando que estas indicassem onde ela deveria se posicionar nos momentos dos saques. Quando as levantadoras chegaram pela primeira vez nas posições da zona da frente da quadra (04, 03 e 02), as atletas perceberam imediatamente que, nos momentos de bola parada (recepção do saque adversário e saque da equipe), elas deveriam estar posicionadas do mesmo modo que costumavam se posicionar quando jogavam com o sistema tático 4:2. As atletas jogaram muito bem, conseguiram resolver os problemas referentes à regra das posições em quadra e suas relações, ao mesmo tempo posicionando a levantadora de forma a facilitar sua chegada ao local do levantamento (Diário de Campo 05).

Algo importante que aconteceu durante a atividade 03 foi a maneira como uma das equipes buscou solucionar o problema dos erros na recepção do saque adversário. Uma questão que, no entendimento da treinadora, atrapalhava as tomadas de decisões diante dos problemas que se apresentavam no jogo consistia em buscar realizar as ações de acordo com um ideal, um modelo padrão. Isso parecia paralisar as atletas perante as dificuldades com a recepção do saque adversário, por exemplo. Era comum em jogos contra outras equipes que elas sofressem diversos pontos seguidos de saque por insistirem na tentativa de passar a bola na mão da levantadora, resultando na perda do *set* devido ao grande distanciamento no placar. Por esse motivo, um tema transversal que vínhamos discutindo era justamente de que maneira poderíamos resolver esse problema, diante da seguinte situação:

[...] eu tenho uma sacadora com um saque difícil lá do outro lado e eu fico tentando passar a bola na mão da levantadora, mas eu não estou conseguindo. Então, o que eu vou fazer? Eu vou perder o jogo porque eu

não estou conseguindo colocar a bola na mão da levantadora? Será que é só isso que eu posso fazer para resolver esse problema? Eu preciso me livrar desse saque difícil! (Treinadora, Áudio da Reunião 05).

Uma solução encontrada pela equipe durante a atividade 03 demonstrou o entendimento de que o sistema tático de jogo está a serviço das necessidades da equipe e não o contrário. As atletas discutiram a situação e chegaram à conclusão de que, nesse momento, poderiam organizar a equipe com duas levantadoras, uma na zona de trás e outra na zona da frente da quadra. Perceberam que diante do passe ruim, poderiam de antemão responsabilizar uma segunda jogadora pelo levantamento, eliminando a dúvida sobre quem deveria assumir o levantamento caso a bola não chegasse à principal levantadora. Portanto, o que fizeram foi utilizar o sistema tático 4:2 momentaneamente para solucionar um problema específico do jogo. Ou seja, perceberam por conta própria que poderiam fazer transições entre os sistemas táticos de acordo com as demandas do jogo. Sobre essa solução, Machado (2006) ao discorrer sobre os diversos sistemas táticos ofensivos e defensivos do voleibol, afirma que cada sistema pode ser combinado com um outro, acontecendo ao mesmo tempo e rapidamente, de acordo com as situações impostas pelo próprio jogo.

Nesse primeiro bloco de treinos, a equipe *Match Point*, esteve muito empenhada em aprender o sistema 5:1. O envolvimento de cada uma das atletas em todo o processo foi extremamente importante. Ao abraçarem a ideia de que todas tinham o direito e seriam capazes de aprender, e, de que seria adequado avançarmos com uma progressão gradativa, chegaram mais rápido do que o esperado até esse momento.

Levando em consideração os acontecimentos do treino 05, entendemos que seria apropriado que nossos objetivos progredissem. Portanto, aos conhecimentos adquiridos até então, acrescentaríamos a compreensão das ações das atacantes. Os treinos que fizeram parte dessa nova etapa da implementação do sistema tático 5:1 na equipe *Match Point* foram analisados e discutidos na subseção apresentada a seguir.

5.2 SEGUNDO SET

Nesta segunda categoria de análise e discussão abordamos os conhecimentos construídos a partir dos treinos de 06 a 08, que compõem o bloco 02 (Quadro 09), com objetivos de aprendizagem voltados às ações da levantadora e das atacantes.

BLOCO 02		
Objetivos gerais de aprendizagem voltados às ações da levantadora e das atacantes: no momento da recepção do saque adversário, no momento do saque da equipe e com a bola em jogo.		
Ações das atacantes quando a levantadora está na zona de trás da quadra	Ações das atacantes quando a levantadora está nas zonas de trás e da frente da quadra	
Treino 06	Treino 07	Treino 08

Quadro 09 - Bloco 02: treinos de 06 a 08

Pelo mesmo motivo relatado na categoria anterior, partimos da apresentação dos planos dos treinos, seguida da análise e da discussão proporcionada pelo planejamento e pela prática de cada um deles.

O treino 06 (Quadro 10) deu início ao segundo bloco de treinos, no qual houve a incorporação das ações das atacantes.

Treino 06
<p>Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender as ações das atacantes quando a levantadora está na zona de trás da quadra. <p>Objetivos Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender as funções e os deslocamentos das atacantes quando a levantadora está nas posições 01, 06 e 05, no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo. ➤ Desenvolver a habilidade tático-técnica de realizar passes altos para a levantadora.

Atividade 01 – Jogo 03x03

➤ Expectativa de Aprendizagem:

- Recepcionar o saque com passes altos para a levantadora.

➤ Desenvolvimento:

As levantadoras de cada equipe ficarão fora da quadra em locais marcados com cones (com a mão no cone), e poderão deslocar-se para realizar o levantamento apenas após o saque;

Variar os locais dos cones, afastando progressivamente do local onde o levantamento será realizado.

Adaptar as dimensões da quadra para ficar maior em profundidade.

Atividade 02 - Jogo 6x6

➤ Expectativas de Aprendizagem:

Compreender as funções e os deslocamentos das atacantes quando a levantadora está nas posições 01, 06 e 05, no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo:

- Conseguir posicionar toda a equipe quando a levantadora estiver nas posições 01, 06 e 05, respeitando a regra das relações entre as posições, e posicionando cada jogadora de forma que favoreça seu deslocamento de acordo com sua função no jogo, conforme visto nos treinos anteriores (especificamente para a levantadora).

- Realizar as trocas de posições necessárias para que cada jogadora possa desempenhar a sua função em quadra.

➤ Desenvolvimento:

- Serão definidas as funções de cada jogadora (levantadora, oposta, 02 pontas e 02 centrais);

- Serão utilizados coletes para identificar as funções neste primeiro momento;

- Será realizada a rotação apenas com a levantadora passando pela sequência das posições 01, 06 e 05, ou seja, com a necessidade de infiltração da levantadora para realizar o levantamento;

- Definir os locais de atuação de cada jogadora de acordo com suas funções que serão vistas no treino; isso determinará as trocas de posições que serão necessárias;

- Posicionar primeiro a levantadora (por ser o que a equipe já sabe fazer) e solucionar a posição de cada uma das atacantes de acordo com a regra das posições em quadra e com a proximidade ao local correspondente à sua função no jogo.

***Funções e locais de atuação das jogadoras quando a levantadora está na zona de trás da quadra:**

- Levantadora: levanta entre as posições 02 e 03; defende na posição 01
- Oposta: ataca e bloqueia na posição 02
- Central (frente): ataca e bloqueia na posição 03
- Central (trás) ou Líbero: defende na posição 05
- Ponta (frente): ataca e bloqueia na posição 04
- Ponta (trás): ataca e defende na posição 06

*simplificação para fins didáticos: não estão considerados bloqueios duplos ou triplos, coberturas de ataque e de bloqueio, e outras situações de jogo que serão trabalhadas com a equipe posteriormente.

Quadro 10 – Plano do treino 06

Continuamos com as atividades iniciais dos treinos desse segundo bloco voltadas para o desenvolvimento de habilidades tático-técnicas relacionadas ao passe. Para o treino 06 criamos um jogo (atividade 01) no qual o aumento progressivo da distância que a levantadora deveria percorrer para efetuar o levantamento visava induzir a compreensão de que quanto mais longe ela estivesse da rede, mais alto deveria ser o passe. As dimensões da quadra foram reduzidas de forma que ficasse maior em profundidade, objetivando enfatizar os deslocamentos das jogadoras para frente e para trás no momento do passe.

Nesse jogo, dentre outros aspectos, as atletas perceberam a importância de ajustar a altura do passe de acordo com a posição da levantadora no momento do saque adversário, de modo que, quanto maior fosse a distância a percorrer, maior seria a necessidade de passes altos. Além disso, perceberam que quando a levantadora estivesse mais afastada do local do levantamento, o passe não precisaria ser entregue muito próximo à rede, facilitando, assim, sua chegada à bola.

Essa constatação foi obtida mediante um exagero proposital da distância em que o cone foi colocado em certo momento da atividade. Diante dessa aprendizagem, discutimos novamente a ideia de criarmos as estratégias adequadas para a nossa realidade, em vez de ficarmos fixadas ao modelo do alto rendimento, no qual a levantadora sempre consegue chegar à posição ideal para o levantamento (Diário de Campo 06).

Ainda na atividade 01, com essas palavras, as atletas questionaram por que os jogos com menos pessoas em quadra eram melhores do que os jogos com as 06 pessoas em quadra. Isso, porque observavam que conseguiam jogar melhor e compreender melhor o jogo quando havia menos pessoas em quadra. Após essa colocação por parte das atletas, a treinadora devolveu a seguinte pergunta: “por que vocês acham que isso acontece?” (Treinadora, Diário de Campo 06). Esse momento foi assim registrado em diário de campo:

Perguntei por que elas acreditavam que acontecia isso, ao que responderam: têm menos coisas para cuidar e pensar ao mesmo tempo; menos opções para a levantadora escolher; não fica a dúvida sobre quem deve ir na bola; menos pessoas em quadra conseguem se comunicar melhor e decidir o que fazer para solucionar os problemas que surgem (ou seja, facilita a tomada de decisões) (Diário de Campo 06).

Conversamos sobre a importância de transferirmos essas aprendizagens, essas soluções, para o contexto do jogo formal, pois esse é o objetivo dos jogos adaptados para o ensino dos esportes, facilitar o jogo para que os praticantes compreendam princípios que devem ser utilizados no jogo formal.

Algumas características dos jogos adaptados como recursos pedagógicos para o ensino do voleibol são destacadas na literatura: (a) modificações nas dimensões da quadra em relação às recomendações oficiais; (b) redução do número de jogadores(as) em quadra, permitindo que entrem em contato com a bola por mais vezes; (c) regras adaptadas de acordo com as habilidades dos(as) jogadores(as) e com os objetivos de aprendizagem; (d) proporcionam prazer e êxito no jogo; e (e) estimulam situações coletivas que são exigidas no jogo formal (SANTINI; LIMA, 2008; MACHADO, 2006; MESQUITA, 2017).

Considerando que, a partir desse momento, iniciáramos o processo de definição das ações de todas as jogadoras em quadra de acordo com suas funções no jogo (levantadora e atacantes), entendemos que duas atividades por treino

seriam um bom número. Portanto, do treino 06 em diante, seguiríamos o formato de uma primeira atividade voltada para habilidades tático-técnicas relativas ao passe, seguida de apenas uma atividade focada na compreensão das posições em quadra e dos deslocamentos necessários para que cada jogadora desempenhasse sua função no jogo (Áudio da Reunião 05).

Para compreendermos de que maneira poderíamos conduzir a segunda atividade, foi preciso discutir todas as ações das atacantes em quadra. Colocamos em cheque a ideia que havíamos formulado em outra reunião, de introduzirmos as ações de todas as atacantes ao mesmo tempo. Essa decisão havia sido tomada em função da interdependência existente entre as posições onde deveriam permanecer as diversas atacantes no momento da recepção do saque da equipe adversária. Confrontamos essa ideia com a tentativa de criação de alguma alternativa para fazermos essa transição de forma gradativa, como vínhamos fazendo até então. Mas, chegamos à conclusão de que não seria possível (Áudio da Reunião 05).

Essa necessidade de discutirmos as estratégias pedagógicas adequadas ao que desejávamos ensinar foi uma constante em todo o processo de implementação do sistema tático 5:1. O planejamento dos treinos desse segundo bloco ilustra muito bem de que forma chegávamos às decisões metodológicas utilizadas para os fins que desejávamos:

Treinadora: Nesse momento estou com uma dúvida, entre deixar que elas cheguem a todas as soluções por conta própria, ou, se, em função da grande quantidade de elementos, é melhor já dar algumas dicas desde o início da atividade [...] porque eu não acho que elas não vão conseguir fazer os deslocamentos, pelo contrário, acho que isso será fácil. Mas, acho que elas terão dificuldades para identificarem as posições em quadra no momento da recepção do saque adversário.

Amigo Crítico: Então você acha que elas terão dificuldades para chegar às soluções dos problemas e não para executar essas soluções.

Treinadora: Sim, estou pensando isso.

Amigo Crítico: Então, primeiro tente questioná-las para ver se elas responderão isso. Se elas não responderem, você terá que dizer.

[...]

Amigo Crítico: O que você pode fazer é mudar a bola. Você pode pegar uma bola daquelas grandes e leves. Elas não farão os gestos técnicos do voleibol, mas o jogo ficará lento, de forma que elas consigam se organizar nos espaços com mais tempo. Não sei o quanto ficaria infantil para elas. Mas essa pode ser uma alternativa.

Treinadora: Então deixarei isso como uma carta na manga. Porque estou imaginando que teremos esses problemas, mas, daqui a pouco não teremos... Posso estar enganada. Elas conseguiram compreender as ações da levantadora com muito mais facilidade do que eu esperava (Áudio da Reunião 05).

No trecho do diálogo supracitado, discutíamos uma das estratégias pedagógicas que vínhamos utilizando até o momento, tentando buscar alternativas para adaptá-la a uma possível situação problema. Até então, a treinadora estabelecia uma regra inicial para o jogo e deixava as coisas acontecerem, intervindo com perguntas a partir dos problemas emergentes do próprio jogo. Mas, nesse momento, precisariam ser introduzidas muitas ações ao mesmo tempo. Assim, discutíamos que talvez fosse necessário já iniciarmos o jogo com as seguintes dicas: (a) explicação mais detalhada das funções de cada atacante no jogo; e (b) instrução de que no momento do saque adversário, além de posicionar as jogadoras de acordo com a regra das relações entre as posições em quadra, também é preciso posicionar cada jogadora o mais próximo possível do seu local de atuação com a bola em jogo (Diário de Campo 06).

A estratégia cogitada para diminuirmos a velocidade do jogo foi pensada em função de percebermos que não seria possível facilitar a compreensão das atletas reduzindo o número de participantes em quadra. A intenção seria de tornar o jogo mais lento para que houvesse mais tempo para os raciocínios e as tomadas de decisões das atletas com a bola em jogo. No entanto, essa estratégia não precisou ser utilizada.

O próximo passo da elaboração da atividade 02 foi definirmos por onde seria mais adequado começarmos. A decisão tomada foi por retornarmos às ações das jogadoras apenas quando a levantadora está na zona de trás da quadra, porém, agora acrescentando as ações das atacantes. O sucesso dessa estratégia no primeiro bloco de treinos nos indicou que ela deveria ser mantida no segundo bloco.

Antes de iniciarmos o jogo, conversamos sobre as funções e os locais em quadra que a equipe já conhecia do sistema tático 4:2. Então, chegamos ao desafio de solucionarmos o que se apresenta como uma das diferenças entre os dois sistemas (4:2 e 5:1): a introdução da jogadora oposta (já que não havia uma segunda levantadora em quadra, e a jogadora oposta assumiria esse lugar em quadra, com algumas funções similares e outras diferentes das funções da levantadora). Consideramos importante nesse primeiro momento identificarmos as

jogadoras segundo as suas diagonais em quadra, com coletes da mesma cor para indicar as mesmas funções, ou seja, as duas jogadoras de ponta vestiram coletes amarelos, as duas jogadoras de meio de rede vestiram coletes verdes, e a levantadora e a oposta não vestiram coletes (justamente porque não fariam exatamente as mesmas ações) (Diário de Campo 06).

Assim, realizamos o jogo com a levantadora iniciando na posição 01, e seguindo a rotação, passando pelas posições 01, 06 e 05 em sequência, com todas as atacantes desempenhando seus papéis no jogo. Ao completarmos essa passagem da levantadora pelas três posições da zona de trás da quadra, voltávamos à levantadora na posição 01. As próprias atletas perceberam que para voltarmos a levantadora para a posição 01, bastava que ela trocasse de função com a jogadora oposta quando esta última chegasse à posição 01. Ou seja, quem estava jogando como levantadora passaria a jogar como oposta e vice-versa. Assim, mesmo sem essa intenção, elas propuseram algo com o mesmo princípio com o qual, em nível mais avançado de jogo, se realiza a chamada inversão do 5:1⁵. Esse modo de organizar a atividade foi bastante positivo, também porque proporcionou que as demais jogadoras, que estavam nas funções de ponta e de meio de rede, jogassem sempre na rede com três atacantes e com a levantadora infiltrando (que são diferenças importantes em relação ao sistema tático 4:2) (Diário de Campo 06).

Novamente, a qualidade tático-técnica do jogo caiu, e os temas transversais foram deixados momentaneamente de lado, pois o foco estava completamente direcionado para a compreensão das ações da levantadora e das atacantes no sistema 5:1, ou seja, nas posições que deveriam ficar no momento do saque e nas trocas de posições devido às suas funções no jogo. Isso já era esperado, visto que também ocorreu em alguns momentos do primeiro bloco de treinos, quando a complexidade das ações aumentava. Porém, mesmo assim, retomamos os objetivos do treino diversas vezes, enfatizando que o foco estava na compreensão das ações e não na qualidade do jogo, e, que, portanto, outras questões seriam retomadas mais adiante (Diário de Campo 06).

⁵ A inversão do 5:1 consiste em uma substituição simultânea da levantadora e a da oposta de modo que as jogadoras substitutas entram em quadra com as posições invertidas. Uma oposta entra no lugar da levantadora que estava na zona da frente da quadra, e uma levantadora entra no lugar da oposta que estava na zona de trás da quadra. Essa manobra é realizada para manter três atacantes na rede em um momento que a equipe ficaria com apenas duas atacantes na rede. Os objetivos podem ser ofensivos (aumentar o potencial de ataque) ou defensivos (aumentar a estatura do bloqueio).

Ao final do treino, a equipe havia atingido os objetivos propostos. Compreenderam o que cada jogadora precisava fazer e conseguiram agir de forma autônoma. As próprias atletas buscaram as soluções para os problemas entre si, com a treinadora no papel de mediadora das discussões apenas quando se fez necessário. Após o *feedback* das jogadoras, de que se sentiam seguras para avançarmos, acordamos que no treino 07 (Quadro 11) tentaríamos realizar a rotação completa da levantadora com todas as atacantes desempenhando as suas funções.

Treino 07
<p>Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender as ações das atacantes quando a levantadora está na zona de trás da quadra e na zona da frente da quadra. <p>Objetivos Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Compreender as funções e os deslocamentos das atacantes quando a levantadora está nas posições 01, 06 e 05, no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo. ➤ Compreender as funções e os deslocamentos das atacantes quando a levantadora está nas posições 04, 03 e 02, no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo. ➤ Desenvolver a habilidade tático-técnica de realizar passes altos para a levantadora.
<p>Atividade 01 - Jogos 02x02 ou 03x03</p> <p>Repetir a atividade 01 do treino 06; Adaptar as dimensões da quadra para ficar maior na largura.</p>
<p>Atividade 02 - Jogo 06x06</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Expectativas de Aprendizagem <p>Compreender as funções e os deslocamentos das atacantes quando a levantadora estiver em todas as posições da quadra, no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo:</p> <p>- Conseguir posicionar toda a equipe quando a levantadora estiver em todas as</p>

posições da quadra, respeitando a regra das relações entre as posições, e posicionando cada jogadora de forma que favoreça seu deslocamento de acordo com sua função no jogo, conforme visto nos treinos anteriores.

- Realizar as trocas de posições necessárias para que cada jogadora possa desempenhar a sua função em quadra.

➤ **Desenvolvimento**

- Será realizada a rotação com a levantadora passando pela sequência de todas as posições em quadra;

- Retomar as funções e os locais de atuação de cada jogadora conforme visto no treino 06; isso determinará as trocas de posições que serão necessárias (agora com a levantadora em todas as posições);

- Posicionar primeiro a levantadora (por ser o que a equipe já sabe fazer) e solucionar a posição de cada uma das outras jogadoras de acordo com a regra das posições em quadra e com a proximidade ao local de jogo.

***Funções e locais de atuação das jogadoras quando a levantadora está na zona de trás da quadra:**

- Levantadora: levanta entre as posições 02 e 03; defende na posição 01

- Oposta: ataca e bloqueia na posição 02

- Central (frente): ataca e bloqueia na posição 03

- Central (trás) ou Líbero: defende na posição 05

- Ponta (rede): ataca e bloqueia na posição 04

- Ponta(trás): ataca e defende na posição 06

***Funções e locais de atuação das jogadoras quando a levantadora está na zona da frente da quadra:**

- Levantadora: levanta entre as posições 02 e 03; bloqueia na posição 02

- Oposta: ataca e defende na posição 01

- Central (rede): ataca e bloqueia na posição 03

- Central (trás) ou líbero: defende na posição 05

- Ponta (rede): ataca e bloqueia na posição 04

- Ponta (trás): ataca e defende na posição 06

*simplificação para fins didáticos: não estão considerados bloqueios duplos ou triplos, coberturas de ataque e de bloqueio, e outras situações de jogo que serão trabalhadas com a equipe posteriormente.

Quadro 11 – Plano do treino 07

A primeira atividade do treino 07 foi uma variação do primeiro jogo realizado no treino anterior. A ideia foi modificar as dimensões da quadra de forma que ficasse maior em largura do que em profundidade, a fim de estimular os deslocamentos laterais nas ações relativas ao passe (recepção do saque e defesa do ataque adversário).

O início desse jogo foi bastante confuso, apesar de ter o mesmo princípio operacional do outro jogo realizado sem maiores problemas. O que imaginávamos que seria uma simples modificação no espaço de jogo, com necessidade de ajustes apenas nos deslocamentos necessários para realizar os passes, resultou em um desafio maior do que o esperado. Quanto ao ocorrido, houve o seguinte diálogo:

Amigo Crítico: Sobre esse aspecto que você comentou, então talvez seja bem pertinente sempre fazer alterações nos mesmos jogos. Fazer o mesmo jogo em espaços diferentes, para que elas comecem a se adaptar pela lógica do jogo.

Treinadora: Pois é. Eu não entendi o que aconteceu. Porque era para fazer a mesma coisa. Claro que um pouco mais difícil porque tinha mais espaço. Só que mais difícil em função de ter que se deslocar mais para conseguir fazer a recepção, não por ter mudado o que deveriam fazer (Áudio da Reunião 06).

Em análise posterior, percebemos que um provável motivo para a dificuldade apresentada pode ter sido o fato de (por ser o mesmo jogo) as atletas tentarem simplesmente repetir as mesmas decisões táticas aplicadas anteriormente. No entanto, essas decisões foram aplicadas ao jogo em uma quadra estreita e profunda, e não poderiam ser as mesmas para uma quadra larga e curta. Com essa constatação, consolidamos ainda mais a compreensão da importância de variarmos os espaços para um mesmo jogo. Com essas mudanças de estímulos, as escolhas táticas estabelecidas para determinada situação são desacomodadas e percebidas como inadequadas para situação diferente daquela. Por isso a importância de

estimularmos a inteligência tática das atletas, já que no voleibol as situações de jogo variam constantemente ao longo de toda a partida, conforme salientado por Borges e Diniz (2014).

Diante dessa dificuldade, paramos o jogo para conversarmos sobre o que estava acontecendo e sobre quais seriam as possíveis soluções. Cada grupo discutiu como se organizaria em função do novo espaço de jogo, e definiu quem se responsabilizaria por qual setor da quadra. Após um bom tempo de diálogo, voltamos ao jogo, que começou a fluir melhor. Esse tipo de situação evidencia a importância da reflexão sobre o jogo, da necessidade das atletas dialogarem enquanto jogam, e, do papel da treinadora de induzi-las a encontrarem o foco do problema que está acontecendo naquele momento. Pois, muitas vezes, as atletas percebem que algo não está bem, mas não conseguem identificar qual o motivo para corrigi-lo adequadamente.

Algo interessante aconteceu no início da atividade 02. No momento da explicação dos objetivos da atividade,

[...] lembrei que o foco seria aprender as posições em quadra. Então, pedi que as atletas que já sabiam jogar o 5:1 tivessem um pouco mais de paciência com as outras que estão aprendendo agora, porque acabaria sendo um treino bem conversado. Falei isso para que, desde o início, elas soubessem que naquele momento o foco não seria jogar bem, mas seria jogar para entender. Em função disso, teríamos que parar o jogo muitas vezes, porque eu queria me certificar de que todas estivessem entendendo. Então, eu pedi que a qualquer momento que elas não entendessem alguma coisa que estivesse acontecendo, parassem o jogo e perguntassem, para resolvermos e não deixarmos dúvidas (Treinadora, Áudio da Reunião 06).

Após essa fala, novamente a atleta da equipe *Match Point* que também atua como levantadora em outra equipe, e joga com o sistema 5:1 há muito tempo, disse que também estava aprendendo naquele momento. Mais uma vez, fez questão de enfatizar que não compreendia como funcionava o sistema 5:1, pois jogava a partir do que havia decorado. Essa fala foi compartilhada pelas demais atletas que estavam presentes e já haviam jogado em outras equipes.

A repetição desses relatos contribui para refletirmos sobre o modo como o voleibol tem sido ensinado nos diversos contextos. Pois,

[...] eu pensava que talvez fosse algo da minha experiência. Mas, as minhas alunas que já jogavam 5:1, e aprenderam em vários lugares diferentes, também nunca tiveram uma explicação detalhada sobre os sistemas táticos de jogo, e afirmam que haviam decorado. Então, fiquei pensando sobre isso. Porque nas equipes que eu já joguei, era comum chegarem pessoas

novas, com muita experiência e nível técnico muito bom, mas que não sabiam jogar em qualquer posição, porque não entendiam muito bem as posições em quadra e as movimentações. Elas já chegavam dizendo que só sabiam jogar em determinada função, e pedindo para não serem colocadas em outra (Treinadora, Áudio da Reunião 06).

Quanto à realização do jogo, não foi necessário identificarmos as jogadoras com coletes de acordo com suas funções, como havíamos feito no treino anterior. As atletas conseguiram se organizar sem a necessidade de muitas intervenções sobre o sistema propriamente. Conseguiram realizar a rotação completa, com a levantadora e as atacantes passando em sequência por todas as posições das zonas de trás e da frente da quadra. As perguntas que fizeram foram mais relacionadas a questões da defesa e do posicionamento do bloqueio, além de outras questões que não eram o nosso foco naquele momento. Quanto a posicionar as jogadoras em quadra para recepção do saque adversário não tiveram dificuldades. Também conseguiram realizar as trocas de posições necessárias ao desempenho das funções das atacantes (Diário de Campo 07).

Na conversa final, durante a habitual avaliação coletiva da aprendizagem, com a finalidade de encaminharmos o próximo passo do processo de implementação do sistema tático 5:1, houve outra manifestação importante por parte de uma das atletas. Essa atleta tem mais de 60 anos de idade, e chegou recentemente à equipe *Match Point*. Ela já havia jogado voleibol anteriormente, na função de levantadora. Ela admitiu que quando começamos o processo de implementação do sistema 5:1, pensou que não daria certo, e que ela não seria capaz de aprender a jogar nas outras posições, pois havia jogado apenas como levantadora por 18 anos. Devido a uma fratura no tornozelo, havia se afastado do esporte por muito tempo. Em uma tentativa frustrada de voltar a jogar, foi colocada para atuar na função de líbero, e, segundo ela, não teve êxito. Após nos contar um pouco da sua história com o voleibol, o treino 07 foi encerrado com as seguintes frases ditas por ela: *“agora eu vi que nunca é tarde para aprendermos coisas novas. Hoje eu joguei de oposta, e agora eu sei jogar em qualquer posição”* (Atleta da equipe *Match Point*, Diário de Campo 07).

Diante dessa fala, podemos refletir sobre a importância de identificarmos e compreendermos os objetivos que temos com o ensino do voleibol no contexto de iniciação esportiva tardia. Esse exemplo ilustra que diversos aspectos estão envolvidos, e que não se trata apenas do processo de ensino-aprendizagem da

tática e da técnica esportiva. Ao ensinarmos, estamos lidando com pessoas que carregam suas histórias de vida. Por isso, é fundamental encararmos com seriedade o fato de que estamos lidando com a oportunidade das pessoas de acessarem ao esporte enquanto parte da cultura, e, com as consequências que essa participação pode ter em termos de autoestima e de outros sentimentos humanos.

González e Bracht (2012) enfatizam que o acesso ao esporte, dentre outros direitos sociais, proporciona que as pessoas possam exercer a cidadania plenamente. Porém, esse acesso não pode ser apenas no sentido de aprender a praticar, mas também de compreender profundamente esse fenômeno. Por essa razão, a primeira questão que os professores(as)/treinadores(as) esportivos devem considerar para estruturar o ensino é: 'para que' ou 'por que' ensinar? As respostas para essa pergunta são fundamentais para se pensar o ensino dos esportes em qualquer contexto, ou seja, as justificativas para o ensino encaminharão as escolhas sobre os conteúdos que serão ensinados e dos métodos que serão utilizados para isso (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

O treino 08 (Quadro 12) foi o último treino do processo de implementação do sistema tático 5:1 na equipe *Match Point* considerado para fins de registro na presente pesquisa.

Treino 08
<p>Objetivo Geral:</p> <ul style="list-style-type: none">➤ Compreender as ações das atacantes quando a levantadora está na zona de trás da quadra e na zona da frente da quadra. <p>Objetivos Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none">➤ Compreender as funções e os deslocamentos das atacantes quando a levantadora está nas posições 01, 06 e 05, no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo.➤ Compreender as funções e os deslocamentos das atacantes quando a levantadora está nas posições 04, 03 e 02, no momento da recepção do saque adversário, do saque da equipe e com a bola em jogo.➤ Desenvolver a habilidade tático-técnica de realizar passes altos para a levantadora.

Atividade 01 - Jogo 03x03 mais a levantadora compartilhada

➤ Expectativas de Aprendizagem

- Recepcionar o saque com passes altos para a levantadora

➤ Desenvolvimento

As duas equipes terão a mesma levantadora, que deverá levantar para os dois lados alternadamente, passando para a outra quadra por baixo da rede a cada levantamento realizado.

Atividade 02 - Jogo 06x06

➤ Expectativas de Aprendizagem

- Jogar voleibol com o sistema tático 5:1 sem necessidade de intervenção da treinadora.

➤ Desenvolvimento

Inicialmente cada jogadora desempenhará a sua função no jogo; se não houver dificuldades com o posicionamento e com as trocas, serão desafiadas a jogar em outras posições; dessa forma, pretendo verificar se conseguirão jogar sem a necessidade de intervenções da minha parte, o que indicará se aprenderam o sistema e conseguem jogar de forma autônoma.

Quadro 12 – Plano do treino 08

Na atividade inicial, todas as atletas passaram pela função de levantadora. Algumas considerações foram feitas pelas atletas durante esse jogo: (a) foi fundamental que os passes fossem altos para dar tempo da levantadora se posicionar na outra equipe; (b) foi necessário cuidado com o movimento da manchete, que precisou ser bem executado para o controle da altura do passe; (c) foi importante que a levantadora se deslocasse para a outra quadra imediatamente após realizar o levantamento, o que também é importante no jogo formal (que ela se desloque rapidamente após cada ação). Novamente, foi possível perceber que nos jogos adaptados as atletas acabam aprendendo muito mais do que o objetivo proposto previamente (Diário de Campo 08).

Podemos dizer que a segunda atividade do treino 08 foi planejada para atingir a culminância do processo de implementação do sistema tático 5:1. Seria o

momento de colocarmos em cheque se a equipe aprendeu a jogar com esse sistema de jogo de forma autônoma. Para isso, acordamos que não haveria nenhum tipo de intervenção por parte da treinadora nesse jogo. A proposta seria que cada atleta jogasse um primeiro *set* na sua função original, e, nos sets seguintes todas experimentassem jogar em diferentes funções (Áudio da Reunião 06).

Assim, houve um primeiro *set* com as jogadoras nas suas funções de origem, um segundo e um terceiro sets desempenhando outras funções. No quarto e último set, a treinadora perguntou se as atletas gostariam de terminar jogando novamente nas suas posições originais, ao que responderam que não. Elas afirmaram que estava sendo importante experimentarem e entenderem as outras funções, e que se sentiam confiantes para isso (Diário de Campo 08).

Em alguns momentos as atletas se atrapalharam um pouco com a posição na qual deveriam estar no momento da recepção do saque adversário, mas conseguiram resolver conversando entre si, sem a necessidade de intervenção da treinadora. Assim, consideramos que o objetivo do processo de implementação foi atingido, pois todas as atletas da equipe *Match Point* compreenderam a organização e as ações de todas as jogadoras no sistema tático 5:1.

Porém, “o jogo” não terminou com a “conversão desse ponto”. Esse foi apenas o começo da “partida”. Há outros elementos que precisarão de mais tempo para ser aprimorados, e, uma das estratégias que utilizaremos para isso será uma sequência de jogos amistosos e de participações em campeonatos, para que a equipe exercite o que tem aprendido e continue aprendendo em diferentes situações.

5.3 MAIS DO QUE VOLEIBOL

As questões aqui apresentadas estão em uma nova subseção apenas para fins de organização textual, pois fizeram (e fazem) parte da atmosfera dos treinos da equipe *Match Point* constantemente, não se tratando, portanto, de elementos completamente separados dos aspectos tático-técnicos abordados nas categorias anteriores.

O contexto dos treinos, e, portanto, da prática pedagógica, é atravessado por questões que envolvem mais do que as aprendizagens específicas da modalidade esportiva voleibol. Por esse motivo, as participantes atuam em um constante

movimento de busca por compreender e conciliar situações difíceis que se apresentam. Por consequência, há um árduo esforço por desenvolver a identidade do grupo, ao mesmo tempo em que sempre há novas pessoas chegando e outras se despedindo.

Nesse sentido, um primeiro desafio que a equipe *Match Point* enfrenta é manter-se com um número suficiente de atletas que compartilhem os mesmos objetivos. Retomando algo dito anteriormente, a equipe foi formada para participar de um campeonato vinculado à APM da escola, e, a partir disso, houve o desejo de ampliar a participação para outras competições. No entanto, o que mantém o apoio da escola e o fornecimento da estrutura para os treinos é a participação nos Jogos das APMs, que ocorrem apenas uma vez por ano. Conforme o regulamento dessa competição, para que possam participar dos jogos as atletas precisam, obrigatoriamente, ter vínculo com a APM da escola, o que reduz bastante o número de pessoas aptas a participar. E, dentre essas pessoas, nem todas têm interesse em participar de outras competições.

Essa limitação, algumas vezes, quase inviabilizou que a equipe se mantivesse treinando com o objetivo de ampliar sua participação para outras competições. Assim, houve a necessidade de que algumas regras do grupo fossem discutidas e modificadas. Uma das soluções encontradas foi a recente abertura para participação de pessoas convidadas pelas atletas, e que não possuem vínculo com a APM da escola. Essas pessoas passaram a fazer parte da equipe, participando dos treinos e dos campeonatos, com exceção dos Jogos das APMs. Essa flexibilização para atrair novas atletas demanda constante negociação com a equipe diretiva, que, tradicionalmente, mantém uma postura fechada em relação à participação de pessoas de fora nas atividades que acontecem na escola.

Outro desafio que a equipe *Match Point* enfrenta se deve ao simples fato de ser composta por mulheres. Essa realidade pode ser observada ao analisarmos os documentos referentes à participação nos Jogos das APMs. Até que a equipe participasse desses jogos pela primeira vez, em 2014, apenas os homens vinculados à APM da escola participavam. Os jogos são realizados há 28 anos, dos quais a participação de mulheres da APM da escola em questão ocorreu apenas nas últimas 05 edições. Nesse ano de 2018, a equipe participou com apenas 08 atletas, o que foi bem difícil, devido a vários jogos em um mesmo dia, praticamente sem banco de reservas para revezar.

Essa situação corrobora as afirmações de Goellner (2005) quando tematiza a história da participação esportiva da mulher no Brasil. Segundo a autora, tem sido crescente a presença feminina nos esportes no país. No entanto, isso precisa ser avaliado com cautela, pois,

[...] em que pesem as comemorações e as referências a essa conquista, vale ressaltar que nem sempre foram – e algumas vezes ainda não são – iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparadas às dos homens, no campo das práticas corporais e esportivas, sejam elas no esporte de rendimento, no lazer, na educação física escolar, na visibilidade conferida pela mídia, nos valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, entre outras (GOELLNER, 2005, p.86).

Mesmo com alguns avanços, o campo de atuação para as mulheres no esporte ainda é muito restrito, seja como praticantes das diversas modalidades, como espectadoras em estádios e ginásios, como integrantes das equipes técnicas, ou como gestoras esportivas. Na edição de 2018 dos Jogos das APMs ao compararmos o número de equipes participantes das diferentes modalidades (voleibol, futsal e futebol de campo) verificamos que havia 27 equipes masculinas, 09 femininas e 03 mistas. Sendo que as mulheres participaram apenas na modalidade voleibol (feminino e misto).

Convém lembrarmos que, até meados do século XIX, “a estrutura extremamente conservadora da sociedade brasileira não permitia às mulheres grande participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães” (GOELLNER, 2005, p.88). Assim, a participação das mulheres em eventos esportivos ficava restrita a assistir e acompanhar os maridos. Embora essa realidade venha se modificando ao longo da história, não significa que preconceitos quanto à participação feminina não mais existam (GOELLNER, 2005).

Para as atletas da equipe *Match Point* não é uma tarefa fácil conciliar a participação esportiva com todas as demandas da vida. Essas mulheres se desdobram entre as tarefas decorrentes de serem mães, filhas, irmãs, esposas, namoradas, amigas, cuidadoras, profissionais, estudantes, cidadãs... Todas essas faces de serem mulheres demandam constantes negociações para que possam estar presentes a cada treino e/ou campeonato, principalmente no que se refere aos seus relacionamentos com seus companheiros e filhos.

Diante disso, a importância de fazerem parte da equipe de voleibol extrapola os limites de aprender os elementos tático-técnicos que viabilizam essa participação. A amizade que vêm construindo amplia suas possibilidades de lazer, de apoio mútuo em diferentes esferas da vida, enfim, de participação social por escolha e não por obrigação. Por esse motivo, considerando todos os aspectos envolvidos no contexto da prática pedagógica que ocorre junto a essa equipe, se faz fundamental equilibrar o ensino dos elementos tático-técnicos com a importância de outras necessidades que essas mulheres precisam suprir no mesmo ambiente.

Durante os treinos do processo de implementação do sistema tático 5:1, que foi abordado nas duas categorias de análise e discussão anteriores, alguns acontecimentos evidenciaram essas necessidades, e também foram tratados nas reuniões de discussão e planejamento. Um exemplo pode ser observado nesse diálogo em função de situação ocorrida no treino 04:

Amigo Crítico: Como você está trabalhando com a iniciação tardia, em um grupo de mulheres, essas adequações precisam acontecer, porque elas estão lá muito mais do que para jogar voleibol. Então, às vezes, terão esses momentos, porque aquele é o momento delas. Então, acho que esse dado é relevante, para mostrar que é muito mais do que os elementos tático-técnicos. Bom, estamos analisando o tático-técnico e você não conseguiu avançar como você gostaria, mas acho que é importante essa sua percepção, delas terem essa necessidade. Eu acho que vale a pena isso aparecer na discussão em algum momento.

Treinadora: Sim. Na verdade, isso é o que mantém o grupo. Porque em função delas terem se conhecido no vôlei e de treinarem e jogarem juntas toda semana, elas acabam fazendo outras coisas juntas também, acabam saindo juntas e fazendo outras coisas. E algumas delas têm os filhos da mesma idade, e acabam criando subgrupos em função do momento da vida em que estão. Então, essas necessidades, elas acabam suprindo ali também, porque acaba sendo um grupo de pertencimento, um local para cultivar amizades (Áudio da Reunião 05).

Neste momento, após ter abordado alguns dos elementos que fazem parte do cotidiano da equipe *Match Point*, entendo que seja apropriado explicar algo que, propositalmente, não foi explicado na apresentação do campo de pesquisa, quando o nome fictício da equipe apareceu pela primeira vez neste relatório. A escolha desse nome foi motivada justamente por essas questões que envolvem as características da equipe e o contexto da prática.

No voleibol, a expressão *Match Point* é utilizada para indicar o ponto que decide o jogo, isto é, o último ponto da partida. Quando acaba o jogo,

concomitantemente, existem dois tipos de situações e de sentimentos diferentes. De um lado, a satisfação de quem venceu a partida, e, do outro, a frustração de quem perdeu. Na realidade da equipe *Match Point* é como se estivessem o tempo todo e ao mesmo tempo experimentando a iminência da vitória e da derrota. As atletas convivem constantemente com o prazer e com a alegria que a participação esportiva proporciona, mas também com a dúvida sobre as possibilidades de manutenção do grupo e de continuidade dos treinos.

Como se não bastasse todas as dificuldades que a equipe precisa enfrentar para garantir a participação esportiva, outro (e talvez o maior) desafio que se apresenta é a grande influência da lógica do esporte de rendimento, que interfere na compreensão da própria prática. Apesar do companheirismo e dos objetivos comuns, o “fantasma” da cobrança por desempenho e da exclusão das atletas menos habilidosas assombra o grupo seguidamente. Ao mesmo tempo em que se promove o bem estar proporcionado pela prática do voleibol e pelo pertencimento ao grupo, é um desafio lidar com as crenças quanto ao modelo de esporte e de treinamento que conhecem e acreditam, mesmo que irrefletidamente, que deva ser reproduzido.

Podemos refletir sobre a influência do esporte de rendimento por meio de estudos referentes ao financiamento dos programas de esporte e lazer no Brasil. Almeida e Marchi Júnior (2010) investigaram quanto, em recursos financeiros, os programas de esporte e lazer receberam sob forma de gastos diretos do Governo Federal e através de repasses aos estados e municípios entre os anos de 2004 e 2008. Para isso, buscaram dados da Controladoria Geral da União, que demonstraram que o esporte de rendimento foi priorizado no recebimento de recursos do poder público federal brasileiro.

A produção científica da área da Educação Física também contribui para identificarmos essa grande influência. Dois estudos, de diferentes autores, retratam o quanto o voleibol de rendimento tem sido priorizado em detrimento das outras manifestações desse esporte (educacional e de participação).

Impolceto e Darido (2016) realizaram uma revisão bibliográfica sobre a produção acadêmica da área da Educação Física em relação ao voleibol e ao voleibol escolar, buscando por livros, capítulos de livros, dissertações, teses e artigos de periódicos publicados de 2003 a 2012. Essas autoras concluíram que além de haver poucos trabalhos sobre voleibol, os temas relacionados à subárea da

biodinâmica foram predominantes em relação aos temas das subáreas pedagógica e sociocultural. Ou seja, a maioria dos trabalhos eram voltados para aspectos da *performance* esportiva.

Lopez, Silveira e Stigger (2016) mapearam a produção de artigos acadêmicos sobre o voleibol, publicados durante toda a existência de quatro periódicos brasileiros de grande expressividade na área da Educação Física. Em seguida, identificaram em que subárea do conhecimento esses artigos foram publicados. Concluíram que mais de 70% da produção analisada fazia parte da subárea biodinâmica e abordava apenas uma forma de expressão do voleibol, a de rendimento.

Em diversas obras que apresentam o voleibol como objeto de estudo, é comum encontrarmos textos introdutórios que discorrem sobre o histórico da modalidade no cenário brasileiro. Um aspecto que geralmente é ressaltado nesses textos, refere-se à expressividade dos resultados que as seleções masculina e feminina vêm alcançando no cenário mundial nas últimas décadas. Esse fator, aliado ao conseqüente aumento de visibilidade na mídia, costuma ser associado ao crescimento da popularidade do voleibol no Brasil e ao envolvimento de mais pessoas com essa prática esportiva.

Assim, ao mesmo tempo em que o voleibol de rendimento impulsiona a busca pela prática da modalidade, dependendo de como essa prática é conduzida, o mesmo voleibol de rendimento que incentiva a participação pode contribuir para a exclusão das pessoas e para o abandono da prática.

No caso da equipe *Match Point*, a reflexão sobre o contexto da prática precisa ser retomada frequentemente. Durante as discussões que se fazem necessárias, na tentativa de compreender o contexto e de construir/desconstruir/reconstruir os objetivos da equipe, algumas ideias preconcebidas sobre a prática do voleibol têm sido identificadas nas falas das atletas. Dentre elas: (a) vencer os jogos é o objetivo principal; (b) deve haver um time titular e um time reserva bem definidos; (c) os treinos precisam enfatizar o domínio dos gestos técnicos do voleibol; (d) cada jogadora precisa dominar uma função específica no jogo, e para isso precisa treinar e jogar sempre na mesma função; (e) a treinadora tem a primazia para definir a função de cada atleta no jogo; (f) a treinadora deve decidir de quais competições a equipe pode ou não participar; (g) a treinadora detém o conhecimento e deve agir de forma enérgica para estimular o melhor desempenho da equipe.

Esses são alguns exemplos (outros poderiam ser citados) de pensamentos fundamentados na lógica do esporte de rendimento que circulam entre as atletas da equipe *Match Point*. Podemos perceber o quanto está implícito um padrão, um modelo a ser seguido, no qual cada atleta é especialista na sua função, são priorizadas as jogadoras mais habilidosas, e a razão da existência da equipe é vencer competições. Também podemos observar que a concepção de ensino/treino de voleibol é fortemente marcada pelo modelo tradicional, com ênfase no desenvolvimento da técnica, e, com a figura de um(a) treinador(a) todo (a) poderoso(a) que centraliza os conhecimentos e as decisões.

Essas ideias provocam ambiguidades e tensões quando são confrontadas com as características da equipe, com sua heterogeneidade em termos de habilidades tático-técnicas, e, com o desejo de promover a participação e a amizade, incluindo em vez de excluir as pessoas. É como se quisessem criar seu próprio modelo de participação esportiva, mas existisse um modelo padrão que, ao ser comparado, deslegitimasse o que são capazes de fazer.

Marques, Almeida e Gutierrez (2007), em artigo que trata das manifestações do esporte na sociedade contemporânea, afirmam que toda a atividade esportiva tem um sentido e ocorre a partir de determinada modalidade, o que vai definir os valores que poderão ser transmitidos. Quanto ao sentido da prática, argumentam que é dado de acordo com as intenções e com o contexto em que ela ocorre, e, que, esse sentido, “deriva das condições sociais, culturais e históricas dos indivíduos envolvidos, que exercerão influência sobre a concepção da atividade” (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007, p. 231). Já as modalidades, são compreendidas como as “atividades realizadas sob um caráter esportivo, que possuem regras e normas próprias, muitas vezes controladas por órgãos reguladores” (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007. P. 226).

Esses autores exemplificam que uma atividade que transmite segregação, comparações objetivas e concorrência, se diferencia de outra que transmita inclusão, autovalorização e cooperação, e, acrescentam que essa diferenciação se dá entre práticas esportivas de alto rendimento e de lazer, respectivamente. No entanto, pode haver um processo de reprodução das especificações do esporte de alto rendimento no esporte de lazer, que privilegia os participantes com maior capacidade de adaptação ao jogo e estimula a ocorrência de situações de busca por

vencedores, de comparação de performances e de segregação. (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Esses conhecimentos configuram-se em importante contribuição para o processo de reflexão sobre a prática pedagógica que ocorre junto à equipe *Match Point*, que agrega na sua constituição características de iniciação esportiva tardia, de equipe de competição, e, ao mesmo tempo, de esporte de lazer. Contudo, não na direção de encontrar respostas, mas de suscitar novas perguntas: quais são as responsabilidades de quem participa disso tudo no papel de treinadora? Qual é o peso do fato de também ser uma mulher? E será que é possível separar as alegrias e as frustrações vividas em experiências anteriores (os retalhos) com o voleibol? E será que é preciso separar? Ou será que são todos esses fatores que me mobilizam a querer fazer o melhor de mim por elas e com elas?

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Nesse momento, ao escrever um “desfecho” para o texto apresentado, me deparo com a que talvez seja a tarefa mais difícil do processo de uma pesquisa envolvendo a prática pedagógica reflexiva. Como sintetizar em poucas palavras tudo que aprendi? Parece impossível! Até porque, talvez eu ainda nem consiga saber ao certo as dimensões das transformações que essa experiência me proporcionou.

Recordo-me de uma das primeiras conversas com o professor orientador desta pesquisa, quando ainda tentávamos identificar qual seria o nosso foco, diante de tantas possibilidades que emergiam da minha prática pedagógica enquanto treinadora de voleibol iniciante. Na ocasião, eu lhe disse que não gostava de ser chamada de treinadora, e, que preferia ser chamada de professora pelas minhas alunas. Isso, porque o termo “treinadora” me remetia a um adestramento de pessoas, e eu não me sentia confortável nesse papel. Conversamos sobre o quanto as minhas experiências anteriores influenciavam esse sentimento, e como a busca por novos caminhos para o ensino dos esportes me permitiria ser diferente dos modelos que eu conhecia. Não sei dizer se agora me sinto melhor em relação a essa palavra, mas o fato é que busquei desacomodar essa ideia me autodenominando treinadora neste relatório de pesquisa.

O registro de todo o processo da pesquisa-ação realizada faz parte da minha busca por uma identidade pedagógica. E é essa condição de busca, que se configura no desconfiar das minhas escolhas, e no reconhecimento da necessidade de constante transformação, que dá e continuará dando sentido à minha prática pedagógica. Além disso, ao expor esses registros, talvez eles possam ocasionar que outras pessoas desejem dialogar sobre o tema, o que seria muito bem-vindo.

A pesquisa foi conduzida a partir da seguinte questão: **de que forma é possível implementar o sistema tático 5:1 em uma equipe máster de voleibol feminino por meio da compreensão do jogo, considerando aspectos da sua lógica interna e externa?** Assim, definimos objetivos, e, passamos a planejar os treinos, a colocá-los em prática, a relatar e refletir sobre os acontecimentos, a buscar alternativas para solucionar problemas, a fazer relações com aportes teóricos, enfim, tudo o que foi descrito e analisado neste relatório de pesquisa.

Desse modo, construímos o caminho para a implementação do sistema tático 5:1 com o foco do processo de ensino/aprendizagem inicialmente voltado às ações

da levantadora. Isso, devido à centralidade assumida por essa jogadora no sistema 5:1, e por suas ações sofrerem mudanças consideráveis em relação ao sistema 4:2 (com o qual a equipe jogava anteriormente), principalmente quando encontra-se na zona de trás da quadra. Assim, partimos das situações do jogo nas quais a levantadora está posicionada na zona de trás da quadra, avançando, progressivamente, para suas ações na zona da frente da quadra, e, no primeiro momento, realizando as trocas de posições em quadra apenas em função dessa jogadora. Na sequência, introduzimos as ações das atacantes e as trocas de posições necessárias para o desempenho das suas funções no jogo, construindo, assim, o sistema de jogo completo. Para isso, criamos e utilizamos estratégias pedagógicas que incluíram: jogos para conscientização tática com número reduzido de participantes (03x03 e 04x04); jogos 06x04 com observadoras preenchendo a planilha de avaliação; jogos 06x06 adaptados para inserção de novos elementos táticos; atividades tático-técnicas para o desenvolvimento do passe; e repetição do jogo principal de cada treino para revisão das aprendizagens.

Convém salientar que o processo de implementação apresentado neste TCC não tem a pretensão de ser um modelo prescritivo de ensino para o 5:1, mas sim, de contribuir como um exemplo de construção do ensino com base na compreensão das lógicas interna e externa do esporte, e, portanto, centrado na aprendizagem das alunas/atletas. Conseguimos, dessa forma, ensinar o sistema tático 5:1 para a equipe por meio de jogos elaborados para compreensão, mas outras pessoas em outros contextos poderão conseguir realizar de outro jeito, criando outros jogos e utilizando outras estratégias pedagógicas que também proporcionem a compreensão do sistema.

Considerando que todo o desenvolvimento desse processo foi fundamentado pelo entendimento de que o conhecimento é construído na interação entre sujeitos ativos e não transmitido para sujeitos passivos, preciso dar destaque para a colaboração que existiu entre os participantes da pesquisa. O trabalho colaborativo entre atletas/treinadora/amigo crítico foi determinante para o sucesso da implementação do sistema tático 5:1 no contexto pesquisado. Os saberes compartilhados foram fundamentais para a construção dos conhecimentos durante a pesquisa, pois aprendemos e nos transformamos no contato com o outro, com suas ideias, e ao ouvirmos sobre suas experiências.

No caso das reuniões de discussão e planejamento, foi uma espécie de rompimento, mesmo que momentâneo, com o habitual planejamento solitário característico da prática pedagógica dos(as) professores(as)/treinadores esportivos. Refletir sobre os treinos junto com o amigo crítico, ser questionada sobre as minhas decisões e ouvir sugestões de alguém com experiências interessantes para compartilhar, foi uma experiência muito enriquecedora. A rotina de relatar e explicar as minhas ações, de concordar e discordar, de fazer comparações com experiências anteriores de ambos, me ajudou a organizar e a reorganizar o pensamento e os conhecimentos, buscando uma coerência interna, capaz de ser traduzida em estratégias de ensino. E isso, ainda mais potencializado pelo fato das discussões ficarem gravadas em áudios, de forma que foi possível ouvi-las quantas vezes fossem necessárias.

O diálogo constante com as atletas e os *feedbacks* fornecidos por elas também foram fundamentais para “calibrar” as decisões. As contribuições da equipe *Match Point* demonstraram que as atletas estão constantemente produzindo conhecimento e não apenas reproduzindo informações recebidas, pois são capazes de encontrar soluções criativas para os problemas do jogo, de sugerir novas formas de organização, mesmo partindo de um sistema de jogo preexistente. Por esse motivo, as considero minhas parceiras no processo de construção dos treinos, e, principalmente, na avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Arrisco-me a dizer que quem mais aprendeu em todo o processo fui eu, pois aprendi ao ter que aprender pra ensinar, e novamente aprendi ao ver os conhecimentos sendo transformados pelas atletas, ao colocarem em prática ou sugerirem ações que eu não havia pensado antes.

Alguns desafios que fizeram parte do processo podem ser destacados. O principal deles foi o de construir todo o processo sem que houvesse variedade de referências na literatura sobre o ensino do voleibol por meio de jogos para compreensão. Sendo as referências existentes, na sua maioria, voltadas aos esportes de invasão, que apresentam uma lógica interna diferente da lógica interna do voleibol. Também verifiquei a escassez de trabalhos que abordassem a iniciação esportiva tardia. Assim, houve preocupação ao utilizarmos algumas referências, no sentido de não infantilizar o treino com a maneira de elaborar e de conduzir os jogos criados para a compreensão.

Outros desafios que fizeram parte do processo da pesquisa dizem respeito aos elementos relativos à lógica externa do esporte, que, por vezes, estão latentes no ambiente dos treinos, e, em outras ocasiões, tomam conta desse espaço/tempo. Conforme discutido, a participação das mulheres no esporte requer o enfrentamento e a superação de dificuldades que historicamente fazem parte da estrutura da nossa sociedade. Além disso, constantemente, precisa haver reflexão sobre a necessidade de rompimento com o modelo tradicional de ensino dos esportes. Com suas maiores influências circunscrevendo a maneira de pensar o ensino da técnica isolada como prioridade na iniciação esportiva, a centralidade da figura do(a) professor(a)/treinador detentor(a) do conhecimento, e o modelo do esporte de rendimento como padrão a ser copiado.

Assim, o ensino do esporte, e neste caso do voleibol, mesmo ocorrendo junto a uma equipe de mulheres adultas, acaba apresentando um caráter educativo. Antes de me envolver com o voleibol na vida adulta (como praticante e depois como treinadora), não supunha o quanto algumas questões estariam presentes. No cotidiano da equipe *Match Point*, estão presentes tensionamentos sobre questões éticas, sobre valores, sobre regras de convivência, sobre exclusão, sobre conflitos no grupo, dentre outros. E não é uma tarefa fácil lidar com todas essas questões em um grupo de pessoas adultas, pois, muitas vezes, não são permeáveis a problematizações nesse sentido, por já possuírem crenças e convicções preestabelecidas e solidificadas.

Portanto, ensinar esportes de maneira que as pessoas compreendam o que estão fazendo, para que possam pensar criticamente sobre as próprias ações, eu diria que, é muito mais do que escolher modelos teóricos para o ensino. Trata-se de respeito para com a aprendizagem e para com a vida das pessoas, que são sujeitos emocionais, mas também históricos e políticos, assim como quem ensina. Logo, sempre há dimensões históricas e políticas por trás das tendências, dos discursos, das ações e do ensino, mesmo que as pessoas envolvidas não percebam, e, o que nos cabe é decidirmos se seremos meros reprodutores de modelos ou agentes transformadores da realidade social. É nesse contexto complexo que tenho buscado compreender qual é o meu papel enquanto professora/treinadora de voleibol. E, por isso, ressalto a importância da formação profissional dos(as) professores(as)/treinadores esportivos, pois para uma prática pedagógica reflexiva e fundamentada não basta apenas saber jogar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, B. S.; MARCHI JÚNIOR, W. O Financiamento dos Programas Federais de Esporte e Lazer no Brasil (2004 a 2008). **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 73-92, out./dez. de 2010.

BELLI, T. Pedagogia do Esporte e Tênis de Mesa: novas perspectivas para o ensino-treino do efeito na iniciação esportiva tardia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 2, abr./jun., 2017.

BOJIKIAN, J. C. M.; BOJIKIAN, L. P. **Ensinando Voleibol**. 5. ed. São Paulo: Phorte, 2012.

BORGES, R. M.; DINIZ, I. K. S. Voleibol. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Esportes de Marca e com Rede Divisória ou Muro-Parede de Rebote**: práticas corporais e a organização do conhecimento. 2ª ed. Maringá: Eduem, v. 2, p. 373-458, 2014.

BRACHT, V. et al. **Pesquisa em Ação**: Educação Física na escola. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. (Coleção Educação Física).

CONNELLY, Michael F.; CLANDININ, Jean D. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

GALLAHUE, D.; OZMAN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos, São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GOELLNER, S.V. Mulher e Esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n.1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, 2012.

GONZÁLEZ, F. J. O Ensino dos Esportes. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Esportes de Marca e com Rede Divisória ou Muro-Parede de Rebote**: práticas corporais e a organização do conhecimento. 2ª ed. Maringá: Eduem, v. 2, p. 29-60, 2014.

GONZÁLEZ, F. J. Sistema de classificação dos esportes. In: REZER, R. (Org.). **O fenômeno esportivo**: ensaios crítico-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006. p. 111-120.

GREHAIGNE, J. F.; CATY, D.; GODBOUT, P. Modelling ball circulation in invasion team sports: a way to promote learning games through understanding. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 15, n. 3, 257–270, 2010.

IMPOLCETO, F. M.; DARIDO, S. C. O “Estado da Arte” do voleibol e do voleibol na escola. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 175-186, 2016.

KAWASHIMA, L.B.; MOREIRA, E. C. A Pesquisa-ação em Educação Física escolar: um estudo exploratório nos programas de pós-graduação. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 3, jul/set, 2016.

LIMA, C. O. V.; MARTINS-COSTA, H. C.; GRECO, P. R. Relação entre o processo de ensino-aprendizagem-treinamento e o desenvolvimento do conhecimento tático no voleibol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.251-61, abr./jun., 2011.

LOPEZ, L. A.; SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. O campo da Educação Física visto a partir da produção acadêmica sobre Voleibol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v.38, n.3, p. 235-242, 2016.

LUGUETTI, C. et al. Developing teachers’ pedagogical identities through a community of practice: learning to sustain the use of a student-centered inquiry as curriculum approach. **Sport, Education and Society**. May 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13573322.2018.1476336>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

MACHADO, A. A. **Voleibol: do aprender ao especializar**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, set./dez. de 2007.

MESQUITA, I. Modelos de Ensino do Desporto Centrados no Aluno: imperativo do desporto moderno. In: GONZALEZ, R.H.; MACHADO, M. M. T. (Orgs.) **Pedagogia do Esporte: novas tendências**. Uberlândia: Tavares & Tavares, 2017.

MILISTETD, M. et al. Concepções de treinadores “experts” brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.79-93, jan./mar., 2010.

MOLINA, R. M. K.; MOLINA NETO, V. Pesquisar com narrativas docentes, In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A Pesquisa Qualitativa na**

Educação Física: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 165-176.

MOYA, F. E. El Concepto de Táctica Individual en los Deportes Colectivos. **Educación Física y Deportes**, v. 51, p. 16-22, 1997.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PIMENTEL, R. M.; GALATTI, L. R.; PAES, R.R. Pedagogia do Esporte e Iniciação Esportiva Tardia: perspectivas a partir da modalidade basquetebol. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 115, jan./abr., 2010.

SANTINI, J.; LIMA, L. D. C. **Voleibol Escolar:** da iniciação ao treinamento. Canoas: Ed. Ulbra, 2008.

SILVA, L. O. **Um estudo de caso com mulheres professoras sobre o processo de identificação docente em educação física na rede municipal de ensino em Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SOUZA, M.I.G.F.M.; FERNANDES, M.A.F. O autoestudo e as abordagens narrativo-biográficas na formação de professores. **Educação**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 297-306, maio/ago, 2014.

TANI, G. et al. **Educação Física escolar:** fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista, São Paulo: Edusp, 1988.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez, 2005.

WITTIZORECKI, E. S. et al. Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 09-33, maio/ago, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa intitulada “**A prática pedagógica do professor/treinador esportivo: implementação das abordagens atuais no ensino dos esportes**”, sob a responsabilidade de Guy Ginciene, professor adjunto da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dessa forma, pedimos que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, a participação neste estudo. Se você aceitar, receberá uma via deste Termo para que possa questionar sobre eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim desejar.

Este estudo tem o objetivo de conhecer a prática pedagógica de professores /treinadores esportivos e implementar novas abordagens de ensino dos esportes, visando o desdobramento em publicações, em Revistas e Congressos científicos relacionados com a área da Educação Física, dos conhecimentos construídos durante a pesquisa. Assim, ao aceitar esse convite, você estará contribuindo para a produção de conhecimentos, pois, por meio da sua participação, poderemos implementar e refletir sobre novas abordagens para o ensino dos esportes, e sugerir novas propostas e estratégias com potencial para auxiliar outros professores/treinadores em suas práticas.

Os procedimentos que pretendemos realizar são: observações e registros em diários das aulas e treinos que você participar. Sua adesão como participante deste estudo não oferecerá nenhum risco à sua saúde, e, haverá cuidado para que não sejam submetidas a situações constrangedoras. Ainda assim, você poderá desistir de participar a qualquer momento, solicitar que alguma situação não seja registrada em diário, ou solicitar que o pesquisador se retire do ambiente, sem prejuízo algum. No entanto, caso deseje participar, ficará assegurada a preservação da sua identidade. Ressaltamos, ainda, que você não terá despesas ou remuneração para a participação nesta pesquisa.

Após a leitura deste Termo, se você estiver suficientemente esclarecida sobre esta pesquisa, e estiver à vontade para isso, lhe convidamos a assiná-lo.

A qualquer momento, se você considerar que necessita de novos esclarecimentos ou informações adicionais sobre sua participação nesta pesquisa, sinta-se à vontade para perguntar ao pesquisador pessoalmente ou por meio dos contatos a seguir.

Contatos para esclarecimentos de dúvidas:

Instituição: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS)

Endereço: Rua Felizardo, n. 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3308 5834

E-mail: esef@esef.ufrgs.br

Professor Dr. Guy Ginciene

Fone: (51) 3308 5858

E-mail: guy.ginciene@ufrgs.br

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS - Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ)

Endereço: Av. Paulo Gama, n. 110, Sala 321, Prédio Anexo 01 da Reitoria, Campus Centro, Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3308 3738

E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

Dr. Guy Ginciene

Professor Adjunto da ESEFID/UFRGS

CONSENTIMENTO

Eu _____, declaro que li as informações oferecidas acima, estou esclarecida sobre as questões referentes à pesquisa e concordo em participar livremente do estudo.

APÊNDICE B – MAPA DE CONHECIMENTOS

Situação*	Posição da levantadora	Fase de jogo	Ações da levantadora**	Ações das atacantes
Saque da equipe	Zona de trás (1, 6 ou 5)	Defender o ataque	Defender na posição 1; Passar para a central ou líbero	Bloquear ou cobrir o bloqueio; Passar para a levantadora
		Construir o ataque	Levantar entre as posições 2 e 3	Passar para a levantadora; Atacar ou cobrir o ataque
	Zona da frente (4, 3 ou 2)	Defender o ataque	Bloquear ou cobrir o bloqueio; Passar para a central ou líbero	Bloquear ou cobrir o bloqueio; Passar para a levantadora
		Construir o ataque	Levantar entre as posições 2 e 3	Passar para a levantadora; Atacar ou cobrir o ataque
Recepção do saque adversário	Zona de trás (1, 6 ou 5)	Defender o saque	Preparar-se para chegar à posição do levantamento	Esconder a levantadora; Passar para a levantadora
		Construir o ataque	Levantar entre as posições 2 e 3	Passar para a levantadora; Atacar ou cobrir o ataque
	Zona da frente (4, 3 ou 2)	Defender o saque	Preparar-se para chegar à posição do levantamento	Passar para a levantadora
		Construir o ataque	Levantar entre as posições 2 e 3	Passar para a levantadora; Atacar ou cobrir o ataque
Bola em jogo	Zona de trás (1, 6 ou 5)	Defender o ataque	Defender na posição 1; Passar para a central ou líbero	Bloquear ou cobrir o bloqueio; Passar para a levantadora
		Construir o ataque	Levantar entre as posições 2 e 3	Passar para a levantadora; Atacar ou cobrir o ataque
	Zona da frente (4, 3 ou 2)	Defender o ataque	Bloquear ou cobrir o bloqueio	Bloquear ou cobrir o bloqueio; Passar para a levantadora
		Construir o ataque	Levantar entre as posições 2 e 3	Passar para a levantadora; Atacar ou cobrir o ataque

*Aprender a posicionar a equipe em quadra nas situações de bola parada: saque da equipe e recepção do saque adversário; aprender as movimentações e trocas de posições necessárias de acordo com as funções de cada jogadora com a bola em jogo.

**Iniciar o processo de implementação pelas ações da levantadora e avançar progressivamente, acrescentando as ações que exigem trocas de posições das atacantes.

APÊNDICE C – FICHA DE AVALIAÇÃO DAS AÇÕES TÁTICAS

LEVANTADORA NA POSIÇÃO _____

AÇÕES OBSERVADAS	SIM	NÃO	ANOTAÇÕES
1- A equipe posicionou com facilidade a levantadora no melhor local no momento do saque adversário? Considerar regra das relações e distância do local para o levantamento			
2 - O passe chegou ao local esperado? Entre 2/3			Se não chegou, onde foi?
3 - A levantadora conseguiu chegar à posição 2/3 antes da bola para o levantamento?			Se não chegou, por quê?
4 - Se outra jogadora assumiu o levantamento, jogou para quem estava mais próxima?			
5 - A levantadora deslocou-se para a posição de defesa (01) imediatamente após realizar o levantamento?			
6 - A equipe evitou que a levantadora tivesse que passar bolas que vieram de graça da equipe adversária?			
7 - O saque teve a nítida intenção de atrapalhar a ação da levantadora?			Se sim, como atrapalhou?
8 - O ataque caiu direto no chão?			
9 - O ataque foi na direção da levantadora? Posição 01			

ANEXOS

ANEXO I - CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, xxxx, presidente da xxxx (Associação de Pais e Mestres do Colégio xxxx – CNPJ xxxx), autorizo a realização da pesquisa intitulada “A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR/TREINADOR ESPORTIVO: implementação das abordagens atuais no ensino dos esportes”, sob a responsabilidade do pesquisador Dr. Guy Ginciene, junto à equipe de voleibol feminino adulta do Colégio xxxx.

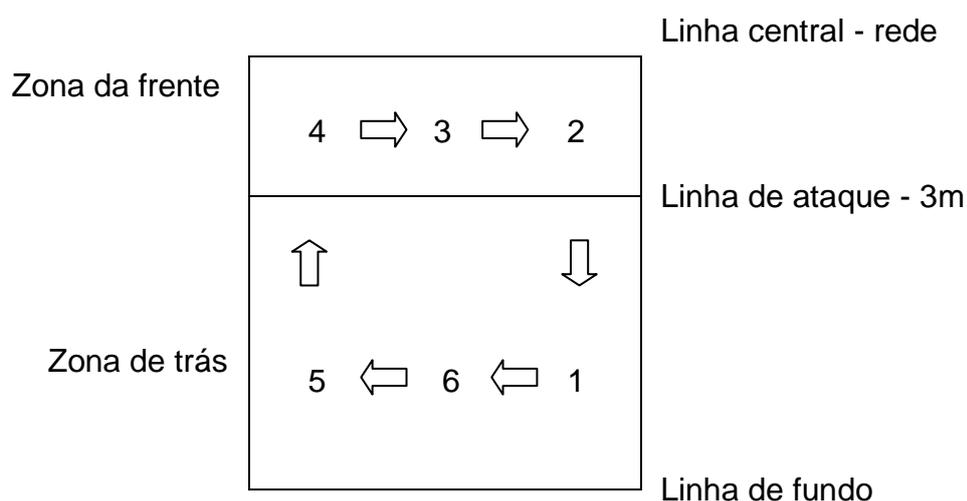
XXXXXXXXXX

Presidente da Associação de Pais e Mestres do Colégio xxxx

ANEXO II – MATERIAL DIDÁTICO: posições em quadra e posições relativas das jogadoras no momento do saque

VOLEIBOL – POSIÇÕES EM QUADRA E SUAS RELAÇÕES

- As posições na quadra são contadas a partir da posição do saque;
- A posição do saque é a posição 01, pois é onde a bola é colocada em jogo;
- As demais posições são contadas de 02 a 06, considerando quem será a próxima jogadora a chegar à posição do saque;
- A rotação (⇨) ocorre em direção à posição 1 (saque), no sentido oposto ao da contagem das posições em quadra (próxima que irá sacar);



Independentemente do sistema de jogo utilizado (6:0; 4:2; 5:1), no momento do saque da própria equipe ou da equipe adversária, as relações entre as posições em quadra devem ser mantidas:

- A jogadora que está na posição 01 deve ficar atrás da jogadora da posição 02 e à direita da jogadora da posição 06;
- A jogadora que está na posição 02 deve ficar à frente da jogadora da posição 01 e à direita da jogadora da posição 03;

- A jogadora que está na posição 03 deve ficar à frente da jogadora da posição 06, à esquerda da jogadora da posição 02 e à direita da jogadora da posição 04;
 - A jogadora que está na posição 04 deve ficar à frente da jogadora da posição 05 e à esquerda da jogadora da posição 03;
 - A jogadora que está na posição 05 deve ficar atrás da jogadora da posição 04 e à esquerda da jogadora da posição 06;
 - A jogadora que está na posição 06 deve ficar atrás da jogadora da posição 03, à esquerda da jogadora da posição 01 e à direita da jogadora da posição 05.
- Cada jogadora posicionada na zona da frente (à frente da linha de ataque - 3m) terá uma jogadora correspondente na zona de trás (atrás da linha de ataque - 3m), que ficará posicionada na sua diagonal (4-1; 3-6; 2-5).

